



UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURAS E IDENTIDADES
CURSO DE MESTRADO – UFRPE/FUNDAJ

THIALY THAIS DA SILVA

**PERSPECTIVAS DE FUTURO DE ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE UM
PROJETO SOCIAL: COMPREENDENDO OS SENTIDOS DAS AMIZADES**

Recife
2022

THIALY THAIS DA SILVA

**PERSPECTIVAS DE FUTURO DE ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE UM
PROJETO SOCIAL: COMPREENDENDO OS SENTIDOS DAS AMIZADES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades Associado Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Mendes de Andrade e Peres.

Recife
2022

S586p

SILVA, THIALY THAIS DA
PERSPECTIVAS DE FUTURO DE ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE UM PROJETO SOCIAL:
COMPREENDENDO OS SENTIDOS DAS AMIZADES / THIALY THAIS DA SILVA. - 2022.
129 f. : il.

Orientadora: Flavia Mendes de Andrade e Peres.
Inclui referências e apêndice(s).

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Culturas e Identidades, Recife, 2022.

1. Adolescência. 2. Dialogismo. 3. Relações de Amizade. 4. Perspectiva de Futuro. . I. Peres, Flavia Mendes de
Andrade e, orient. II. Título

THIALY THAIS DA SILVA

**PERSPECTIVAS DE FUTURO DE ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE UM
PROJETO SOCIAL: COMPREENDENDO OS SENTIDOS DAS AMIZADES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades Associado Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco.

Aprovada em 01.08.2022

BANCA EXAMINADORA



Dr^a. Flávia Mendes de Andrade e Peres - Universidade Federal Rural de Pernambuco -
Orientadora e Presidente



Dr^a. Jaileila de Araújo Menezes – Universidade Federal de Pernambuco -
Examinadora Externa



Dr . Hugo Monteiro Ferreira - Universidade Federal Rural de Pernambuco
Examinador Interno

*A todas as pessoas que formam a minha rede de afeto e me incentivaram a chegar até aqui.
A minha mãe Rosinete Silva (em memória), minha grande incentivadora que se foi antes de
contemplar este momento, ao meu esposo Djonathan Sá, meu maior incentivador e a minha
orientadora Flávia Peres por se tornar também uma incentivadora nesse processo.*

AGRADECIMENTO

Sou grata a Deus por me guiar neste caminho até o mestrado e estar presente na minha vida em todos os momentos. Sou grata por minha história de vida perpassada por redes de afetos e perspectivas de futuro que formaram aos poucos a realização deste trabalho.

Sou grata por minha mãe Rosinete Silva (em memória), que se foi de forma tão inesperada apenas a dez meses e não conseguiu me ver fechar este ciclo, mas que tenho certeza que continua torcendo por mim onde ela está. Uma mulher negra e analfabeta que era a minha grande incentivadora nos estudos, mesmo sem entender muito do processo, que me levava para fazer as provas dos vestibulares e ficava na porta esperando até eu terminar. A ela só tenho a agradecer pela grande mulher forte que foi e me ensinou a ser.

Sou muito grata por meu esposo Djonathan Sá, por acreditar em mim desde sempre e ser também o meu maior incentivador e apoiador, aqui deixo a fala que ele mais repete para mim “eu acredito em você”. Sou grata a toda minha família, a minha avó Francisca Silva que sempre esteve comigo e a todos os meus amigos e amigas, em especial Alice, minha sempre confiante e inspiração para falar de amizade neste trabalho, a Elenice por sua fiel amizade, por ser exemplo para mim e sempre me incentivar nos estudos. As amigas que conheci no mestrado, Nialen, Mayara, Carla e Daiana que foram uma grande rede de afeto que perduram até hoje. Enfim, sou grata por todos os amigos que conheci, que estão na minha vida e também todos que não estão mais, mas que um dia pude chamar de amigos. Grata também a minha orientadora Flávia Peres por todo afeto e apoio em todo esse tempo atípico de pandemia e mestrado.

Sou grata por ter experienciado uma vivência de projetos sociais desde a minha adolescência, sou grata pela honra de ter sido educadora de um projeto social e ter tocado na vida de crianças e adolescentes que me fizeram refletir profundamente na minha trajetória e me inquietaram a não parar ali, mas ir além e pesquisar adolescentes de projeto social. Sou grata também por todos os educadores que formavam uma rede de afeto forte. Sou grata também por tocar pela segunda vez, mesmo que de forma mais rápida no projeto social o qual esta pesquisa se realizou, grata demais pelo coordenador do projeto que me acolheu sempre de forma muito humana e atenciosa e ajudou em todo o necessário para que essa pesquisa se realizasse, grata pelos queridos adolescentes participantes dessa pesquisa por me deixar tocar um pouco nas suas histórias, por ter feito da pesquisa um momento tão agradável e aos responsáveis por cada um dos adolescentes que também foram muito atenciosos e contribuíram com tudo. **Não só pela finalização desse ciclo, mas por tudo que vivi no processo, a minha gratidão!**

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como adolescentes, participantes de um projeto social da periferia do Recife-PE, produzem sentido para as amizades em suas perspectivas de futuro. Para isso, é realizada uma problematização entre os termos *adolescência* e *juventude* para além dos fatores etários, em que se pode abordar os dilemas da sociedade pós-moderna, através dos conceitos de *modernidade líquida*, exposto por Bauman (2015), e o conceito de *tribos*, de Maffesoli (1998). Parte-se também de uma abordagem histórico-cultural em psicologia e educação, que concebe o desenvolvimento humano como constituído linguisticamente, nas interações sociais. Desse modo, foi realizado um levantamento bibliográfico de estudos recentes sobre amizade, perspectivas de futuro e projetos sociais, relacionados à *juventude* e *adolescência*, para reflexões sobre a dinâmica dos afetos entre esses sujeitos. Trata-se de uma pesquisa eminentemente qualitativa, com características da etnografia virtual, que se deu através da realização de um grupo focal *on-line*, realizado com cinco adolescentes de um projeto social situado na periferia da cidade do Recife-PE. Através da análise dialógica do discurso, fundamentada no círculo de Bakhtin, foi possível verificar as relações de alteridade, por meio de categorias discursivas que evidenciam as vozes sociais nos enunciados. Os resultados desta pesquisa apontam para uma conexão entre aspectos das relações de amizade com as perspectivas de futuro dos adolescentes, perpassados por relações dialógicas de incertezas, inseguranças e desesperanças. Também foi possível identificar um movimento instável nas relações de amizade, assim como de imediatez em relação ao futuro. Apesar disso, a relação com o mundo passa fortemente pela alteridade, sendo que amigos e pessoas significativas do grupo social ao qual pertencem, como educadores do projeto social, favorecem relações dialógicas com perspectivas de mais confiança em relação ao futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência. Dialogismo. Relações de Amizade. Perspectiva de Futuro.

ABSTRACT

This research aimed to understand how adolescents, participants of a social project in the outskirts of Recife-PE, produce meaning for friendships in their future perspectives. To this end, a problematization is made between the terms adolescence and youth beyond the age factors, in which the dilemmas of postmodern society can be addressed, through the concepts of "liquid modernity", exposed by Bauman (2015), and the concept of "tribes", by Maffesoli (1998). It is also based on a cultural-historical approach in psychology and education, which conceives human development as linguistically constituted in social interactions. In this way, a bibliographical survey of recent studies on friendship, future perspectives, and social projects, related to youth and adolescence, was carried out in order to reflect on the dynamics of affections among these subjects. This is an eminently qualitative research, with characteristics of virtual ethnography, which occurred through the realization of an online focus group, conducted with five adolescents from a social project located in the outskirts of the city of Recife-PE. Through dialogic discourse analysis, based on Bakhtin's circle, it was possible to verify the relations of alterity, through discursive categories that show the social voices in the statements. The results of this research point to a connection between aspects of friendship relations with the future perspectives of adolescents, permeated by dialogical relations of uncertainty, insecurity, and hopelessness. It was also possible to identify an unstable movement in friendship relations, as well as immediacy regarding the future. Despite this, the relationship with the world is strongly influenced by otherness, and friends and significant people from the social group to which they belong, such as educators from the social project, favor dialogical relationships with prospects of more confidence in relation to the future.

KEYWORDS: Adolescence. Dialogism. Friendship relations. Perspective of Future.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pessoas que utilizaram a internet por grupos de idade.	68
Figura 2: Home Page Site do Projeto Social.....	70
Figura 3: Página Instagram do Projeto Social.....	71
Figura 4: Adolescentes no Projeto Social	86
Figura 5: Amigos.....	89
Figura 6: Futuro.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características dos Participantes da Pesquisa	78
Quadro 2: Apresentação e Características Pessoais dos Participantes da Pesquisa.....	83
Quadro 3: Apresentação e Características pessoais dos Participantes da Pesquisa.	85
Quadro 4: Projeto Social.....	86
Quadro 5: Amizade.	90
Quadro 6: Perspectivas de Futuro.	99

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ECA – Estatuto da Criança e do adolescente

PE – Pernambuco

ABRASCO – Associação Brasileira de Saúde Coletiva

PPGECI – Programa de Pós-Graduação em Educação Culturas e Identidades

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

COVID – 19 – Corona Vírus – 2019

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ADD – Análise Dialógica do Discurso

GF – Grupo Focal

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

SUMÁRIO

MEMORIAÇÕES.....	13
1 INTRODUÇÃO	18
2 ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: DIALOGANDO COM ALGUNS CONCEITOS	22
2.1 Sociedade Pós-Moderna e Juventude	29
2.2 Desenvolvimento de adolescentes na perspectiva histórico-cultural	33
3 DINÂMICA DOS AFETOS E PERSPECTIVAS DE FUTURO DE ADOLESCENTES E JOVENS: O QUE DIZEM OS ESTUDOS SOBRE O TEMA?	38
3.1 Estudos recentes.....	43
3.1.1 Estudos recentes sobre amizade e juventude	44
3.1.2. Estudos recentes sobre perspectiva de futuro e projetos de vida dos jovens.....	53
3.1.3. Estudos recentes sobre Jovens e Projetos Sociais (Periferias e Vulnerabilidade).....	56
3.1.4. Estudos recentes (de 2007 a 2022) sobre Adolescência e Amizade, Adolescência e Projetos Sociais, Adolescência e Projetos de Vida, Adolescência e Perspectivas de Futuro...	60
3.1.5. Estudos atuais (de 2020 a 2022) sobre Amizade e Juventude, Juventude e Projetos Sociais, Juventude e Projeto de vida e Juventude e Perspectivas de Futuro	62
4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	65
4.1 Participantes da pesquisa.....	77
5 ANÁLISE E RESULTADOS.....	83
5.1 Apresentação e Características pessoais.....	83
5.1 Projeto social	85
5.3 Amizade	89
5.4. Perspectiva de Futuro	98
5.5 Dialogando com cada bloco	102
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICE A – Autorização para Pesquisa (Pedido de Carta de Anuência).....	121
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	122
APÊNDICE C – Carta de Anuência para os Adolescentes.....	124
APÊNDICE D – Roteiro Grupo Focal <i>on-line</i>	125

MEMORIAÇÕES

Evidencio o quão necessário se faz este momento de uma escrita que, a partir de lembranças, constitui-se aspecto fundamental para compreensão do fenômeno estudado, diante do *corpus* da presente pesquisa. Entendo como fundamental expressar algumas das minhas vivências pessoais, acadêmicas e profissionais que abarcaram a escolha por um tema que aborda *relações de amizades, perspectivas de futuro, adolescência, juventudes, projetos sociais*. Então, o que aqui exponho é por acreditar que os percursos trilhados na vida não devem ser desconsiderados em uma produção acadêmica, pois penso serem esses caminhos perpassados que formam quem eu sou como um todo.

Como moradora de periferia da cidade do Recife-PE, negra e estudante de escola pública, fiz parte de um projeto social durante a minha infância e adolescência, o projeto se chamava *Escola Aberta*¹, e acontecia aos finais de semana na escola em que eu estudava, onde eram oferecidas diversas oficinas, como aulas de música, crochê, tapeçaria e teatro. Então, me envolvi em algumas dessas oficinas, como música, tapeçaria. Lembro que podia escolher um instrumento para aprender a tocar na aula de música e eu escolhi o teclado, tentei aprender a tocar, mas logo desisti. Depois passei por outras oficinas, como que em um movimento de perceber qual eu gostaria mais de participar e assim fazer minha escolha.

Nesse processo de experimentar, eu gostei da oficina de tapeçaria, a qual eu acredito que a intenção dessa e da oficina de crochê eram que fossem voltadas para as mães que levavam as crianças e jovens para o projeto, a fim de que também participassem. Porém, muitas crianças e jovens começaram a se interessar, junto com os adultos, além da educadora dessa oficina ser muito agradável e demonstrar muita paciência em ensinar a todos, pois a turma de tapeçaria tornou-se bem diversa, contemplando crianças, adolescentes, jovens e adultos. Apesar disso, a união e o bom convívio eram muito presentes na turma.

Eu, por exemplo, participei dessa oficina de tapeçaria com a minha avó, que me levava sempre para a escola e para o projeto nos finais de semana. Não somente eu, mas muitas das minhas amigas da escola também participavam dessa oficina com as mães ou avós. Lembro que combinávamos, durante a semana na escola, de ir no sábado para o projeto e na escola também partilhávamos do que já conseguíamos colocar em prática da oficina de tapeçaria, levando

¹ O Programa Escola Aberta incentiva e apoia a abertura, nos finais de semana, de unidades escolares públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social. A estratégia potencializa a parceria entre escola e comunidade ao ocupar criativamente o espaço escolar aos sábados e/ou domingos com atividades educativas, culturais, esportivas, de formação inicial para o trabalho e geração de renda oferecidas aos estudantes e à população do entorno (BRASIL, 2010).

nossos trabalhos de tapeçaria para escola para compartilhar umas com as outras. Era bem empolgante esse processo de troca e aprendizagem no projeto, que transbordava também para as relações na escola, durante as aulas semanais. Essa motivação não se esgotava na escola, mas eu também me sentia mais empolgada para continuar na oficina, porque em casa, também havia um processo de troca de experiências da tapeçaria com a minha avó. Lembro que eu ia com ela sempre comprar as linhas de lã e os outros materiais que precisavam e fazíamos juntas em casa almofadas e tapetes que aprendíamos na oficina. Tenho guardados até hoje alguns desses trabalhos que fazíamos juntas e, com isso, percebo uma relação interessante entre as gerações, não só de minha parte, mas também das minhas amigas que estudavam comigo na mesma escola e mesma sala de aula e faziam parte das oficinas no projeto social junto as suas mães ou avós. Interessante perceber pessoas da família e de idades diferentes se relacionando e compartilhando de uma mesma atividade proporcionada pelo projeto social.

Depois de um tempo fui crescendo e me afastei do projeto. Já na adolescência, eu voltei, convidada por uma amiga da escola, a qual informou que iriam oferecer aulas de teatro (pois antes não havia essa oficina) e nesse tempo eu e essa amiga compartilhávamos do desejo de ser atriz, então juntas nos empolgamos para participar das oficinas de teatro no projeto. Combinávamos sempre de nos encontrar para irmos juntas, e aqui enfatizo as relações de amizades que serão analisadas nesta pesquisa e que, nesse caso na minha história, favoreceu a rede afetiva que mobilizou uma perspectiva de futuro como elo fundamental para voltar a fazer parte do projeto social.

Nesta experiência na oficina de teatro, a turma era bem variada, pois existiam pessoas que iam para uma aula e faltavam outras, e na aula seguinte já iam pessoas diferentes, não havendo uma continuidade no grupo. Ainda assim, o professor era muito bom, gostávamos muito dele e a partir do seu incentivo passamos a sentir o desejo de ter uma formação profissional em artes cênicas. Ele nos falava até da vontade em formar um grupo além do projeto para trabalhar de forma profissional. Apesar de gostar muito das aulas de teatro, eu precisei sair por questões pessoais, mas também soube, por essa amiga que participava comigo, que depois de um tempo, o projeto tirou a oficina de teatro e em seguida, já foi caminhando para o fim do *Projeto Escola Aberta*.

As experiências dessas aulas de teatro ficaram bem guardadas, de forma que eu passei a desejar a viver o teatro profissionalmente e mais a frente, prestar vestibular para artes cênicas, mas conversei com muitas pessoas e descobri que havia poucas oportunidades de trabalho em Pernambuco, e que as maiores oportunidades para trabalhar com artes cênicas eram nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Então, por esse motivo, e por minhas condições

socioeconômicas, eu precisei desistir desse sonho e escolher outra profissão. Apesar disso, não me sinto frustrada, sou pedagoga e me encontro demais na minha profissão, também não tenho mais vontade de fazer artes cênicas.

Acredito que esse episódio na minha vida é semelhante às histórias em muitas realidades de adolescentes e jovens de periferias. É algo que diz respeito às perspectivas de futuro, nesse caso, as minhas perspectivas de futuro no início da juventude eram de uma forma, mas esta não aconteceu, o que me fez trilhar outros caminhos de vida e profissional. Não me decepcionei com esse processo, mas outros adolescentes e jovens podem ter se frustrado, ou podem vir a se frustrar. Isso justifica pesquisas sobre o tema, tornando relevantes estudos que busquem compreender as perspectivas de futuro no contexto de adolescentes e jovens moradores de periferias, participantes de projetos sociais, como será abordado nesta pesquisa. Acredito que minhas motivações para entrada e permanência no projeto social estavam relacionadas a vivências e trocas de experiências com uma rede de afetos, como os vínculos de amizade, os vínculos familiares (com minha avó) e as interações significativas com os educadores.

Diante do exposto, destaco a importância e a necessidade de estudar as relações socioafetivas que se configuram como processos de amizade em projetos sociais, e como isso ressoa nas perspectivas de adolescentes e jovens de periferia. Em muitos lugares por onde passei e permaneci, houve sempre um envolvimento afetivo de pessoas as quais posso chamar carinhosamente de amigos e amigas, que perpassaram e ainda perpassam a minha história de vida.

Houve um tempo na minha juventude que eu não conseguia finalizar nada que eu começava, já passei por muitos lugares, tive a oportunidade de fazer cursos profissionalizantes e pré-vestibulares, mas poucos foram os que permaneci por muito tempo e, de certo, todos os lugares que permaneci até finalizar o ciclo, sem dúvidas havia junto comigo pessoas que se tornaram amigos e viveram percursos semelhantes, os quais em situações mais difíceis, sustentávamos uns aos outros. A minha graduação em pedagogia, a qual cursei na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi um exemplo da minha permanência até o fim do ciclo, onde encontrei pessoas que se tornaram amigas, as quais tínhamos a oportunidade de nos incentivarmos no longo percurso de cinco anos de graduação.

Em um exemplo mais atual, chego ao Programa de Mestrado em Educação Culturas e identidades (UFRPE/FUNDAJ), o qual estou inserida e onde também encontrei pessoas companheiras. Temos a oportunidade de incentivar umas às outras a permanecer. Acredito que mesmo em meio a dificuldades que aparecem no percurso da vida, nada é insuperável se temos amigos para viver o trajeto conosco. Foram expressos apenas alguns exemplos das minhas

vivências de amizade, porém também há os que me apoiam em todos esses percursos que memoriei, pois vivi muitas experiências também em outros lugares, na escola, igreja, faculdade, trabalho, mestrado, entre outros os quais as relações também foram significativas para mim, em muitas etapas que passei. A importância do apoio que sempre senti dessas pessoas as quais posso chamar de amigos fez e faz a diferença em minha trajetória de vida. Diante disso, existem os amigos que permaneceram e os que passaram, acredito que por um percurso da vida ou por outros motivos, mas todos foram necessários em cada etapa vivida.

Nessa rede socioafetiva, não apenas minha trajetória pessoal, mas também a acadêmica e a profissional, conduziram-me ao interesse por esse tema de pesquisa. Foi na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), durante a graduação, que vi a possibilidade de pesquisar sobre projetos sociais, quando cursei duas disciplinas: *Processos Formativos em Espaços Não Escolares* e *Educação e Trabalho*. Na primeira, realizei uma pesquisa em um projeto social com o trabalho voltado para artes circenses, onde pude obter também contato com adolescentes e jovens participantes do projeto e perceber que o processo educativo não se dá apenas na escola; e a segunda disciplina me fez refletir, como jovem, através da construção de memoriais, sobre as minhas escolhas pessoais e profissionais que não se dão por acaso, mas também tem linhas que se ligam a minha história de vida e às condições sociais as quais me circunstanciam e me fazem refletir sobre as perspectivas de futuro dos adolescentes e jovens.

Além disso, ainda durante a graduação, eu tive a oportunidade de realizar um estágio remunerado de seis meses em um projeto social cuja missão era voltada para crianças adolescentes e jovens de periferia. Nesse projeto, eu realizava atividades dando ênfase à orientação pedagógica, com foco transversal e interdisciplinar. As turmas eram divididas por idade, então eu achava muito interessante quando assumia as turmas dos adolescentes, pois eles traziam em suas vivências diárias muitos temas sociais referentes a sexualidade, diversidade, família, amizade, relações com os educadores e funcionários do projeto, e assim os jovens expressavam várias falas que demonstravam suas inquietações e, a partir destas eu aproveitava para promover discussões quando os temas surgiam na turma. Me aproximei bastante desses adolescentes, tanto nos momentos que eu tinha com eles nas oficinas, quanto em outros momentos, como nos intervalos e nos passeios que o projeto promovia.

Além dessa aproximação com os adolescentes, eu também me identificava com a dinâmica que o projeto social tinha em relação a vivência das relações, pois promovia momentos diários entre os educandos e educadores. Os intervalos exemplificam esses momentos de convivência entre todos, e não apenas entre educadores separados das crianças e adolescentes. Junto a isso, também proporcionava boas vivências entre os educadores,

funcionários e envolvidos com o projeto, eu gostava demais das relações dentro do projeto, posso dizer que fiz amigos, lembro que precisávamos ir alguns dias extras, nos finais de semana, para formações continuadas. Simplesmente, nos intervalos, nós (educadores) nos juntávamos em uma roda de conversa e de maneira informal cantávamos músicas diversas, para todos os gostos, com a colaboração das pessoas que sabiam tocar, que já pegavam os instrumentos e tocavam, momentos muito agradáveis que vivi no projeto e guardo até hoje. Então, posso evidenciar essa minha experiência com adolescentes, junto as relações vividas no projeto, como um vínculo profissional decisivo para a escolha em realizar pesquisas com adolescentes e jovens de projetos sociais, em periferias.

Posso comparar todas essas experiências aqui expostas como sementes que foram plantadas em meu interior e vieram a ser regadas e desenvolver-se em seguida, ou até mesmo um quebra-cabeça que foi encontrando suas peças até chegar ao meu desejo de pesquisa, pois fui entendendo e juntando aos poucos o que me atraía, nesse caso, os projetos sociais, os adolescentes, suas perspectivas de futuro e relações de amizade. A temática da amizade passou a ser inserida no presente projeto de pesquisa, recentemente, já durante o processo do mestrado, em uma reflexão junto a minha orientadora. Achemos por bem e interessante incluir a amizade no trabalho, o que deu todo um sentido novo, mas que talvez já estivesse lá, latente, como na semente ou como uma peça do quebra-cabeça.

Pude perceber que a minha história é toda perpassada por intervenções de amizades, acredito que não apenas eu, mas muitas pessoas também irão se identificar com o desenrolar dessa pesquisa, afinal, acredito que muitos já sentiram o aconchego e o apoio de uma amizade. Aqui não estou a segregar o conceito de amigos, pois acredito que o amigo é aquele que o nosso coração escolhe, seja quem for. Enxergo essa pesquisa não como mais uma a se desenvolver no meio acadêmico, mas será bastante significativa para mim realizá-la, pois não se deu apenas de uma escolha, mas como expressei, tornou-se um desejo de pesquisa, a partir das minhas experiências vivenciadas. Sobre a alusão que também fiz inicialmente a semente que foi plantada, essa ainda está a desenvolver-se e o quebra-cabeça também ainda não completou suas peças, a intenção não é ter algo terminado, mas entender que este estudo se faz no processo em que se encontra.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa caracteriza-se em um campo interdisciplinar, com base em uma abordagem histórico-cultural e uma visão sociointeracionista de educação, as quais consideram que somos constituídos socialmente nas nossas interações ao longo da vida. Com essas lentes, pretende-se compreender como adolescentes participantes de um projeto social da periferia do Recife-PE produzem sentido para as amizades em suas perspectivas de futuro.

Para direcionar esta pesquisa, adotou-se como objetivos específicos: Caracterizar as relações de alteridade nos enunciados de adolescentes de um projeto social; analisar as redes dialógicas nos enunciados dos adolescentes entre as relações de amizade no projeto social e as perspectivas de futuro.

Inicialmente foi exposto um histórico sobre a adolescência que percorre os séculos a partir das características culturais, biológicas, corporais, cognitivas e mostra como os adolescentes foram se desenvolvendo em meio a sociedade, em relação a conquistas e mudanças sociais, dificuldades ultrapassadas e o sentido da adolescência. A construção deste trabalho também se dá a partir do reconhecimento que deve ser lançado às legislações concedidas aos sujeitos, como o *Estatuto da criança e do Adolescente (ECA)* (Lei 8.069, de 13 de julho de 1990) e o *Estatuto da Juventude* (Lei 12.852, de 05 de agosto de 2013), ambos com leis direcionadas aos direitos dos adolescentes e jovens no Brasil. Segundo Miranda (2017), historicamente as leis para o público infanto-juvenil foram constituídas na tentativa de analisar como a sociedade brasileira busca determinar o controle social sobre o cotidiano de meninos e meninas.

Com isso, o *ECA* originou-se de outras leis como a nomeada *código de menores*, promulgada em 1927, a qual afirma que os que estavam em transição para a juventude, em estado de pobreza, abandono ou conflitos com a lei, passavam a ser chamados de menores. A partir da promulgação do *ECA*, surge outra nomenclatura àqueles sujeitos entre 12 e 18 anos, adolescentes. O *Estatuto da Juventude* traz implicações aos sujeitos entre 15 e 29 anos, um intervalo etário que, por essa condição, assim também faz referências diretas ao que é abordado como adolescentes no *ECA*, mas sem usar esse termo. Nessa intersecção etária que vai dos 15 aos 18, vemos que esses sujeitos estão contemplados por leis tanto no *ECA* como no *Estatuto da Juventude*. São os jovens-adolescentes esses sujeitos que se encontram respaldados por dois instrumentos legitimadores de sua condição, o que requer complexificar o olhar para entender essa condição, apesar disso, estes adolescentes e jovens também são vítimas da violência no

Brasil e especificamente em Pernambuco e entram para os índices, como está exposto no capítulo 2 deste trabalho.

Para além do fator da idade, esta nova categoria social atribuída através de instrumentos como estatutos, que normatizam e regulam condições a esses sujeitos, leva a sociedade Brasileira a tomá-los como marcos legais, ampliando reflexões do cenário político ao tema. Então o *ECA* e o *Estatuto da Juventude* têm como intuito garantir direitos humanos e sociais a crianças, adolescentes e jovens, mas só depois da criação do *Estatuto da juventude* no ano de 2013, pessoas de 15 a 29 anos de idade começam a ser considerados jovens “sujeitos de direito”. Esta conquista do *Estatuto da Juventude* se dá a partir de mobilização nacional de entidades estudantis, grupos de culturas juvenis e setores da sociedade civil organizada. Junto a isso, o *Estatuto da Juventude* buscava garantir direitos tendo como essencial a criação do Sistema Nacional de Juventude e o estabelecimento dos conselhos participativos da política pública, ou seja, a promulgação do *Estatuto da Juventude* resulta em um tempo importante para os jovens-adolescentes nas escolhas frente às definições profissionais, caminhos identitários cobrados socialmente, como o momento da escolha profissional e as definições frente ao futuro.

Quando se deparam por momentos críticos que pedem escolhas diante de diversos caminhos como, por exemplo, vestibular, Enem, curso técnico, entre outras definições, os jovens-adolescentes precisam determinar aspectos de seu futuro, ao decorrer da vida. A discussão etária, contida nos estatutos que legitimam cobertura jurídica e definem termos (como criança, adolescente, jovem-adolescente e jovem) a partir das idades, é complexificada nas reflexões sobre periodização do desenvolvimento da adolescência e juventude. Refletindo sobre a situação do Brasil, perpassada por desigualdades de classe, raça e gênero que afetam diversamente a população em suas condições sociais de desenvolvimento humano, necessariamente, o fator etário se fragiliza frente às marcas históricas. Os termos adolescência e juventude no Brasil podem ser, considerando as marcas históricas, utilizados para sinalizar a transição da infância para a vida adulta. Essa contextualização é necessária para entender o porquê da opção teórico-metodológica na presente pesquisa, em que tanto estudos sobre adolescência, quanto estudos sobre juventude serão abordados, na tentativa de dar conta da compreensão do fenômeno. Isso porque, como será visto adiante no trabalho, a faixa etária dos participantes do estudo compreende sujeitos dos 12 aos 15 anos, e essa reflexão etária não é tão importante quanto as marcas histórico-desenvolvimentais que os constituem.

Também é abordado os dilemas dos jovens na sociedade pós-moderna, e os contextos que os rodeiam diante da sociedade contemporânea que traz conceitos como a *sociedade moderna líquida* em um encontro de ordem e caos exposto por Bauman (2015) e também o

conceito de *tribos* de Maffesoli (1998), que permeiam a juventude. Em seguida também é exposto o desenvolvimento dos adolescentes a partir da teoria da psicologia histórico-cultural, essa abordagem acredita que o desenvolvimento individual humano pode ter características das motivações referentes as atividades que o sujeito vivencia. Inseridos no capítulo 2 de Adolescência e Juventude, dialogando com alguns conceitos, que abordará essas questões, aprofundaremos aspectos teóricos que atravessam a discussão particular que interessa neste trabalho, e diz respeito a relações com os outros, configuradas com vínculos afetivos.

No capítulo 3 que trata da Dinâmica dos Afetos e Perspectivas de Futuro de adolescentes e jovens, serão abordados estudos sobre a dinâmica dos afetos a partir das relações de amizade e também um levantamento de estudos recentes sobre amizade, perspectivas de futuro e projetos sociais, relacionados à *juventude e adolescência*. Nesse contexto os estudos recentes sobre o tema, como Latarri (2016) e Amaral (2015), que apontam para as interações entre jovens, nas relações de amizade, acontecerem a partir da identificação com os pares e do compartilhamento de realidades comuns, ou próximas, como acontece com jovens de periferias, os quais compartilham de contextos semelhantes, muitas vezes caracterizados pela falta de recurso financeiro para lazer, por exemplo, e o apelo à criatividade com as situações e espaços que estão ao seu alcance para interagir com os amigos.

Assim como os estudos de Lima (2014) e Schwertner (2010) que trazem elementos que impactam diretamente nas relações de amizade entre os jovens, como a internet, através das redes sociais, o uso dos corpos, a responsabilidade ou a falta desta nas interações. Junto a isso, Villas (2009) e Barbosa (2007) ainda apontam para a necessidade da inserção da discussão sobre relações de amizade nas instituições formais, pois que esse tipo de vínculo aparece como fundamental nas muitas relações formadas na escola, por exemplo, demonstrando que os jovens se organizam por grupos de afinidades.

Os estudos também dizem sobre possibilidades futuras aos adolescentes e jovens, tendo como base os trabalhos de Oliveira (2015) e Purgato (2015), que apontam para as incertezas travadas pelos jovens. Porém junto a isso, há o desejo de continuar os estudos a partir de exemplos de educadores de instituições sociais, a escola figurando como meio de esperança. Interessante é que a perspectiva afetiva e a felicidade aparecem como critérios de escolha para os projetos futuros. No entanto, a realização dos projetos de vida dos jovens não dependeria exclusivamente deles, pois muitas vezes são excluídos por suas condições socioeconômicas, étnicas e de gênero.

É necessário esse aprofundamento a temática das amizades para os estudos das adolescências e juventudes, pois os contextos vividos pelos adolescentes e jovens são todos

perpassados por relações afetivas e muitas vezes são esses vínculos que os conduzem a encontrar os caminhos que ajudam a lidar melhor com as realidades vivenciadas no cotidiano. Diante do exposto, tendo essa pesquisa a finalidade de compreender como adolescentes participantes de um projeto social da periferia do Recife-PE produzem sentido para as amizades em suas perspectivas de futuro; será exposta no capítulo 4 a metodologia da pesquisa, que se ampara na etnografia virtual, estendendo-se em três momentos: i) **imersão virtual**, na qual como pesquisadora escolho o projeto social a ser pesquisado a partir das minhas próprias redes de afetos, por já existir uma determinada aproximação com o campo de pesquisa, como já exposto no início desse texto e também pelo teor do trabalho, que ao focalizar as relações afetivas de amizade, implica um circuito relacional do qual sou parte, como pesquisada; ii) **Aproximação**, no qual os contatos são realizados através de meios de comunicação remota e digitais; iii) A partir disso, é o momento da **interação** propriamente dita, com vínculo intersubjetivo, no qual foi realizado um grupo focal, também de forma remota, com cinco adolescentes de um projeto social com idade entre 12 à 15 anos.

No que concerne ao tipo da pesquisa, a mesma é eminentemente qualitativa, realizada de forma remota, amparada pelas orientações da etnografia virtual. Esta foi escolhida pelo fato de haver, nos contextos contemporâneos, uma aproximação evidente dos jovens com os meios digitais, evidências que são confirmadas por uma pesquisa do IBGE realizada entre 2017 e 2018, que faz uma análise da utilização da internet das pessoas por idade e com isso encontra uma maior predominância de uso das redes pelos mais jovens. Além disso, a realização do grupo focal se deu também para uma agilidade na participação dos sujeitos, por estarem envolvidos em uma realidade de distanciamento social, provocada pela pandemia do COVID-19, exigindo transformações nas relações afetivas diversas.

Diante do exposto, a presente dissertação está organizada a seguir, apresentada e estruturada em capítulos que versam sobre Adolescência e juventude dialogando com alguns conceitos (Capítulo 2); Dinâmica dos Afetos e Perspectivas de Futuro de adolescentes e Jovens: o que dizem os estudos sobre o tema? (Capítulo 3); Metodologia (Capítulo 4); Análise e resultados (Capítulo 5). Nas considerações finais, seguimos a teia dialógica para os alcances possíveis e novos estudos que podem se desenvolver a partir deste trabalho.

2 ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: DIALOGANDO COM ALGUNS CONCEITOS

Neste capítulo, serão expostas discussões sobre a temática *adolescência e juventude*, para uma maior compreensão de aspectos que constituem seus diversos sujeitos, nas situações e condições que perpassam seus momentos biográficos. Os participantes da pesquisa que se engendraram, a partir dessas discussões teóricas, são adolescentes-jovens participantes de um projeto social, que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Para compreender esses sujeitos, é viável iniciar com um histórico na visão de FERREIRA E FARIAS (2010), que abordam a compreensão da adolescência a partir das características presentes nas culturas em variadas épocas, as quais eram proporcionadas mudanças conforme o surgimento de novas demandas. As autoras ainda afirmam, que inicialmente a adolescência é vinculada a idade, mas a partir de características biológicas, refere-se a mudanças corporais, sendo também necessárias nessas modificações para a vida adulta, alterações cognitivas, sociais e de perspectiva sobre a vida.

Com isso, a adolescência é um tempo de muitas transformações que impactam no indivíduo, mas também nos que estão ao seu redor, como a família e a comunidade (FERREIRA E FARIAS, 2010). Também é importante fazer a distinção de puberdade e adolescência, pois puberdade diz respeito às mudanças do corpo, enquanto a adolescência refere-se ao psicossocial, mas também é influenciada pela puberdade, uma vez que as duas coincidem (FERREIRA E FARIAS, 2010).

Junto a isso, Ferreira e Farias (2010), apontam para a existência de várias adolescências, a partir das especificidades, contexto social e histórico de cada indivíduo. Inclusive, as autoras afirmam que é da inserção histórico cultural que depende as várias maneiras de vivenciar a adolescência, ao mesmo tempo em que é sugerida a universalidade do estágio da adolescência. Além disso, a escola também influencia na maneira de viver a adolescência, por oferecer recursos pessoais e sociais, porém, o indivíduo é considerado ser único, a partir das experiências vivenciadas durante a vida, mesmo existindo o compartilhamento de características com outros adolescentes. Além dos sujeitos apresentarem diversas formas de ser adolescentes, diferenciando-se em atitudes, grupos, valores, filosofia de vida, comportamentos e gostos (FERREIRA E FARIAS, 2010).

Ainda afirmam Ferreira e Farias (2010), que a adolescência passou a ter sentido em si mesma, deixando de ser vista somente como uma preparação para a vida adulta. As autoras apontam também para a amizade como um fator significativo na adolescência, que sempre se fez presente desde o início das civilizações, diferenciando-se apenas, conforme as distintas

culturas e épocas, por corresponder a uma necessidade fundamental de encontro com o outro. Ferreira e Farias (2010) alegam que a adolescência, mesmo sendo pouco estudada, não tem passado despercebida desde a antiguidade, pela ótica da impulsividade e excitabilidade. Junto a isso, ainda na Grécia Antiga, os jovens eram adestrados, de forma a fazer incutir as virtudes cívicas e militares. Além da fase da puberdade que era vista como uma preparação para a vida adulta, os homens recebiam um preparo para a guerra e a política, já a mulher para a maternidade (Ferreira e Farias, 2010).

Além disso, no império romano era necessário instruir os mais jovens para formar um adulto ajustado à sociedade (FERREIRA E FARIAS, 2010). Sobre isso, as reflexões de Santo Agostinho (séc. V) que também observou questões importantes em relação aos jovens, como a repulsa a escola, propondo uma educação mais jovial, descontraída e tranquila (FERREIRA E FARIAS, 2010). Já na idade média as crianças e adolescentes, eram tidos como adultos em miniatura, precisando crescer apenas em aspectos físicos e mentais, dessa forma, as crianças logo se misturavam com os adultos, assim que ultrapassava o alto risco de mortalidade e aprendia os valores, as crenças e ocupações que seriam exigidos quando fossem adultos (FERREIRA E FARIAS, 2010). Somente no século XII os jovens começam a ter alguma influência de decisão sobre a sua vida, quando começam a reivindicar redução no programa de estudos, que era bastante intenso para se tornar cavaleiro e também, após ser instituído pela igreja católica o consentimento mútuo dos noivos para o casamento, o qual costumava se realizar entre 12 e 15 anos, com a noiva mais nova que o noivo (FERREIRA E FARIAS, 2010).

Logo, iniciou-se na idade média o pensamento de fases ou idade da vida, ao observar as formas variadas de assistência essencial ao cuidado, abrigo e sustento dos sujeitos e suas funções sociais ao perpassar o ciclo vital, no qual as fases eram equivalentes a um período de sete anos segundo o pensamento de Aristóteles. Assim sendo, a adolescência segundo o pensamento de Rousseau é o período de mais instabilidade e conflito emocional, influenciados pelo processo de mudança biológica, e as mudanças biológicas e sociais seguiam juntas com as mudanças psicológicas (FERREIRA E FARIAS, 2010). Junto a isso, a adolescência também era considerada um momento em que o sujeito rememora os estágios vivenciados anteriormente, tentando encontrar o seu espaço na sociedade, portanto a criança e o adolescente eram diferentes do adulto (FERREIRA E FARIAS, 2010).

Ariès (1981), afirma que o estado passou a interferir mais frequentemente na sociedade, durante a Idade Moderna (FERREIRA E FARIAS, 2010). O qual, junto à religiosidade, passou a proteger as crianças e jovens de forma a cuidar da moralidade. Portanto, passou-se a educar as crianças e adolescentes em locais fechados e separados, com supervisão de responsáveis e

especialistas adultos. Também era ignorado o fenômeno da puberdade, motivo pelo qual provavelmente se deu a extensa duração da infância. Então, não existia o conceito de *adolescência*, mesmo os jovens tendo começado a se organizar em grupos de sociedades provisórias, concebida em meio a bairros e vilas, mas era restrito ao público masculino esse novo modo de socializar.

Ainda segundo Ariès (1981), no século XIX, tempo de redefinição de papéis sociais, a infância começa a ser um período privilegiado, e a criança a ser vista como pessoa (FERREIRA E FARIAS, 2010). Nesse contexto, a figura do adolescente passa a ser precisa e também identificada como um período crítico da existência humana, como um período de grande risco para si e para a sociedade. Com isso, a adolescência parece referir-se às renovadas formas de viver no grupo social e pôde ser mais observada com a industrialização e os sistemas educacionais, sendo a adolescência primeiro reconhecida através dos educadores. Possivelmente por ser imprescindível para a adaptação à escola, os psicólogos também começaram a analisar a adolescência.

Surge, segundo Ferreira e Farias (2010), um crescimento da amizade entre os adolescentes e seus pares, em meio ao processo da adolescência, como conquista da privacidade, diante da vigilância e distanciamento por parte das famílias. Também no século XX as guerras marcaram o progresso da adolescência. Antes da I e II Guerra Mundial, era frisada na literatura a preguiça, indisciplina e indolência dos adolescentes, já no decorrer e depois das guerras, foi demonstrado através dos pesquisadores, a relevância do trabalho dos adolescentes para manutenção da sociedade. O gênero já não definia mais os papéis, pois, as mudanças que aconteceram nas famílias acarretaram novas posições aos membros, inclusive os adolescentes. Porém, as mídias continuaram exaltando o papel masculino em programas direcionados a adolescentes.

Ferreira e Farias (2010) afirmam que no século XX, iniciaram-se vários estudos do ciclo vital. Com isso, em cada momento do desenvolvimento humano, a pessoa precisa obter alguma habilidade e realizar algum ajustamento aos processos da vida. Ferreira e Farias (2010), ainda perpassam sobre o assunto da universalidade ou não da adolescência, nesse contexto a adolescência é considerada uma construção social, na qual os estudos da antropologia social mudaram a forma de pensar a adolescência, surgindo maneiras inovadoras de compreender as fases do desenvolvimento humano, destacando que a adolescência não precisa ser inevitavelmente um momento turbulento da vida e também não são universais os atributos para o desenvolvimento psicossocial.

Alguns fatores, como os biológicos, sociais, cognitivos, comportamentais e culturais, apontados por Ferreira e Farias (2010), os quais desenvolvimentistas modernos, inclusive os que estudam a adolescência, tentam explicar como esses fatores estão interligados no desenvolvimento, principalmente na transformação da infância para a vida adulta. Ainda no século 50 a adolescência é caracterizada através da rebeldia, já nos anos 60 surge um novo estilo de mobilização social, na qual os jovens negavam todas as exteriorizações da sociedade, o que caracterizava um tempo novo, a juventude como um novo grupo, com uma nova forma de contestação. Fenômeno identificado através das características dos adolescentes como as formas de se vestir, tipos de músicas e drogas, significando novas maneiras de pensar e se relacionar. Junto a isso, surge o movimento hippie e nos movimentos estudantis universitários, houve a inserção da política. Além de muitos pais sentirem ressentimento por determinadas amizades dos filhos adolescentes, por alegarem influências entre os pares, referente a questões sociais e sexuais.

Ainda segundo Ferreira e Farias (2010), não se pode generalizar uma igualdade a todos os adolescentes, pois existem as especificidades referentes ao contexto em que o indivíduo encontra-se inserido. Inclusive, segundo a teoria Psicossocial de Erikson (1972), muitas características do indivíduo, dependem do contexto em que vivem, portanto o ambiente contribui para a personalidade das pessoas, então o ciclo vital e a adolescência são analisados a partir de fatos sociais e psicológicos, essa nova visão é muito relevante para o desenvolvimento, uma vez que dá abertura a novos entendimentos do desenvolvimento e da adolescência (FERREIRA E FARIAS, 2010).

Já no século XXI, havia uma grande quantidade de jovens e estes encontram um cenário social e econômico desafiante, como a dificuldade de encontrar emprego, além das mudanças nos valores, na qual começou a diminuir a influência e controle da família, igreja e comunidade, junto a isso o estado passa a ser afirmado como protetor da criança e dos adolescentes, por estes se tornarem sujeitos de direito e em fase especial de desenvolvimento (FERREIRA E FARIAS, 2010). Portanto a adolescência torna-se cada vez mais identificável no ciclo vital, com a consciência dos governos da relevância para a proteção do desenvolvimento das pessoas (FERREIRA E FARIAS, 2010).

No entanto, Ferreira e Farias (2010) retratam que a adolescência pode ainda ser considerada como uma invenção cultural, ou um luxo, que só membros mais desenvolvidos da sociedade vivem, a adolescência parece estar associada à democratização da educação e a criação das leis trabalhistas. Enquanto também a lei é percebida como protetora apenas das camadas mais favorecidas economicamente e não alcança os menos favorecidos, além de no

Brasil o fenômeno da adolescência só começar a partir de 1900, junto a isso, podem-se encontrar grupos sociais que entendam a criança e adolescente como menos importante que os adultos. Com isso, as culturas mais favorecidas, exigem dos jovens cada vez mais estudo e especialização para ingresso no mercado de trabalho, retardando assim a inserção dos jovens nas estruturas sociais, no qual o adolescente necessita de mais tempo para cumprir as obrigações da adolescência (FERREIRA E FARIAS, 2010).

No entanto, nas sociedades mais simples, a adolescência pode ser breve e por isso, para alguns filósofos, a adolescência começa na biologia e termina na cultura (FERREIRA E FARIAS, 2010). Também houveram modificações na escola referente a adolescência, pois antes havia uma preocupação para que o estudante fosse preparado para uma profissão, mas a educação básica passou a promover apenas subsídios para o desenvolvimento pleno da pessoa (FERREIRA E FARIAS, 2010). Além das mudanças referentes à adolescência, também houve mudanças nas formas de estudar a adolescência, uma vez que percebe-se mais a necessidade de estudar todo o ciclo vital, considerando a adolescência como um período de características próprias que acontecem em meio aos contextos socioculturais de vida e trajetória do indivíduo (FERREIRA E FARIAS, 2010).

Em relação às legislações constituídas para os adolescentes-jovens, como o *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)* (Lei 8.069, de 13 de julho de 1990) e o *Estatuto da Juventude* (Lei 12.852, de 05 de agosto de 2013), ambos foram criados com o intuito de garantir direitos humanos e sociais em contextos nacionais. Estas legislações são abordadas, por fazerem parte desta pesquisa jovens-adolescentes na idade entre 12 e 15 anos, os quais podem ser vistos como categoria resguardada legalmente e, assim, alcançados através das duas leis. Sobre o *ECA* o ministério da mulher, da família e dos direitos humanos expõe que

O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que regulamenta o artigo 227 da Constituição Federal, define as crianças e os adolescentes como sujeitos de direitos, em condição peculiar de desenvolvimento, que demandam proteção integral e prioritária por parte da família, sociedade e do Estado. (Brasil, 2022)

O *ECA* é um documento de autoria do Congresso Nacional e surge durante o governo de Fernando Collor, com o intuito de acabar com o autoritarismo militar que ainda havia na época e para isso, teve por objetivo acabar com o Código de Menores que foi criado em meio a ditadura militar, portanto o *ECA* foi uma conquista para o Brasil que saia recentemente do sistema de uma ditadura e alinhava-se ao avanço da comunidade internacional em termos de direitos humanos (DIAS, 2020).

Referente ao Estatuto da Juventude criado no ano de 2013 e sancionado no governo de Dilma Rousseff, após consultar por uma década grupos e entidades juvenis no Brasil, a secretaria de governo afirma:

O Estatuto faz com que os direitos já previstos em lei, como educação, trabalho, saúde e cultura, sejam aprofundados para atender às necessidades específicas dos jovens, respeitando as suas trajetórias e diversidade. Por outro lado, faz com que novos direitos sejam assegurados pela legislação, como os direitos à participação social, ao território, à livre orientação sexual e à sustentabilidade. (Brasil, 2014)

Segundo Miranda (2017), depois da criação do *Estatuto da Juventude* (2013), pessoas de 15 a 29 anos de idade começam a ser considerados jovens sujeitos de direito: “Dialogando, assim, com a Constituição Federal, a sociedade passou a reconhecer os jovens como prioridade absoluta pelo estado brasileiro” (MIRANDA 2017, p. 119). Miranda (2017) também afirma que o Estatuto da Juventude é considerado um marco na história da juventude brasileira, por reconhecer a necessidade de políticas públicas para esse público e fortalecer interesses políticos de partidos e grupos de representação estudantis.

O texto de Miranda (2017), “De menor a jovem adolescente: (RE) pensando a legislação infanto-juvenil no Brasil.” (MIRANDA 2017, p. 119), faz uma análise de como a sociedade brasileira recebe historicamente esse Estatuto da Juventude:

Em sua edição on-line, o periódico com maior circulação no Brasil, a Folha de São Paulo, destacava o fato de que a partir da sanção presidencial os jovens passariam a pagar meia-entrada em eventos culturais e esportivos, desprezando aspectos fundamentais do Estatuto, como a criação do Sistema Nacional de Juventude e do estabelecimento dos conselhos participativos da política pública. Analisar o discurso reproduzido por este periódico nos faz refletir sobre o papel da imprensa brasileira nesse período, marcado pelo pragmatismo político tendencialmente para os setores mais conservadores da política e como a sociedade. (MIRANDA, 2017 p. 119)

Junto a isso, Miranda (2017) afirma que as leis partem de um processo de disputas construídas historicamente e, dessa maneira, não se pode deixar de analisar as legislações do campo da infância e da juventude separadas desse processo de disputas. Miranda (2017) ainda faz uma relação do marco legal do *Estatuto da Juventude* com o ECA, uma vez que o *Estatuto da juventude* passa a considerar os jovens dos 15 aos 18 anos de idade como jovens-adolescentes, termo este que, segundo Miranda (2017), ultrapassa o fator da idade e se torna mais interessante entender esta categoria social e o cenário político/social que conduziram setores da sociedade brasileira a realizar tal marco legal. Sobre isso, Castro e Macedo (2019) também afirmam que

tanto o ECA, quanto o Estatuto carregam o esforço do reconhecimento da diversidade cultural e social dessas populações. Se o corte etário estabelece os limites de quem terá acesso a esses direitos, a definição das categorias criança, adolescente e jovem, estabelecidos nesses marcos legais, vão muito além desse recorte mecânico. (CASTRO E MACEDO, 2019 p. 1231)

Portanto Miranda (2017) expõe o fato de que as legislações voltadas ao público infanto-juvenil foram elaboradas de forma a analisar como a sociedade brasileira conduziu e estabeleceu dispositivos de controle social a respeito do que rodeia a vida de meninos e meninas, estes que são considerados atualmente como “jovens-adolescentes” e que já foram identificados como “menores”. O termo “menores” se referia a jovens pobres, em situação de vulnerabilidade social ou que cometessem algum ato infracionário, e advém do *Código de menores* promulgado em 1927, antecedendo o *Estatuto da Criança e Adolescente (ECA)*. O *ECA* trocou a nomenclatura “menor” por adolescentes e com o *Estatuto da Juventude* passa a se chamar “Jovens-adolescentes”.

Miranda (2017) destaca que os conceitos de *adolescência* e *juventude* são definidos historicamente e variam a depender do tempo e espaço. Junto a isso, Leon (2009), citado por Miranda (2017), afirma que já é possível considerar diferentes “adolescências” e “juventudes”, as quais referem-se a categorias sociais, concebidas com base nas dimensões culturais e relacionais.

Diante dos marcos de direitos apresentados acima em sua complexidade, é importante expor os dados sobre violência relacionados a jovens e adolescentes. Segundo a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), “as violências e os acidentes são as maiores causas das mortes de crianças, adolescentes e jovens de 1 a 19 anos, no Brasil” (FLAESCHEN, 2019). Dentre as causas de violência, aparecem agressões, estupros (em que as maiores vítimas são do sexo feminino e geralmente ocorrem na casa da vítima), suicídios (violências contra si mesmo, que se tornou a terceira maior causa das mortes dos adolescentes e jovens brasileiros, entre 15 e 25 anos), bullying (violências que acontecem com mais frequência na escola). Um dado importante e preocupante é que jovens e adolescentes negros do sexo masculino são as maiores vítimas de violência no Brasil e os homicídios são a maior causa desses óbitos (FLAESCHEN, 2019).

Mediante os índices apresentados acima, Pernambuco é tido como um dos estados mais inseguros para os jovens (LACERDA, 2022), através de estudo realizado pela Rede de Observatórios de Segurança (formado por sete organizações de pesquisa e estatística). O estado lidera o número de homicídios de pessoas até 18 anos, no último ano, entre os estados monitorados. Bahia, Ceará, São Paulo e Rio de Janeiro completam o quadro de localidades avaliadas. (LACERDA, 2022) Pernambuco está em segundo lugar referente a crianças e adolescentes vítimas de bala perdida, ficando atrás apenas do Rio de Janeiro. Também é

destacado um aumento de casos de 14 para 25 ocorrências de abuso sexual entre os meses de junho a dezembro de 2020, segundo o estudo, sendo que a pandemia pode ter contribuído para este aumento, pelo tempo que os jovens passaram em suas casas e atribuindo-se os responsáveis pelos abusos serem, justamente, pessoas de parentescos ligados às vítimas (LACERDA, 2022). Além disso, o índice também aponta para pessoas negras como maiores vítimas da violência em Pernambuco e há um protagonismo nos feminicídios no estado, que ficou em primeiro lugar, com um aumento de 77% das ocorrências em 2021 (LACERDA, 2022).

Diante do exposto, é essencial falar de direitos humanos para os jovens e adolescentes. Com isso, é importante explicitar os direitos essenciais do ser humano descritos na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (proclamada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas a 10 de dezembro de 1948) que faz menção aos direitos individuais e coletivos, sem discriminação de raça, gênero ou nacionalidade. Como descrito no artigo 3º "Todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal" (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948, [s.p.]) e o artigo 4º "Ninguém será submetido a tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes" (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948, [s.p.]). É possível perceber nestes artigos que os jovens-adolescentes não estão sendo totalmente assegurados conforme os artigos 3º e 4º da *Declaração (1948)*, pois não é o que mostram os dados já citados sobre a violência.

2.1 Sociedade Pós-Moderna e Juventude

Não são apenas as legislações que constituem uma base para reflexões sobre a vivência dos adolescentes e jovens, orientando e abrindo possibilidades de compreensão do fenômeno. Por isso, nesta seção, propõe-se a apresentar reflexões sobre a sociedade pós-moderna e suas relações com a juventude, para que o leitor possa compreender melhor os processos pelos quais os jovens se constituem na contemporaneidade, pois não é possível realizar uma análise desses sujeitos, sem caracterizar os contextos sociais mais amplos que os rodeiam.

O contexto social vivenciado pelos jovens está relacionado ao que se convencionou tratar como pós-modernidade, a qual pode ser vista tanto como um tempo de enfraquecimento e deterioração dos laços humanos (BAUMAN, 2015, 2003), quanto como novas possibilidades de socialização entre as pessoas (MAFFESOLI, 1998, 2015). Em relação às análises de Bauman (2015) sobre a sociedade contemporânea, sua abordagem permite uma contraposição entre o que trata como sociedade moderna sólida e a sociedade moderna, líquida. A primeira é

caracterizada por uma busca de ordem, eliminando todo acaso e desordem, ou seja, a busca por algo estável, sólido, em continuidade e permanência. Porém, esse movimento gera também um efeito contraditório à ordem, criando assim o caos, processo característico do que vai ser conceituado por Bauman (2015) como sociedade moderna líquida, no encontro de ordem e caos. A modernidade líquida, para Bauman (2015), seria como uma marca da sociedade contemporânea, carregada de efemeridade, transitoriedade, mudança e instabilidade, na qual tudo se desfaz.

Bungenstab (2014) faz uso do conceito de modernidade líquida de Bauman (2001) para conectá-lo à discussão sobre juventude, e afirma: “Ora, se considerarmos que a modernidade se constitui como o tempo linear, seguro e de projeto, podemos pensar que os jovens também foram classificados sob esse prisma” (BUNGENSTAB 2014, p.58). Ou seja, havia uma intervenção e ação sobre o jovem para um enquadramento deste ao formato moderno de socialização, que começa a desmanchar-se na contemporaneidade. Bungenstab (2014) refere-se ainda ao pensamento de Bauman (2001) ao afirmar que a medida da rapidez na movimentação dos jovens é também a medida do poder que eles conquistam. O conhecimento é um dos exemplos de poder, esse conhecimento que não é adquirido apenas na escola, mas em muitos ambientes que rodeiam o dia a dia dos jovens, e mesmo em objetos deste mundo, como o computador, o celular, a internet. Tais coisas permitem um acesso rápido ao conhecimento. A partir disso, aguça o individualismo e o consumo dos jovens, que passam a buscar viver menos de forma comunitária, e mais voltados para o tempo presente.

Com isso, Bungenstab (2014) ao trazer os conceitos de Bauman (2001) afirma que as relações sociais dos jovens são afetadas pela diminuição dos aspectos morais, sociais e políticos, pois, com isso, são gerados sujeitos inseguros e individualistas, o que se torna prejudicial às relações de sociabilidade. Nessa direção, compreende-se uma identidade fluida, na qual os jovens se transformam conforme grupos que os perpassam, de forma a gerar um sentimento de instabilidade e insegurança (BUNGENSTAB, 2014).

No entanto, Maffesoli (1998), que reflete sobre a organização social na pós-modernidade, defende processos como a desindividualização, apontando que o individualismo pode ser substituído, a partir do momento que acontece a identificação com um grupo. Maffesoli (1998) expõe o conceito de “tribos”, que é a maneira pela qual os grupos sociais se movimentam, sempre se renovando dentro do processo de massificação. A esta aproximação com grupos, Maffesoli (1998) chama de comunidade emocional, a qual, para acontecer, são necessárias emoções em comum. O autor também discorre sobre algo que pode ser considerado

um incentivo de união das pessoas, como por exemplo, a luta por direitos, que o autor chama de vitalismo, e funciona como uma força que move os indivíduos.

Maffesoli (1998) fala sobre perspectiva, ou o ponto de vista e o lugar ocupado pela importância dos contextos vividos, que advém muito antes delas se constituírem, e seriam originados a partir de grupos sociais. A esta interação que vem sendo discutida, Maffesoli (1998) chama de “declínio do individualismo”, movimentação que acontece em ambiente de comunicação, em locais desterritorializados e que permitem um dinamismo nas interações. Nessa linha de argumentação, Maffesoli (1998) afirma que as pessoas têm uma característica policultural que é a junção de vários fatores.

Quando aponta para a existência de uma diversidade de tribos na pós-modernidade, Maffesoli (1998) argumenta que é com base nessa diversidade que o ser humano se configura. Esse conceito de tribos ganha mais força através dos meios de comunicação, podendo ser um território simbólico, fugindo à regra do território geográfico, e permitindo uma nova maneira de se agrupar socialmente. Junto a isso, Maffesoli (1998) afirma que há uma necessidade de pertença ao grupo e que, a partir desta, se constrói o laço social, junto ao compartilhamento das emoções e sensações.

Segundo o autor, essa dependência de agrupamento, seja físico ou virtual, é característica da contemporaneidade e, com isso, surge uma fluidez devido à massificação social e variedade de tribos. Maffesoli (1998) passa a chamar de “neotribalismo” o envolvimento vivido pelos grupos, nos quais as pessoas se unem por ideologias ou necessidade de proteção.

É relevante expor algumas divergências e convergências da teoria pós-moderna de Maffesoli (1998) e Bauman (2003), em que estes autores concordam. Essa concordância se evidencia quando Bauman (2003) se refere à “comunidade”, afirmando que há uma busca incessante dos indivíduos por esta, consequência de uma procura por compartilhamento. Portanto o termo “comunidade”, descrito por Bauman (2003), refere-se a sentimentos bons, proteção, aconchego, em que as pessoas se ajudam, assemelhando-se, por isso, ao entendimento de Maffesoli (1998), do que seja “tribo”, pois esta refere-se justamente a algo que as pessoas sentem falta, e que é necessário que aconteça para estar seguro e despreocupado. Segundo Bauman (2003), esta realidade se alimenta e se choca com a vivência contemporânea efetiva em que vivem as pessoas.

Com isso, Maffesoli (2015), como um autor pós-moderno, também expressa questões culturais e ciberculturais, ao discorrer sobre aspectos da internet. O autor apresenta otimismo, pois afirma que o avanço das tecnologias não guiaria para um movimento antissocial, mas

direcionaria também para as relações sociais. Em contradição com algumas críticas sobre as mídias digitais, Maffesoli (2015) expressa:

Podemos dizer que, na pós-modernidade, as mídias estão se tornando mais e mais importantes, especialmente as chamadas “**mídias sociais**”. Lembremos **Hegel**, que dizia no século XIX: a leitura do jornal é a oração do homem moderno. Podemos pensar que as mídias interativas serão a oração do homem pós-moderno. Contrariamente às críticas tradicionais, porém, acredito que essas mídias favorecem a mediação, isto é, a relação e a inter-relação entre as pessoas. Se a modernidade, particularmente no seu momento final, viu o triunfo da “**multidão solitária**”, a pós-modernidade nascente verá se desenvolver uma multiplicidade de novas tribos urbanas, cuja essência é o relacionismo. (MAFFESOLI, 2015, p. 1).

Maffesoli (2015), tem a concepção de que o aumento da solidão e isolamento é uma característica da pós-modernidade decadente, portanto o comportamento antissocial não se dá por consequência do desenvolvimento tecnológico, ao contrário, tende a fortalecer ainda mais as relações. Maffesoli (2015), diz que nas redes sociais, por exemplo, geralmente as pessoas têm uma quantidade significativa de amigos, mas estes não são apenas representativos, mas direciona a um crivo para que as pessoas saibam com quem e onde se relacionar. Questões que precisam ser estudadas, segundo Maffesoli (2015), a respeito do desenvolvimento tecnológico, são novas formas de generosidade e solidariedade, as quais funcionam como causa e efeito nas relações:

É habitual considerar que, com a prevalência de um **racionalismo** exacerbado, a **tecnologia moderna** contribuiu para um desencantamento do mundo. No entanto, na minha opinião, é paradoxal observar que, atualmente, esse desenvolvimento tecnológico, especialmente nos seus usos sociais, nos direcionam a um reencantamento do mundo. Nessa perspectiva, as mídias sociais são ao mesmo tempo um meio e uma mensagem, que confortam a vida em sociedade. Se a modernidade se firmou a partir de um princípio individualista, a tecnologia pós-moderna abriga um relacionismo galopante – uma relação, como frisei, entre nós e os outros. (MAFFESOLI, 2015, p. 1).

Esta discussão de Maffesoli (2015), sobre o desenvolvimento tecnológico é importante neste trabalho, diante da metodologia que será apresentada, composta de elementos da etnografia virtual, como será desenvolvido no capítulo 4 que diz respeito a metodologia. Maffesoli (2015), vem a confirmar a importância da tecnologia nas vivências das relações sociais dos jovens. Além disso, também fala que nas gerações jovens da pós-modernidade há uma tendência em acomodar-se ao mundo e menos vontade de querer mudar o mundo. O autor ainda aponta para a depressão exposta em estudos da área de saúde como doença das jovens gerações e chama atenção para o questionamento, “se essa depressão não é característica das

gerações no poder, quer dizer, das próprias gerações que comandam esses estudos” (MAFFESOLI, 2015, p. 1).

Foram apresentadas neste momento, as visões de Bauman (2015, 2003) e Maffesoli (1998, 2015) sobre a pós-modernidade e uma caracterização sobre processos que caracterizariam as juventudes vivenciadas nesta contemporaneidade, diante das necessidades de envolvimento social. As visões desses autores são importantes contribuições para este trabalho. Faz-se necessário, em uma teia de diálogos teóricos sobre adolescentes-jovens em contextos contemporâneos, as reflexões histórico culturais encontradas nos fundamentos da psicologia, que focalizam as atividades nas quais os sujeitos estão imersos e as redes de significação que lhes une.

2.2 Desenvolvimento de adolescentes na perspectiva histórico-cultural

A discussão sobre jovens, em meio às situações sociais diversas, mas com um tempo histórico comum na contemporaneidade, apresentada anteriormente, aponta para alguns dilemas, uma vez que as sociedades trazem consigo cargas disciplinares, com modelos que levam a uma preparação para a vida adulta. Aprofundaremos essa discussão, nesta seção, mas agora a partir de uma abordagem histórico-cultural em psicologia, abordagem que converge com modelos não lineares de compreensão sobre a subjetividade, ressaltando as situações concretas da existência dos sujeitos. Para isso, será apresentado primeiro um breve histórico sobre o conceito de atividade-guia, conceito central na concepção do desenvolvimento humano dessa abordagem histórico-cultural, nem sempre explorado na literatura da área.

A psicologia histórico-cultural de Leontiev (1998), iniciada por Vigotski (1998), na busca por sair de uma visão naturalista de desenvolvimento humano, avança nas discussões sobre fases de desenvolvimento, apesar de caracterizações sobre uma possível periodização. Dessa forma, a abordagem histórico cultural considera que o desenvolvimento individual humano pode ser caracterizado com motivações decorrentes de atividades que o sujeito vivencia, logo mobilizado por aprendizagens que dependem de processos sociais, em um jogo dialético com o individual (PERES E BARBOSA, 2017). Essas atividades, que mobilizam o desenvolvimento ao longo da vida do sujeito, são chamadas atividade-guia (ou atividade-dominante), na qual se organizam as relações do ser humano com o meio social.

Ao longo de uma vida, são geradas necessidades psíquicas específicas, que dependem de uma complexidade de fatores, inclusive fatores biológicos, maturacionais (FACCI, 2004). De acordo com essa abordagem para o desenvolvimento, o ser humano ao participar de certas

atividades sociais, que partem das suas reais necessidades, se adequa e se molda à natureza para suprir com essas precisões. Portanto, os indivíduos manifestam estágios de desenvolvimento, mas esses estágios são mobilizados a partir dos contextos em que os sujeitos experienciam a cultura, muito mais do que originados de processos internos. Desse modo, a abordagem histórico-cultural:

Sistematiza uma compreensão de que o desenvolvimento está marcado por três épocas (primeira infância, infância e adolescência), cada qual composta por dois períodos, quais sejam: *primeira infância*, composta pelo *primeiro ano* e *primeira infância*; a *infância*, composta pela *idade pré-escolar* e *idade escolar*; e a *adolescência*, composta pela *adolescência inicial* e *adolescência*. Estas não são naturais, e a mudança de um período a outro é marcada pela mudança na atividade-guia. (ELKONIN 1987, apud PEREIRA, 2019, p. 7).

As concepções de Pereira (2019) também se lançam a uma crítica à naturalização da adolescência, já que a caracterização da mesma como fase só pode ser considerada se atrelada às condições socioculturais de sua emergência, logo construída historicamente, nas situações em que se encontram os sujeitos em dados momentos de sua vida. Com isso, a autora discorre predominantemente sobre situação social e atividade-guia. Pereira (2019) faz uma reflexão sobre a periodização do desenvolvimento da adolescência e juventude com a situação do Brasil, em relação às desigualdades de classe, raça e gênero que afetam de forma distinta a população, em suas condições sociais de desenvolvimento. A autora também fala das marcas históricas dos termos adolescência e juventude no Brasil, utilizados para sinalizar a transição da infância para a vida adulta e afirma que, nos estudos e pesquisas, em psicologia, predomina a preferência pelo termo adolescência.

Pereira (2019) afirma que o momento da adolescência é tido como um tempo necessário para que o indivíduo reflita sobre o período de mudança pelo qual passa. Para além de uma visão de senso comum que atribui à adolescência características de rebeldias, contradições, crises, esses comportamentos devem ser entendidos a partir das mudanças do corpo, incentivadas por questões hormonais, mas situados historicamente. Pereira (2019) também afirma que muitos conflitos da adolescência poderiam ser evitados se os pais compreendessem melhor esse processo pelo qual passam os adolescentes.

Essas concepções predominantemente naturalizantes da adolescência, que inclusive chegam a patologizar esse período do desenvolvimento, são duramente criticadas pela Psicologia Histórico-Cultural. Um primeiro elemento dessa crítica é de localizar historicamente o surgimento da adolescência enquanto etapa distinta no desenvolvimento humano. (PEREIRA, 2019, p. 4).

Bock (2007) contradiz a forma biológica e suas transformações fisiológicas e anatômicas da puberdade, com a adolescência, e indica ser esta um instrumento capitalista de relações com o trabalho e com os adultos. O mundo industrializado determinou o aparecimento do fenômeno social da adolescência, caracterizando-se por crises de identidade, rebeldias, intelectualização, que acontecem justamente provocado pela espera de um lugar na sociedade, ainda incerto em relação ao futuro. Diante disso, é importante salientar que “este distanciamento da infância para a vida adulta é correspondente a uma visão burguesa de sociedade, que se aplica somente a uma parcela privilegiada da população, enquanto é ideologicamente apresentada como universal.” (PEREIRA, 2019, p. 5).

Junto à compreensão da adolescência, Pereira (2019) reforça em seus argumentos, que no desenvolvimento humano a atividade é inicialmente social, com base na qual o sujeito vivencia, se apropria de certas condições, passa a fazer parte das situações; com base nisso, constrói formas próprias de pensar, sentir e agir. Segundo Pereira (2019), a periodização do desenvolvimento com base em atividades, logo emergindo de um contexto coletivo, vem romper com modelos universalizantes de desenvolvimento, e busca compreender histórias e trajetórias de sujeitos: “É importante situar que o estabelecimento de uma periodização do desenvolvimento que foi entendido como necessário pela Psicologia Histórico-Cultural por uma necessidade concreta de uma sociedade em transformação” (PEREIRA, 2019, p. 6)

Com isso, as atividades guias do desenvolvimento, que perpassam a vida de crianças, adolescentes e jovens, as quais demonstram as maneiras de se relacionar com o mundo e o que mais despertaria desenvolvimento em certos períodos, são:

1) *Comunicação emocional do bebê* (primeiro ano de vida), que se refere às primeiras comunicações do bebê com o adulto até mais ou menos um ano de vida, funcionando como base para as ações sensório-motoras de manipulação. Utiliza-se de recursos como choro, sorriso para se comunicar com o adulto.

2) *Atividade objetual manipulatória* (primeira infância), na qual a criança passa a manipular objetos por comandos dos adultos e a comunicação emocional se torna colaboração prática.

3) *Jogo de papéis* (idade pré-escolar), em que há reprodução das ações realizadas pelos adultos e as brincadeiras das crianças imitam o social, a visão que têm do mundo dos adultos.

4) *Atividade de estudo*, que se refere a entrada da criança na escola, na qual tem deveres e tarefas e a criança pela primeira vez se sente executando atividades importantes (ELKONIN 1987 apud PEREIRA 2019).

5) *Atividade de comunicação íntima e pessoal* que motiva aproximações com pares, principalmente. A atividade-guia que prevalece no início da adolescência (público o qual faz parte desta pesquisa) é a *comunicação íntima pessoal*. Nas culturas escolarizadas, a escola nesse período ainda é a referência central. Esclarecendo essa discussão:

A adolescência inicial seria marcada, segundo Elkonin (1987), pela transição da atividade-guia *atividade de estudo* para a *comunicação íntima pessoal*. Segundo Bozhovich (1981), a partir da atividade comum partilhada anteriormente (o estudo), emergiria a necessidade e o desejo dos adolescentes estarem juntos, e ao fazê-lo a opinião dos pares se tornaria hierarquicamente mais importante que a dos adultos, o que se converteria no motivo fundamental desse período, daí o estabelecimento da *comunicação íntima pessoal* como sua atividade-guia. (ELKONIN 1987; BOZHOVICH 1981 apud PEREIRA 2019, P. 9).

Segundo essa explicação, uma possível necessidade dos adolescentes de estarem juntos emerge, principalmente, em movimentos dialéticos de presença de vínculos socioafetivos mais próximos, como as relações de amizade. Assim, é possível refletir que a atividade de *comunicação íntima pessoal* pode ser considerada o caminho para as relações de amizade entre os adolescentes, mesmo que a atividade de estudo seja ainda uma marca social constitutiva das culturas escolarizadas, logo presentes internamente, no jogo intersubjetivo dialético, estabelecido entre o externo e o interno.

Porém, o autor ainda afirma que a *comunicação íntima pessoal para atividades socialmente úteis* é dificilmente concretizada no período inicial da adolescência (assim que o adolescente deixa a infância), vindo a se desenvolver melhor ao passar do tempo. Isso ocorre devido à forma de organização escolar na sociedade, sendo a escola o local onde os adolescentes passam a maior parte do tempo, e isso dificultaria esse processo, separando escola, vida e prática social. Por meio dessa *comunicação íntima pessoal* com seus pares, os adolescentes formam visões gerais sobre o mundo, sobre as relações entre as pessoas, sobre o futuro e passam a estruturar o sentido pessoal da vida.

6) *Atividade com foco profissional*. O comportamento que impulsiona a atividades relacionadas ao futuro é que dá origem a *atividade profissional*, que pode ser relacionada com os jovens, os quais são também participantes nesta pesquisa, na qual a atividade-guia de seu desenvolvimento passa a ser uma motivação, por exigências do contexto social, a buscar preparação profissional. Em culturas industrializadas, principalmente, a necessidade de assumir atividades socialmente válidas com foco profissional acabam por direcionar os caminhos do desenvolvimento na juventude, motivando as ações dos sujeitos nesses períodos.

Portanto, as atividades-guia indicam o caminho de engajamentos e aprendizagens para o desenvolvimento, sendo o conjunto de atividades ao qual o sujeito faz parte, ao longo de sua

trajetória, a necessária contribuição social nesse processo (ELKONIN 1987 apud PEREIRA 2019).

Pereira (2019) também aponta fortemente para as desigualdades sociais no Brasil, tais como as distinções de raça, classe e gênero. Além do autor questionar, como pensar o processo escolar baseado no desenvolvimento da atividade-guia proposta para a adolescência, quando não há muitas vezes a garantia a uma educação de qualidade e condições de permanência pessoal na escola. O autor ressalta os contextos de escola e trabalho como projetos que se sobrepõem aos adolescentes brasileiros.

Consideramos que, no Brasil, a cobrança social pela demonstração de uma maior independência pelos adolescentes e a aproximação ao trabalho produtivo (tidas como condições que impulsionam o desenvolvimento na juventude) não incidem da mesma forma para diferentes classes sociais, raças e gênero. (PEREIRA 2019, p. 19).

Perante o exposto, ficam claras as singularidades dos adolescentes brasileiros em relação a outros padrões estudados pela teoria histórico-cultural.

Entendemos que um primeiro passo para isso seria a realização de uma profunda revisão das produções de diferentes matrizes teóricas que tenham se voltado a explicar o desenvolvimento da adolescência e juventude na realidade brasileira, em especial considerando os efeitos das opressões de classe, raça e gênero. (PEREIRA 2019, p.21).

Junto a isso, Pereira (2019) também reflete sobre a combinação do corte etário com as diferentes opressões dos adolescentes brasileiros, além de apontar para a necessidade de estudos experimentais para saber se as atividades de *comunicação íntima e pessoal*, *atividade socialmente útil* ou *atividade profissional/estudo*, adequa-se como atividade-guia na realidade da adolescência brasileira. Portanto, Pereira (2019) encara a identificação das características desenvolvimentais da adolescência no Brasil a partir da situação social específica em diversos contextos nacionais, reais e potenciais, que supõe assim produzir um entendimento teórico sobre o efeito das diferentes opressões no seguimento do desenvolvimento.

Diante das discussões apresentadas neste capítulo, referentes ao histórico da adolescência, às legislações, à sociedade pós-moderna e à visão histórico-cultural, de forma a abarcar a vivência dos jovens-adolescentes e na tentativa de continuar compreendendo esse processo, sigo para o capítulo seguinte, no qual abordo a dinâmica dos afetos nas relações de amizade e as perspectivas de futuro de adolescentes e jovens.

3 DINÂMICA DOS AFETOS E PERSPECTIVAS DE FUTURO DE ADOLESCENTES E JOVENS: O QUE DIZEM OS ESTUDOS SOBRE O TEMA?

Ao fazer da escrita das memoriações à introdução desse trabalho, em relação ao percurso das minhas relações de amizade e perspectivas de futuro, também me encontro em muitos dilemas que são refletidos nos estudos recentes sobre essas temáticas, como abordaremos nesta seção. Antes de apresentar esses estudos, porém, destacarei dois trabalhos muito próximos a minha realidade vivida e realidade de pesquisa, que são os trabalhos de Pontes (2018) e Miranda (2018). A identificação com esses trabalhos me serviu de inspiração para expor um assunto envolvente, tocante e emocionante como a amizade. Com essas duas leituras, adentrei na temática, pois além dessas serem indicações de duas professoras e pesquisadoras as quais tenho vivenciado experiências, e também obtemos semelhanças de interesses em temas de pesquisas, acredito que fui afetada diante de tais leituras, em minhas vivências.

Considero esse um exemplo concreto de redes de afetos provocadas pela proximidade teórica, que aconteceu durante o processo ainda inicial de exploração de referências para essa pesquisa. A partir disso, sobre a temática de amizade, decidi nesta ocasião confrontar minhas vivências, enquanto jovem, ao que os autores dizem e, mais a frente, conforme o andamento desta pesquisa, saber o que as produções de sentidos pelos adolescentes, e suas relações no mundo.

Então aqui início minhas inspirações para essa temática, a partir de Pontes (2018), que narra as suas “perambulações” pelos coletivos culturais do Recife, realizando, junto a isso, uma cartografia da amizade. Ou seja, em sua pesquisa de mestrado no Programa de Pós Graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI), programa ao qual também sou estudante e realizo este trabalho, o autor fez um mapeamento de redes socioafetivas de artistas que se reuniram em coletivos, através de redes de afeto, para lutarem por interesses comuns ao meio artístico.

O que chama mais atenção no trabalho de Pontes (2018) é exatamente o jogo de interesses comuns para que aconteça um reencontro, ou um novo encontro, nas relações de afeto e amizade. Nas minhas vivências pessoais aconteceu e ainda acontece dessa maneira. Todos os meus ciclos de amizade surgiram diante de interesses comuns, como pessoas do mesmo curso na faculdade, da mesma vivência religiosa, enfim, pessoas que compartilham de um convívio de interesses próximos e, conseqüentemente, relacionam-se, tornando-se algumas relações mais afetuosas. Em coisas até mesmo simples como, por exemplo, as duas pessoas gostarem de pedalar de bicicleta, é interessante expor essa realidade de interesses mais peculiares de mesmo

gosto, pois também não necessariamente todos que frequentam o mesmo lugar ou vivem as mesmas coisas serão amigos. Portanto, acredito que há pessoas que se encontram e se identificam, mas creio que para isso é necessário um motivo inicial, ou um lugar comum para que as *almas amigas* se encontrem, e a escolha desse lugar, creio que advém de interesses comuns. Diante disso, sobre o termo “amizade”, Pontes (2018) expressa:

Seja como for, o termo parece remeter a uma necessidade de sobrevivência da espécie, onde tais interesses demonstram um senso comum de cooperação mútua, de coletividade. Tal instinto, marcadamente vivo no imaginário humano, encontra, ao longo dos variados registros religiosos e da cultura popular, a manifesta relevância com vistas a uma necessidade de complementaridade, inerente à condição humana. (PONTES 2018, p.57).

No trabalho de Miranda (2018), o qual também se tornou inspiração para minhas memórias, tive a oportunidade de lembrar minhas vivências de amizades. Miranda (2018) investigou a relação juventude e amizade em um território de crescimento econômico, a partir das narrativas de jovens mulheres, predominantemente negras e de camadas populares. Diante do estudo da amizade entre essas jovens na pesquisa de Miranda (2018), a autora expressa que “[a]s narrativas (co)construídas ora se aproximam de imagens “familialistas” de amizade, ora se distanciam, produzindo outras experiências na diferença. Assim, a amizade é uma noção em movimento, onde são possíveis experimentações, risco e criação/invenção.” (MIRANDA, 2018, p. 9). Essa questão expressa por Miranda (2018) de que a amizade é uma noção em movimento, já pude experienciar bastante, pois em minha vida as relações de amizade sempre estiveram em constante movimento. Sobre isso Miranda (2018) expõe o relato de uma jovem em sua pesquisa:

De maneira que se por um lado as mudanças provocavam distanciamentos e rompimentos de amizade, por outro favoreciam novas relações, de modo a movimentar outras possibilidades de encontros com amigas/os. Na técnica da linha do tempo, por exemplo, as mudanças são colocadas como significativas ao longo de sua vida, sobretudo porque marcam novos pontos de partida para o estabelecimento de relações de amizade. (MIRANDA, 2018, p. 102).

Identifico-me com essa questão experienciada por essa jovem, uma vez que durante a minha juventude precisei passar por muitos momentos de mudanças, como troca de escola, entrada e saída da universidade no período da graduação, também novas escolhas na instituição religiosa em que frequento. Todos esses acontecimentos geraram mudanças e até rompimentos nas relações de amizade. Em muitas dessas situações, perdi muitos amigos, a ponto de ir restando poucos com o tempo.

Identifico também que essas perdas foram acontecendo conforme fui fazendo minhas escolhas e fui percebendo que muitos que faziam parte do meu ciclo de amizade não aceitavam os meus processos de mudanças, porém eu sempre gostei de estar em constante mudança na minha vida, isso faz parte do meu movimento pessoal, me sinto mais viva quando mudo. Estar muito tempo em um mesmo contexto ou ambiente me incomoda, nesse aspecto, acredito que a minha identificação com o fato de estar sempre em mudança, tornou-se mais forte do que os laços de amizade.

A questão de perder amizades nesse processo de mudança não é fácil, por vezes é doloroso, pois são laços criados, mas nada me prende em realidades anteriores, quando sinto a necessidade de mudar, pois me dói bem mais permanecer em um lugar em que eu não mais me identifico. Porém, esses rompimentos nas amizades deixaram marcas, as quais eu comecei a ter dificuldades de me relacionar com novas pessoas e criar laços de amizade, mas depois de um tempo, de forma natural, eu fui me relacionando novamente e hoje já tenho novos amigos, os quais eu nunca teria conhecido se não me permitisse mudar e me lançar em novas realidades.

Miranda (2018) relata também no seu trabalho, a força que as relações virtuais têm tomado a partir das redes sociais e demonstra que é possível manter relações de amizades virtuais mesmo sem nunca ter tido contato presencial. Junto a isso, acrescento o fato de hoje eu ter contatos apenas virtuais com muitos amigos, os quais os compromissos diários não permitem encontros presenciais. Eu nunca tive amigos apenas virtuais, mas a partir de relações presenciais, hoje ainda posso manter contato com amigos que moram distante, na mesma cidade, ou até mesmo em outros estados. Com isso, acredito que para mim e muitas pessoas hoje, os meios virtuais como as redes sociais e outros, são meios facilitadores para que não se perca contatos e relações de amizade e esse é um dos motivos que torna, nessa pesquisa, a etnografia virtual um caminho metodológico viável a ser utilizado.

Miranda (2018) aponta para as relações de sociabilidade em instituições religiosas nas quais as jovens pesquisadas em seu trabalho participam e indicam que é preciso “pensar esse espaço também como lugar onde as experiências de amizade (e namoro, etc.) acontecem” (MIRANDA 2018, p. 137). Resolvi expor essa informação expressa por Miranda (2018), também por questão de identificação pessoal, pois grande parte de minhas relações de amizades foram construídas na instituição religiosa a qual faço parte, com constantes mudanças nas relações a partir de cada escolha que fui fazendo lá dentro, pois nessa instituição há muitas opções de movimentos e eu sempre gostei de experimentar novas realidades. Permaneci sempre na mesma instituição religiosa, mas nunca no mesmo lugar (espaço geográfico), e por isso, mais

uma vez, os meus amigos nesse contexto tiveram dificuldades de aceitar minhas necessidades de mudanças e perdi muitas amizades, mas também ganhei novas a cada novo que me lancei.

Miranda (2018) ainda aponta para o sentido da solidariedade nas relações de amizade, sendo os amigos aqueles que se ajudam mutuamente e com quem se pode contar, posição essa, a qual também me coloco, pois apesar de gostar de mudanças, acredito que os amigos de perto ou de longe, se nos vemos a muito ou pouco tempo, ainda assim, é bom que seja aquele com quem podemos sempre contar. Eu posso dizer que tenho amizades assim, são poucas, mas tenho, e é isso que mais me chama atenção em uma relação de amizade, pois acredito que amigo não precisa ser aquele que está sempre perto, mas que mesmo estando longe, podemos contar sempre.

Nesse momento, lembro-me de uma amiga, cujo laço de amizade iniciou-se ainda na infância, mas se intensificou na instituição religiosa em que fizemos parte e perpassou muitos outros ambientes, como a mesma escola que estudávamos, e mesmo que o tempo passe, eu sei que sempre posso contar com ela, não podemos estar sempre juntas, mas sinto que essa amizade é para sempre, por isso exponho aqui uma música que me faz lembrar sempre dela e que já cantamos muitas vezes juntas, inclusive no Show dessa banda a qual fomos algumas vezes. Cito a música completa, pois é como se disséssemos sempre cada frase dessa música uma para outra, expressa em palavras, atitudes e sentimentos bons de que gozamos simultaneamente quando nos falamos, nos encontramos, ou simplesmente lembramos uma da outra:

Quem me dará um ombro amigo
Quando eu precisar?
E se eu cair, se eu vacilar
Quem vai me levantar?
Sou eu quem vai ouvir você
Quando o mundo não puder te entender
Foi Deus que te escolheu pra ser
O melhor amigo que eu pudesse ter

(Refrão)
Amigos pra sempre
Bons amigos que nasceram pela fé
Amigos pra sempre
Para sempre amigos sim, se Deus quiser!

Quem é que vai, me acolher
Na minha indecisão?
Se eu me perder pelo caminho
Quem me dará a mão?
Foi Deus quem consagrou você e eu
Para sermos bons amigos num só coração
Por isso eu estarei aqui
Quando tudo parecer sem solução

Peço a Deus que te guarde
 E te dê Sua paz
 (GALLO, 2000, Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/anjos-de-resgate/amigos-pela-fe.html>).

Ao lembrar essa música, vêm junto muitas memórias e emoções, é como se resumisse também toda minha história de amizade até aqui, como diz um dos trechos da música acima, “bons amigos que nasceram pela fé”, afinal acredito que fazer amigos em qualquer contexto que seja, sempre foi e será um ato de fé, aposta-se tudo em uma relação com alguém que mal se conhece inicialmente e esse alguém se torna aos poucos ou até mesmo muito rápido, um amigo. A partir desse momento coloco novamente essa música para tocar e escuto, então sinto que a escrita acontece de forma mais emotiva, talvez o leitor comece a sentir um pouco mais essa emoção, é como se eu parasse e sentisse toda emoção das relações de amizade que eu ainda não havia sentido de forma mais intensa até agora.

Então me recordo de muitos amigos que já passaram por mim e que passei por eles, e dou-me conta de que mesmo nas mudanças em muitas áreas da minha história, eles continuam sempre comigo, pois os carrego sempre em minhas lembranças. Sobre isso, um dado apontado por Miranda (2018), é a quebra da amizade por eventos que podem ocorrer durante a vida, e comigo ocorreu devido às minhas necessidades de mudanças em muitos aspectos da vida. Diante de toda minha realidade experienciada, encontro no poema de Cecília Meireles, o que gostaria de expressar para os amigos que vivem em minhas lembranças, principalmente muitos que não entendem minhas escolhas e necessidades de mudanças:

Meus companheiros amados,
 não vos espero nem chamo:
 porque vou para outros lados.
 Mas é certo que vos amo
 [...]
 Não condeneis, por enquanto,
 minha rebelde maneira.
 Para libertar-me tanto,
 fico vossa prisioneira.
 Por mais que longe pareça,
 ides na minha lembrança,
 ides na minha cabeça,
 valeis a minha Esperança.
 (MEIRELES, 1951, Disponível em: <https://www.culturagenial.com/maiores-poemas-amizade-literatura-brasileira-portuguesa/>).

Miranda (2018) possibilita que se reflita sobre a amizade como, “movimento constante, tal qual a vida” (MIRANDA, 2018, p.172). Assim também identifico o meu desejo e produzo sentidos sobre estar sempre em constantes mudanças, como quem vive em movimento. Assim,

tenho a oportunidade de experimentar novas relações de amizade. Sobre isso, acredito que sempre gostei do sentimento de liberdade nas relações de amizade. “Amizade em movimento, não como uma relação descartável e sim como liberdade para ser amigo ou amiga. Movimentar-se ao encontro de novas amigas e novos amigos com liberdade”. (MIRANDA, 2018, p.172). Mesclado com as minhas “memoriações”, eu sou afetada pelo tema, ao qual nunca conseguiria desenvolver de maneira tocante, se não vivesse essas experiências e relações de amizade. É nessa teia dialógica que se desdobra o levantamento bibliográfico realizado sobre o tema, e apresentado na seção 3.1.

3.1 Estudos recentes

Para esse trabalho, foram realizados levantamentos de estudos de teses e dissertações publicados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Inicialmente, delimitou-se o período de tempo que vai de 2007 a 2019, na busca por estudos relacionados à temática da juventude. Posteriormente, devido à pandemia e a alteração no cronograma da pesquisa, acrescentou-se um levantamento bibliográfico de estudos atualizados, abrangendo o período de 2020 a 2022². Este levantamento na plataforma (BDTD) foi realizado com a opção de busca avançada para uma melhor obtenção de resultados. Os descritores utilizados e a quantidade de trabalhos compilados, em cada um desses descritores, foram: amizade e juventude com nove (9) trabalhos compilados; juventude e projetos sociais com dois (2) trabalhos compilados; juventude e projetos de vida com sete (7) trabalhos compilados; juventude e perspectivas de futuro com apenas um (1) trabalho compilado.

Esse levantamento apontou para publicações nas áreas de Geografia, Serviço Social, Enfermagem, Ciências da Comunicação, Educação Física e, com maior incidência de publicações, as áreas de Ciências Sociais, Psicologia e Educação, sendo um total de 17 dissertações e 10 teses. A área de educação lidera em trabalhos publicados que indicam interesse por essas temáticas, alternando entre dissertações (6) e teses (5). A escolha dos trabalhos para as discussões que serão tratadas a seguir, se deu conforme maior proximidade das temáticas com a presente pesquisa.

Vou apresentar os resultados, organizando-os em três partes: a primeira que traz os **Estudos recentes sobre amizade e juventude**, a partir dos trabalhos de Vigentin (2016);

² Na atualização, também caracterizo o estado da arte sobre a temática, substituindo o descritor juventude por adolescência, dada a complexidade entre esses dois termos, já mencionada no trabalho. Os resultados serão tratados em uma seção específica (3.1.4), no presente capítulo.

Latarri (2016); Amaral (2015); Lima (2014); Bianchi (2014); Schwertner (2010); Villas (2009) e Barbosa (2007). A segunda que expõe os **Estudos recentes sobre perspectiva de futuro e projetos de vida dos jovens**, com base em Farias (2018); Gomes (2016); Silva (2016); Oliveira (2015); Purgato (2015). E a terceira, que aborda os **Estudos recentes sobre Jovens e Projetos Sociais (Periferias e Vulnerabilidade)** segundo Caldas (2017) e Lage (2012). Portanto, a discussão destas temáticas será articulada a seguir ao tema do presente trabalho, o qual busca compreender como adolescentes participantes de um projeto social da periferia do Recife-PE produzem sentido para as amizades em suas perspectivas de futuro. Depois, nas seções 3.1.4 e 3.1.5, atualizamos a pesquisa, de forma geral, mas dando uma contextualização sobre o estado da arte nos últimos dois anos, os quais coincidem com o período da pandemia da COVID-19. Na seção 3.1.4, também, abordamos a temática substituindo o descritor juventude por adolescência, apenas para um panorama dos reflexos da mudança dos termos sobre os resultados, considerando a complexidade já mencionada.

3.1.1 Estudos recentes sobre amizade e juventude

Neste item, alguns estudos dialogam com as teorizações de Bauman (2015), por isso são feitas relações em alguns momentos.

Vigentin (2016), ao analisar a participação juvenil em um movimento social, percebe que está se dá por diversos sentidos como, por exemplo, o sentido político, mas também pelo fato de o movimento social se constituir, para os jovens, como um espaço de amizades. Além dos jovens que fazem parte do movimento social serem atraídos por redes pessoais (jovens que convidam outros jovens), percebe-se que a amizade também é um meio de atração dos jovens para a participação nos movimentos sociais.

Além disso, segundo Vigentin (2016), a reconstrução de valores é uma das pautas de discussões dentro do movimento social, para que haja sempre, entre os jovens integrantes, novos valores de companheirismo e respeito. Junto a isso, a participação política dos jovens é expressa como criadora de sociabilidades e de processos socializadores. Na pesquisa aqui desenvolvida, entendo que também é perceptível, a partir dos moradores de periferias, organizações de novas formações grupais na transição para a vida adulta, com meios voltados à cultura e criação de espaços novos de sociabilidades e identidades coletivas. Entre os significados de participação em certos grupos que se constituem como movimento social, para os jovens, está o fato da construção de amizades.

Para Latarri (2016), que analisou jovens de uma comunidade de periferia, a amizade tem o sentido de *laços mais fortes*, muitas vezes desde a infância, e é considerada de grande importância. A autora afirma que os amigos são comparados à família, muitas vezes usada a nomenclatura de irmãos entre os jovens para se referir aos amigos. Segundo Latarri (2016) essas relações têm também o sentido de pertencimento, pois os sujeitos vivem juntos as dificuldades, alegrias, lealdade e proteção uns com os outros. A autora expressa que esses jovens compartilham experiências e, para isso, lidam juntos com a falta de dinheiro, tendo que, muitas vezes, usar da criatividade para se encontrarem, em lugares abertos nos bairros, como esquinas, porta das igrejas ou lugares vazios. A música também aparece como elemento de encontro, uma vez que se encontram nas ruas para ouvir *funk*.

A partir desse companheirismo, segundo Latarri (2016), surge a atitude de proteção na qual são capazes até de se colocar à frente em brigas e morrer pelos amigos. Essa aproximação uns com os outros pode ficar perceptível até nas formas de combinação de vestimentas entre eles, enfatizando ainda mais a aproximação da amizade ao laço familiar, no qual muitas vezes querem ser vistos como irmãos. Diante disso, a autora exprime que os jovens investem tempo para construir e manter as amizades, até mesmo ao se mudarem do bairro, ainda se preocupam em não se afastar dos amigos. Latarri (2016) diz que, para os jovens, realmente amizade e companheirismo é algo importante dentro do bairro, há uma preocupação em zelar pelos amigos. Entretanto, segundo a autora, essa lealdade se dá entre os pares que se identificam. Nas relações com demais pessoas que não são tão próximas, porém, os jovens mantêm diálogo, mas não muito demorados e não da mesma forma que com os mais próximos.

Segundo Latarri (2016), o melhor passatempo para esses jovens no bairro é estar na presença dos amigos e, mesmo quando começam a trabalhar se torna mais raro esses encontros, se esforçam para estarem juntos. Relatam sentir falta da vivência e se sentem responsáveis uns pelos outros, até mesmo nas saídas em que fazem combinados de ir juntos e voltar juntos.

Nesse sentido, pode-se entender que existem regras entre eles que não ficam explícitas e não precisam ser ditas, mas são colocadas como ações de amigos de verdade (LATARRI, 2016). A autora diz que esse “instinto” de proteção entre os rapazes não foi gerado por acaso, mas também é característico do ambiente e contexto em que vivem, pois existem conflitos com outros de bairros próximos e, para isso, precisam estar sempre juntos para se defender, é mais que um ato de proteção, mas de confiança entre eles que precisa ser respeitado.

Latarri (2016) indica que os jovens expressam que não desejam morar em outro local, pois é no morro que estão seus confiáveis vínculos familiares e de amizade, e querem estar próximos destes, sendo o morro o melhor lugar para permanecer. Mesmo os que não moram

mais no morro, porque foram presos ou se mudaram para outros locais, o fato de terem crescido lá continua tornando-os considerados e respeitados. Segundo a autora, os jovens afirmam que há uma união entre os que permanecem. Latarri (2016) diz que essas relações são atribuídas ao espaço e sentidos sociais que há nele, as amizades estão ligadas às proximidades de valores e crenças que geram um pertencimento nos jovens, se associando a práticas culturais.

Amaral (2015) trata também de jovens de periferia participantes de um grupo de dança de rua associado à cultura *hip hop*, em que ressignificam suas histórias a partir das práticas artísticas e da amizade. Diante disso, o autor expõe que os laços de amizade são mais estreitados a partir das necessidades precárias de onde vivem esses jovens, que acabam por aproximar mais as pessoas. Expressam também que não sentem necessidade de sair de onde vivem, por causa das identificações existentes, que sentem como referências no local, pois toda a história desses jovens está ligada ao lugar onde moram.

Na análise de Amaral (2015), também aparece, assim como anteriormente em Latarri (2016), a amizade comparada a laços familiares, jovens amigos que se tratam como irmãos, como forma de estreitar os vínculos. São os laços de amizade transformados em laços fraternos de confiança e segurança, como na família, que dificilmente são rompidos. Segundo Amaral (2015), ao mesmo tempo os jovens buscam as liberdades nos vínculos de amizades, que podem ser rompidos mais facilmente. O autor afirma que essa liberdade é positiva, no sentido de que os jovens podem transitar facilmente por outros espaços além do que vivencia em família e alargar as interações de sociabilidade.

Os jovens, de acordo com Amaral (2015), formam suas relações de amizade a partir de semelhanças, e por compartilhar o mesmo local de vivência. Mas, acima disso, se reconhecem em suas similaridades e constroem laços de confiança, compromisso e cuidado uns com os outros. Para eles o amigo é aquele que está sempre por perto. O autor reforça ainda que, apesar dos vínculos de amizade dentro do grupo de *hip hop*, torna-se abrangente uma rede de relações com outros jovens, também envolvidos com dança e arte, que se juntam para promover eventos. As redes sociais ajudam muito nisso, uma vez que aumentam as possibilidades de convivência por canais virtuais.

Amaral (2015) chama atenção para as experiências diárias, vividas dentro do grupo de *hip hop*, que fazem com que os jovens sintam-se amparados uns pelos outros, tornando-se assim mais íntimos uns dos outros. A confiança e a solidariedade ajudam a vencer as dificuldades que eles sentem no dia a dia. O autor ainda diz que essas relações de permanência no grupo ganham outros sentidos sobre o significado de *hip hop*, que passa a não ser visto somente como um grupo de dança, mas também um grupo de amigos. Com isso, tornam-se também referência uns

para os outros e muitos se afastam dos caminhos das drogas e de outros caminhos que possam prejudicá-los. Amaral (2015) afirma que esse apoio entre os jovens torna-se essencial e os impulsiona coletivamente. Apesar disso, os conflitos existem entre os componentes do grupo. Como apontado pelo autor, às vezes os conflitos causam rompimento e distanciamento entre eles, mas com a possibilidade de retomarem os laços, o que acontece em muitos casos. Ao voltarem, são acolhidos novamente pelos membros do grupo. Há, porém, uma regra implícita para que os desentendimentos sejam evitados, que é procurar não sobrepor os conflitos individuais ao convívio coletivo, não prejudicando assim a forma de vivência grupal.

A partir do exposto, Amaral (2015) observa que a amizade também perpassa por dimensões políticas, ao preocupar-se com o coletivo, o social e superar o conceito habitual, ao aprender a se ressignificar através das relações. Isso expressa justamente um diálogo interessante com a abordagem histórico-cultural discutida no capítulo anterior, em que, segundo Pereira (2019), o desenvolvimento advém do contexto social de vivência do indivíduo, nesse caso, os jovens.

Em outro estudo, Lima (2014) aponta para os sites de redes sociais como um meio relevante para os que pesquisam sobre amizade, pois se pode perceber determinados comportamentos conduzidos a partir das auto apresentações dos membros no ambiente virtual. Lima (2014), ao analisar o uso das redes sociais por jovens do campo, aponta que essas redes funcionam como ampliação das relações de amizade e, junto a isso, o celular torna-se um meio de conectar-se mais facilmente. Essas relações se ampliam para as pessoas distantes, mas também para os amigos mais próximos.

Lima (2014) esclarece que, para outros jovens, no entanto, as redes sociais figuram mais como ferramentas de entretenimento do que meio de firmar relações. Apesar disso, muitos jovens enfatizam a satisfação de conhecer pessoas diferentes por redes sociais e também consideram a importância desse meio para organizar-se com os trabalhos escolares junto aos amigos. Diante disso, Lima (2014) enfatiza a importância desses sites apontados como um meio de mudança e melhora na vida de muitos jovens no campo, que passam a firmar as amizades já existentes e também ampliar os laços fora do ambiente de convívio, com pessoas distantes, além de ser um meio de entretenimento.

Outro aspecto significativo foi encontrado nos trabalhos de Bianchi (2014), e diz respeito ao corpo. O corpo sendo considerado um aspecto interessante em busca de sociabilidade, e forma de ser reconhecido socialmente e culturalmente. O grupo de jovens pesquisados pelo autor, assim como tantos outros, une-se por suas identificações, porém estes apresentam o corpo de diversas formas, como em danças e rituais, sexualidade, além dos estilos,

gestos enfatizados, como as formas corpóreas de se apresentar, andar, olhar, vestir, além do cuidado com o corpo fazer parte do dia a dia, tudo bem característico do grupo de jovens analisados por Bianchi (2014).

Segundo o autor, os jovens neste grupo pesquisado criam maneiras simbólicas de representação do corpo a partir da criatividade. Esses corpos, que Bianchi (2014) nomeia de “corpos sociais”, não existem segundo padrões de beleza, mas como uma imagem própria de desejo dos jovens, que seja original para o outro, uma imagem que está em constante mudança, que acontece a partir do compartilhamento dos espaços entre esses jovens: corpos com a intenção de comunicar aspectos contra os padrões sociais e que carregam consigo histórias.

Bianchi (2014) evidencia a forte presença desses corpos expressos nas danças como o *funk* e na sensualidade, referenciando assim o desejo por outros que os observam. Sendo um grupo de periferia, as relações de amizade também são traçadas a partir do sentimento de pertencimento ao local onde vivem esses jovens, mas com a observação de que o corpo, igualmente, reage ao ambiente onde encontra o que precisa, como descanso, acolhimento e, do mesmo modo, agitação.

Schwertner (2010) também expõe fatos já perpassados, como o uso da internet nas relações de amizade dos jovens e a comparação das relações de amizade com a vivência fraterna de família. Segundo a autora, essa semelhança da amizade com a relação familiar, se dá por medo do diferente, com isso procura-se aproximar cada vez mais as relações de amizade a relações com indivíduos do meio familiar. A autora também apresenta a importância da amizade em meio à educação, ou seja, a escola voltar-se a inserir a sociabilidade de forma a introduzir discussões sobre as relações de amizade no cotidiano, pois segundo Schwertner (2010), os jovens sentem-se valorizados quando alguém demonstra se interessar pelos detalhes das tarefas que realizam diariamente.

Schwertner (2010) evidencia que os jovens fazem muitos amigos, os quais a maioria dessas relações de amizade são construídas na escola, assim mostra que este é um ambiente com potencial de contexto para os encontros entre os jovens, portanto há um papel essencial da escola nesse processo. Ampliando para outros contextos de interação, a autora afirma que o bairro também aparece como o lugar que concentra as relações de amizade entre os jovens, junto às relações dentro da família, além de os lugares de encontro que mais aparecem para os meninos, como a rua. Essa é uma discussão sobre gênero importante de se considerar, pois, em muitas culturas, para as meninas esses encontros se concentram em ambientes fechados, privados, como as casas.

Schwertner (2010) ainda afirma que os jovens demonstram uma busca por pouco ou nenhum compromisso nas relações de amizade, nesse ponto de vista a obediência e submissão são as características que visam encontrar em um amigo, ou seja, o amigo que é útil em determinados momentos, mas que pode ser descartado quando desejar. Segundo a autora, isso também acontece com as amizades nas redes sociais, pois existe, nessa realidade virtual, mais facilmente uma possibilidade de controle do desejo de querer, ou não, falar com os amigos, e decide-se a hora de deixar de falar também, sem muitas responsabilidades, fica evidente a possível solidão virtual que precisa ser questionada. Schwertner (2010) diz que essa mesma regra é atribuída à facilidade de iniciar uma amizade na juventude e, na mesma proporção, descartá-la, pois os jovens são mais destemidos no manejo dessas relações, uma vez que estão iniciando-as, muitas vezes, e não há muitas histórias de decepções anteriores. Inclusive, a autora afirma que os jovens criticam os adultos por suas concepções de amizade. Isso é gerado pelo impulso do novo, que os jovens buscam, em construir suas próprias relações, gerando assim uma autonomia.

Dessa forma, Schwertner (2010) expõe que, apesar da proximidade da amizade com os laços familiares, os jovens apontam também para a liberdade da relação de amizade, contrária à obrigatoriedade que há nas relações familiares. Segundo a autora, os jovens relacionam também a amizade à infância, a qual se mostra mais despojada. Diante disso, Schwertner (2010) aponta que os laços de amizade continuam sendo valorizados entre os jovens que se relacionam de maneiras diferentes, por estarem inseridos em meio à era da tecnologia. Apesar dos impasses, as tecnologias e redes sociais são encaradas mais de modo positivo, como complementar nas relações de amizade.

Sobre este movimento dinâmico da amizade entre os jovens, podemos dialogar com Bauman (2015), quando este expõe que os laços de relação na contemporaneidade tendem a ser mais fluidos, expressos no que chamou de modernidade líquida, em contraponto com a ordem e a durabilidade. Portanto, entende-se que as relações com os jovens na contemporaneidade seguem esse viés de fluidez e, assim, se torna compreensível a mudança rápida entre grupos com os quais se relacionam. Bauman (2015) também afirma que esse movimento fluido da juventude contemporânea tem relação com a identidade. Na tentativa de encaixar-se a vários grupos para se relacionar, experimentam diversas identidades possíveis, alterando a visão de outros tempos históricos sobre o conceito de identidade, atribuída como característica estável e imutável, e provocando transformações no próprio conceito.

Por outro lado, Villas (2009) atenta para as repercussões que as diferenças socioeconômicas provocam nas relações entre os jovens, ao analisar uma escola Federal de

ensino médio/técnico e as diferentes formas de ingresso na mesma. A autora demonstra o quanto a vivência prolongada dos jovens no cotidiano é considerável para o envolvimento e a amizade, impactando assim na formação de suas identidades. Nesse contexto, analisado por Villas (2009), foi possível organizar os jovens em subgrupos de acordo com suas afinidades, mais uma vez se confirmando as proximidades por semelhanças na juventude. Junto a isso, aparecem também os que se autodeclaram sem grupo, porém a autora afirma que até esses têm uma determinada paridade, uma vez que se encontram nessa condição de não estarem envolvidos com outros grupos.

Villas (2009) avalia que, quando ocorre o distanciamento, isso é considerado como algo natural, a partir do momento em que os jovens assumem uma nova turma na escola anualmente. Portanto, é especialmente entre os colegas de sala que se constituem as amizades e a escola é mais uma vez evidenciada como um local essencial para as relações de amizade acontecerem. O autor entende que a formação dos pequenos grupos, por afinidades na escola, não impedia que os jovens tivessem suas próprias escolhas de sociabilidades, pois existiam jovens que também interagiam com outros estudantes da sala, sem se fecharem apenas aos seus grupos formados. Como também existiam conflitos entre os grupos de afinidades, desentendimentos, os quais segundo a autora eram muitas vezes o motivo de desconstrução desses agrupamentos.

A forma de relacionamento entre esses jovens acontece espontaneamente e o que os “selecionaria” para uma relação de amizade se encontra nas maneiras de ingresso (VILLAS, 2009). A importância dos estudos e o gênero, no entanto, segundo a autora, parecem também indicar que quanto mais esses princípios estiverem de acordo, mais aumentam as chances dos jovens unirem-se em uma relação de amizade. Assim sendo, a convivência nem sempre assegura a interação, no entanto as proximidades geradas pelos jovens têm a ver com suas tendências e trajetórias, e assim definem-se os grupos de afinidade.

Processos de interação e socialização de jovens, como já vistos nos estudos anteriores, também são corroborados no trabalho de Barbosa (2007), que expressa como as relações de amizade se dão entre os jovens, enfatizando as relações por semelhanças encontradas entre eles. A autora também afirma que, no ambiente escolar, essas socializações acontecem a partir de subgrupos que se formam involuntariamente nas salas de aulas. Dentre esses pequenos grupos de jovens identificados existem os de comportamentos enaltecidos através da instituição escolar, como os dedicados e quietos, e os que não cumprem esses requisitos. Junto a isso, Barbosa (2007) diz que esses jovens são caracterizados por seus estilos, formas de se vestir e muitas vezes apontados por estereótipos que, na vivência diária na sala de aula, não se confirmam.

Com isso, segundo Barbosa (2007), a vivência em sala de aula só acontece em sua totalidade diante dos acontecimentos expressos desses grupos, nos quais os estudantes passam a compartilhar seus sentimentos diários. A autora expressa que durante essas trocas de experiências, os jovens costumam se organizar em espaços geográficos na sala, cada grupo com seu lugar já específico que tem significados não intencionais, mas que dizem muito do que os estudantes desejam ou esperam vivenciar. Existem também regras silenciosas nesses espaços delimitados por cada grupo, as quais não são necessárias expressar, mas estão implícitas nas formas em que se organizam coletivamente. Muitos desses jovens estudantes também expressam que a afeição pelos amigos é uma das coisas que mais prezam na escola.

Com isso, Barbosa (2007) alude que um dos motivadores para os jovens se envolverem com seus pares na escola é uma relação já iniciada anteriormente, em outra sala. Também são motivados pela proximidade geográfica, como quando moram próximos, no mesmo bairro, por exemplo, além dos estilos culturais. Portanto, segundo a autora, é memorável e muito importante considerar as múltiplas experiências vividas por grupos de amigos na juventude. Indica as mudanças de proximidade e afastamento entre os jovens como muito comuns, nas escolas de periferia, sendo as maiores causas dessas alterações a evasão escolar e a troca de turmas ou turnos para alunos que começam a trabalhar. Porém a autora aponta que este movimento instável nas relações é uma característica mais marcadamente encontrada nos jovens, relacionada a um viver mais o presente, pois esse tempo passa a ser mais importante que o passado e o futuro. Além disso, Barbosa (2007) remete a outro elemento juvenil relevante nas interações entre os grupos de afinidades e os demais grupos vivenciados pelos jovens, que é a aceitação, a necessidade de se sentir gostado e respeitado.

Então, Barbosa (2007) indica para os laços construídos como estratégias de sobrevivência na escola, uma vez que a autora afirma não haver muitos momentos para trocas e, assim, os jovens criam muitas vezes essas maneiras de estarem mais juntos, extrapolando intervalos, porque a escola muitas vezes não valoriza o jovem na sua condição juvenil, mas os vê somente como alunos que precisam cumprir regras. Barbosa (2007) alerta para a não percepção da instituição escolar em relação ao distanciamento dos alunos da mesma, por preferirem estar com os amigos. Portanto, a autora atenta para o papel de intervenção da escola, que poderia ir além e adentrar em temas sobre as relações, uma vez que os amigos tornam-se auxílio em inúmeros espaços que frequentam.

Em suma, as pesquisas sobre amizade na juventude indicam que os amigos são muitas vezes o incentivo para que os jovens estejam ou permaneçam em determinados locais e instituições. A força das relações afetivas na amizade pode favorecer um movimento de

transformação para experiências em novos ambientes. Logo, os relacionamentos de amizade se dão nas necessidades, histórias vividas e identificação. Alguns aspectos que fazem parte dessas relações são a solidariedade, o investimento de tempo e o cuidado com o outro. Muitos desses vínculos advêm da infância, principalmente entre jovens nascidos e criados na periferia, onde relações de amizade tornam-se de grande relevância, comparada a laços familiares, de forma a expressar proximidade e confiança entre os vínculos.

Além disso, os estudos apontam para aspectos sociais e econômicos, que afetam principalmente jovens moradores de bairros periféricos, pela necessidade de lidarem com a falta de dinheiro. Isso poderia ser um empecilho no cultivo das relações de amizade, porém usam a criatividade para, ainda sim, vivenciarem os momentos juntos, indo para lugares públicos e abertos no bairro. Isso, junto às condições socioeconômicas, acaba por aproximar os jovens da periferia.

Outro elemento que faz parte da sociabilidade juvenil, embora menos evidenciado nas pesquisas, diz respeito ao corpo, com presença marcante através de expressões artísticas, estilos e sensualidade, que favorece a comunicação e expressão, para a sociedade, sobre o que desejam. Aspectos relacionados a isso são característicos das relações de amizade na juventude, que na contemporaneidade se apresentam com efemeridade, algo como uma prática do descartável, que está perto quando é útil, mas pode ser excluído em qualquer momento. As redes sociais em ambientes virtuais parecem favorecer esses processos que marcam relações mais efêmeras e vínculos facilmente desfeitos.

Todavia os sites de relacionamento e redes sociais também são apontados como potenciais para interações sociais e vínculos entre os jovens, ao ampliar as possibilidades de relações de amizade e firmar laços já existentes. Como já dito, instabilidade e fugacidade parecem fazer parte do itinerário dos jovens na pós-modernidade, fenômeno evidenciado pelo sociólogo Bauman (2005), ao falar da fluidez nas relações juvenis em que os jovens se adaptam conforme os grupos os quais se envolvem. Esse processo fluido e dinâmico na formação de vínculos afetivos impacta diretamente na identidade, e nuances de questões sobre o futuro, como responder sobre uma possível identidade profissional, tornam-se mais complexas na contemporaneidade. Estudos sobre esse ponto são considerados na seção 3.1.2, seguinte.

Os autores e suas análises apresentadas na presente seção revelam que discussões sobre relações de amizade merecem ser inseridas nas instituições formais como as escolares, pois frequentemente é o local onde há maior sociabilidade entre os jovens, os quais geralmente se organizam em grupos de afinidade. Além disso, esses jovens estabelecem regras de vivência entre si, nesses e nos diversos contextos e situações concretas que vivem e frequentam,

carregados de significados, distribuídos nos regulamentos que são, muitas vezes, silenciosos, porém muito bem compreendidos em meio às situações diárias.

A maioria dos estudos sobre amizade e juventude, nesse levantamento bibliográfico, são analisados conforme as teorias sociais da juventude e a maior parte dessas pesquisas são realizadas em escolas e com jovens de periferias. Diante do tema da amizade na juventude, pode-se perceber que a amizade carrega em seu conceito o sentido do potencial de transformação, pelas trocas significativas vivenciadas em seus diferentes tempos e espaços.

3.1.2 Estudos recentes sobre perspectiva de futuro e projetos de vida dos jovens

Em relação às perspectivas de futuro dos jovens, Farias (2018) aborda os projetos de vida junto à escolarização na juventude, no qual os jovens apontam demandas relacionadas a dificuldades de permanência na escola, planos para o futuro e projetos de vida. A autora aponta para o trabalho ser característico para esses jovens, por serem provenientes de pais ribeirinhos e pescadores, condição que tornando a escola um meio de esperança e um lugar de viabilidade para a construção e efetivação dos projetos de vida, pois essa instituição é vista pelos jovens como aquela que dá todo o suporte teórico e prático necessário para que os mesmos possam alcançar o que almejam.

Farias (2018) diz que apesar dos jovens se referirem às relações vivenciadas na escola e as demandas em relação ao trabalho como dificuldades de permanência na mesma, a instituição escolar ainda continua sendo a que dá condições para obtenção de um futuro viável, junto ao esforço dos estudantes. Diante disso, a autora expõe que ainda enxerga-se a visão minimizada dos jovens referente à condução presente na sociedade, que os leva muitas vezes à frustração em seus projetos de vida. Existem também aspectos similares nessa discussão de Farias (2018), com a pesquisa em andamento, diante das condições sociais semelhantes que os jovens se encontram.

Com uma abordagem que alcança as dimensões afetivas, Gomes (2016) apresenta os projetos de vida através de uma perspectiva que contempla o conceito de felicidade, ao apresentar afetividade e felicidade essencialmente ligadas às escolhas dos jovens. Nesse sentido, segundo a autora, surgem caminhos diferentes nas decisões dos projetos de vida, a iniciar pela condução da sociedade até a cautela que os jovens têm em relação ao outro. Diante disso, Gomes (2016) define a felicidade entre os jovens como um sentimento de valor ao pensar os projetos de vida, assim como também surgiram sentimentos negativos, como o medo, ansiedade, entre outros que advém de preocupar-se com o não cumprimento de seus projetos.

Assim sendo, para a autora, é evidente que para os jovens a felicidade é totalmente associada à escolha dos projetos de vida.

Paralelamente, Silva (2016) expõe a relação da construção dos projetos de vida com a identificação do lugar, nesse caso a escola. Com isso, a autora constata interesses juvenis mais voltados à vida profissional e manutenção de laços familiares, mantendo a autoestima ao pensar as perspectivas de futuro. Na construção da identidade e dos projetos de vida, Silva (2016) afirma que as mulheres são mais diretas, direcionam suas expectativas para a carreira profissional e parecem saber o que querem como profissão, além de atribuir o sucesso ao acesso de bens materiais e a características pessoais positivas, o que tem a ver com a autoestima. Junto a isso, a autora atribui que família e escola são apontadas como bases principais para a construção das expectativas futuras dos jovens, além também dos amigos, o que envolve uma ligação das relações, então a manutenção afetiva também aparece como expectativa de futuro dos jovens.

Silva (2016) também aponta para o desejo que prevalece entre os jovens de mudarem de país, o que é potencializado pelas redes sociais, condição do contexto virtual que vivem, muitas vezes em contato pela internet com pessoas de outros países, gerando assim, a sensação de facilidade de mudança. Mas há contrapontos de jovens que ainda não sabem dizer onde desejam viver no futuro. Nesse aspecto, a autora fala do sentido de expectativas positivas e necessidade de mudança que aparecem entre os jovens e que se relaciona com a identificação com o lugar, no sentido de quão mais difícil à realidade que o jovem vivencia, maior a expectativa de mudança.

Mudança esta que só ocorre segundo Silva (2016) se a escola for uma potencializadora dos projetos de vida dos jovens, caso não seja, as expectativas juvenis positivas tendem a diminuir, uma vez que nos bairros de escolas públicas os quais muitos jovens encontram-se inseridos, existem bastantes dificuldades e a execução desses projetos de vida não depende única e exclusivamente dos jovens, o que percebe-se a forte influência das instituições e da sociedade nesse processo.

Silva (2016) também cita alguns aspectos juvenis como o desejo dos jovens em manter a afetividade com familiares e amigos, além do uso da internet como propulsora de mudanças e a influência das instituições que fazem parte das expectativas de futuro dos jovens. Estas questões expressas por Silva (2016) que adentram no tema da pesquisa atual, relacionada também às perspectivas de futuro, mostram assim que estes temas estão interligados e dessa forma, aumentam a relevância desta pesquisa.

Em outra pesquisa, Oliveira (2015) traz uma percepção da realidade dos jovens de classes populares estudantes de escola pública quanto às possibilidades que lhes são oferecidas para a realização de seus propósitos de vida e as dificuldades encontradas, diante do manejo social e escolar que desemboca em desigualdades de oportunidades quanto a projetos de vida pessoais, escolares e profissionais. A autora apresenta que esses jovens inquietam-se com dificuldades que enfrentam no dia a dia, como transportes públicos, moradia, renda, além de constatar-se a profissão dos pais como as mais simples provenientes de classes populares.

Oliveira (2015) evidencia que também é perceptível uma empatia entre gerações na escola. Com isso, surge para a autora a necessidade de repensar a questão da faixa etária imposta nos documentos da infância e juventude, uma vez que os estudantes com mais idade inseridos no contexto escolar muitas vezes sentem-se jovens, além de jovens que ainda se enxergam como adolescentes. Isso se dá, segundo Oliveira (2015), pelo aumento da expectativa de vida que possibilita outra relação com o tempo e concomitantemente o conceito de juventude aparece cada vez mais de forma abrangente.

Junto a isso, Oliveira (2015) fala da escola, muitas vezes inserida entre realidades de área nobre e popular, tendo assim os jovens que conviver em cenários de contradições. Ainda sim, a instituição é a principal influenciadora de formação para os jovens. A autora também apresenta o trabalho, entre os jovens, como essencial nos projetos de vida, porém, deparando-se com possibilidades restritas nesse âmbito, escolhem profissões que consideram como mais próximas possíveis da realidade em que vivem, uma vez que a sociedade contribui constantemente nessa condução, não oferecendo muitas saídas de oportunidades e os jovens sentem-se cada vez mais socialmente inferior. Há também, segundo Oliveira (2015), os que mencionam a continuação dos estudos no ensino superior, no entanto, continua a prioridade por alcançar projetos de vida a partir das necessidades mais urgentes e imediatas que não conseguem esperar muito tempo. Assim, a autora afirma que muitos jovens demonstram perspectivas de forma sonhadora, longe de se realizar concretamente.

Continuando com a discussão, Oliveira (2015) diz que apesar da realidade em comum, existe a história individual de cada jovem, a qual pode ser alterada. Isso porque, mesmo dentro de um mesmo contexto de vivência em bairros populares, há os que podem ter mais possibilidades de concretização de projetos de vida do que outros. Contudo a autora expõe que esses jovens trazem em comum a incerteza em projetos longos, desejam mais imediatismo na dignidade em serviços básicos, como educação, saúde e transportes de qualidade do que grandes profissões e patamares na vida. Todavia seguem a lógica de valorizar mais o que está ao alcance do que descobrir o que virá.

Acrescenta-se ainda, por Purgato (2015), projetos de vida de jovens que vivem em periferia, como oriundos de escolhas que se dão a partir do local ao qual estão imersos e as redes de sociabilidades. Portanto, os jovens em diversos cenários periféricos, reclamam da falta de recursos básicos ao ser humano que compromete uma vida digna, além da violência e uso de drogas muito presentes nessas localidades. Por essas questões, Purgato (2015) diz que os jovens buscam construir projetos de vida baseados em realidades diferentes das vivenciadas que marcam as juventudes periféricas, para isso, demonstram esforços pessoais e familiares para tal superação, como forma de resistir e vencer a pobreza. Além disso, a autora afirma que a localidade em que os jovens emergem pode dificultar as expectativas futuras, visto que entre os jovens de classes populares, os projetos de vida giram praticamente em torno do desejo de ingresso no ensino superior e no trabalho, porém, muitos jovens precisam conciliar estudo e trabalho para alcançar expectativas futuras (Purgato, 2015).

Purgato (2015) expõe que enquanto jovens de classe média ou alta geralmente cursam uma graduação para ao final serem inseridos no mercado de trabalho, os jovens pobres precisam trabalhar para estudar. Segundo a autora, essa introdução antecipada dos jovens no mercado de trabalho se dá por necessidade, até mesmo de ajudar a família em casa, mas também para suprir os seus desejos de lazer, os quais só terão possibilidades se buscarem a renda financeira própria. Além disso, existe a crise estrutural do capital, a qual Purgato (2015) afirma impactar diretamente na vida dos jovens, sendo que a sociedade exige cada vez mais formação, colocando a educação como principal meio de ingresso no mercado de trabalho, mas que apresenta condições precárias nesse aspecto, ou até mesmo o desemprego, realidade muito presente entre os jovens. A realidade de pobreza e desigualdade a qual os jovens estão inseridos nesses relatos expostos acima, faz parte também do contexto apresentado dos participantes da pesquisa atual e também poderá ser verificada nos estudos recentes a seguir, sobre jovens e projetos sociais.

3.1.3 Estudos recentes sobre Jovens e Projetos Sociais (Periferias e Vulnerabilidade)

Caldas (2017) apresenta os significados e sentidos dos jovens sobre a participação dos mesmos em projetos sociais de lazer. Junto a isso, enquanto pesquisadora, Caldas expressa um pouco do seu contato inicial com um projeto social, antes de realizar a pesquisa, e a importância desse contato em seu trabalho. É possível enxergar mais uma vez a importância do quanto mensurável podem ser as experiências anteriores do pesquisador com o objeto de pesquisa, por isso relembro também a minha vivência anterior com um projeto social, o qual inclusive me fez

decidir em pesquisar adolescentes de projetos sociais, além da maneira de escolha para aproximação dos projetos sociais na pesquisa que se realizou e desenvolvimento da mesma que se deu através de redes de afetos de amigos e conhecidos, envolvidos com projetos sociais, acredito que assim dar-se um sentido maior para um diálogo com os adolescentes que participaram da pesquisa atual.

Em relação aos projetos sociais, é necessário expor um aspecto muito presente entre os jovens participantes destes que é a vulnerabilidade social, pois segundo Caldas (2017), os projetos sociais são localizados em áreas de periferias ou próximos a estas, com o intuito de amenizar os impactos sociais presentes nas localidades.

Devido à deficiência das políticas sociais, que contribuem pouco com a inserção das pessoas na sociedade de forma participativa, é possível verificar nas localidades de baixa renda das grandes cidades o aumento da movimentação das comunidades. Para os autores, “a área cultural é o instrumento escolhido como caminho para a tentativa de minimizar a questão, gerando a formação de grupos de hip-hop e de funk, grupos ligados à área esportiva, teatral, entre outras manifestações”, relacionadas com o tempo-espço e lazer. (STOPPA E MARCELLINO, 2006, p.34).

A partir disso, Caldas (2017) traz a discussão sobre tipos de projetos sociais os quais manteve contato, como projeto de investimento privado, projetos de iniciativa governamental e projetos sociais liderados por membros da localidade (os quais não contam com apoio do setor público nem privado). Com isso, também expressa a frustração no discurso de alguns jovens em relação ao projeto social de instituições privadas, por esperarem que o projeto, por ser renomeado e ter uma grande importância social, pudesse oferecer mais do que oferece. Além das burocracias documentais e locais muitas vezes exigidas para participação, com isso o público que pode ter acesso ao projeto passa a ser bastante selecionado. Portanto, acabam por selecionar e atender apenas uma pequena parcela do público.

Além disso, Caldas (2017) também aponta os projetos sociais como sendo um meio que possibilita acesso às práticas culturais que ganham significados na vida dos jovens. Esses projetos que também são vistos pelos jovens como uma ocupação de tempo, os projetos sociais considerados como fuga para as realidades às quais os jovens encontram-se expostos nas periferias, como, violência, drogas, até mesmo realidades difíceis vivenciadas em casa. “Ou seja, nos projetos eles têm a oportunidade de ver, experimentar e conhecer as coisas” (CALDAS, 2017, p. 111).

Além dos jovens ainda identificarem os projetos sociais como gerador de mudança de rotina, local para construção de novas relações de amizade (o qual justifica mais uma vez a escolha da inserção dessas relações que se dará nesta pesquisa) e também espaço de

experiências com apresentações artísticas, vivências que tocam muito profundamente os jovens e na qual Caldas (2017) ao tocar nessa realidade de experiência em um discurso de uma jovem afirma ser incapaz de definir, o qual recorre a Bondía (2002), “é experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma”. (BONDÍA, 2002 apud CALDAS, 2017, p. 110). Assim também me recordo das minhas experiências expressas neste trabalho, as quais chamo de memórias e dou-me conta mais uma vez do quão importante é expressá-las por mais que o leitor também não alcance tocá-la de forma subjetiva, mas para que entenda que as escolhas de pesquisa não acontecem do nada, mas o experienciar é necessário na escrita a qual torna-se mais interessante se houver uma conexão com histórias já vivenciadas anteriormente.

Caldas (2017) ainda demonstra durante o processo de pesquisa com jovens de projetos sociais, contatos com os jovens através do aplicativo *Whatsapp*. Apesar de Caldas (2017) não ter realizado uma pesquisa de forma *on-line*, se utilizou também dos meios digitais no processo, de modo a demonstrar o quanto a internet faz parte da rotina dos jovens. Aparece também em Caldas (2017) a maneira de atração dos jovens para os projetos sociais por redes de afeto, através de outros jovens da família que também já participam, como primos e até mesmo amigos. Caldas (2017) chama atenção também para dificuldades enfrentadas pelos jovens, como muitos que vão para os projetos sociais não só em busca das atividades oferecidas, mas também por necessidade de alimentação que falta em casa, por isso os jovens apontam como um ponto importante, à necessidade de oferecer alimentação nos projetos sociais, como lanches por exemplo. “Revela-se, assim, uma visão do projeto social como espaço de “cuidar” dos jovens, de “suprir” necessidades”. (CALDAS, 2017, p. 113).

Caldas (2017) também expõe as possíveis influências dos projetos sociais no comportamento dos jovens, como na diminuição da agressividade, aumento do entrosamento e comunicação com seus pares. Além do motivo da escolha em participar de um determinado projeto social expressar expectativas que os jovens buscam as quais Caldas (2017) evidencia “[...] que o projeto seja um apoio para o jovem; de que o projeto ajude com os problemas da vida; de que o projeto não seja apenas um momento para dançar e vivenciar alguma prática esportiva e cultural.” (CALDAS, 2017, p. 114). Também segundo Caldas (2017) faz parte dessas expectativas dos jovens que os projetos promovam mais passeios, viagens, como se essa fosse a única oportunidade de vivenciar realidades diferentes as quais não conseguiriam experienciar fora dos projetos sociais. Nessa busca por um projeto social que promova novas possibilidades, Caldas (2017) aponta que os jovens podem já ter participado de até mais de um projeto existente na comunidade.

Outro dado importante que Caldas (2017) traz é o educador que também já foi participante do projeto social e passa a contribuir depois, inspirando assim outros jovens a fazerem o mesmo. Além de os jovens sentirem-se mais à vontade com os educadores e líderes dos projetos que são da mesma localidade que eles, uma vez que já conhecem a realidade que vivem e muitas vezes os educadores acompanharam até o crescimento e a história dos jovens. Junto a isso uma realidade colocada por Caldas (2017) é o desestímulo desses que trabalham e estão à frente do projeto referente ao pouco investimento, os quais gostariam de fazer mais, mas não conseguem pela precariedade de recursos. Devido a isso, os jovens expressam que os projetos podem até ocupar tempo e evitar que os jovens se envolvam com situações negativas, mas para que haja uma mudança de vida é necessário melhorar ainda no aspecto de recursos e relacional com os jovens.

Junto a isso, Caldas (2017) fala sobre a perspectiva de futuro desses jovens inseridos em projetos sociais, e faz atentar para o quanto se faz necessário adentrar nesse assunto, o qual será aprofundado nesta pesquisa atual, uma vez que Caldas (2017) explicita a respeito dos jovens que tem refletido em relação a um futuro próximo, como por exemplo, terminar os estudos e trabalhar, e não pensam muitas vezes em um futuro distante, característico de jovens que residem em periferias urbanas. Fazer faculdade e construir a profissão que deseja, geralmente não passa de um sonho distante, que talvez não passe de um sonho para esses jovens.

A respeito dessas perspectivas de futuro, Lage (2012) que também realiza essa análise com jovens de um projeto social que oferece oficina de música, expressa expectativa de mudança de vida relacionada a essa vivência por parte dos jovens e os pais dos jovens, esses últimos também apresentam viabilidades de mudanças de longo e curto prazo, diferentemente do que se pode observar referente às expectativas dos jovens em Caldas (2017). “através da orquestra de violinos, se apresenta como uma via que pode possibilitar mudanças de vida, abrir novos caminhos, nunca antes vistos como alternativas concretas e viáveis.” (LAGE, 2012, p. 81). Lage (2012) também apresenta os medos, sonhos e expectativas dos jovens em relação ao futuro, também os ideais e identificações desses. Além da experiência com a música poder levá-los ao êxito artístico, ascensão social e econômica. Apesar disso, os jovens não descartam outros projetos como concluir os estudos, entrar na universidade e ter profissões mais tradicionais também, os quais Lage (2012) reconhece que “para a população de uma comunidade carente, [...] não é fácil ou comum.” (LAGE, 2012, p. 88). Apesar disso, Lage (2012) apresenta o projeto social em que analisa, como lugar aberto ao fortalecimento dos jovens, onde possam refletir sobre si mesmos, seus projetos de futuro e possam construir seus projetos de vida.

Portanto, esses estudos foram aqui compilados em função desta pesquisa a ser realizada, uma vez que traz muitos aspectos que foram encontrados no decorrer da investigação, pelo fato dos contextos selecionados para discussão serem parecidos com os que foram encontrados durante a exploração do campo de pesquisa. Com isso, é possível observar que todos esses temas encontram-se interligados, pois nos projetos sociais pode-se encontrar jovens que vivenciam relações de amizade e expressam perspectivas de futuro e isso justifica mais uma vez a escolha do tema: Relações de Amizades e Perspectivas de Futuro de Jovens Participantes de um Projetos Social inseridos em periferias da cidade do Recife-PE. Sobre essa temática foram apresentados estudos recentes com jovens e em seguida serão apresentados estudos recentes com adolescentes.

3.1.4 Estudos recentes (de 2007 a 2022) sobre Adolescência e Amizade, Adolescência e Projetos Sociais, Adolescência e Projetos de Vida, Adolescência e Perspectivas de Futuro

Também foram realizados estudos de teses e dissertações publicados na BDTD no período que se estende de 2007 até 2022. A implicação dessa ampliação do período se dá devido à prorrogação do tempo de pandemia para a conclusão do mestrado. Dessa forma, a pesquisa também se atualiza para contemplar o termo adolescência, complexificando, como em capítulos anteriores, os conceitos de juventude e adolescência para além de marcos etários. Os descritores utilizados nesta seção 3.1.5. e a quantidade de trabalhos compilados em cada um foram: adolescência e amizade com quatro (4) trabalhos compilados; adolescência e projetos sociais com dois (2) trabalhos compilados; adolescência e projetos de vida com dezoito (18) trabalhos compilados; adolescência e perspectivas de futuro com três (3) trabalhos compilados. Ao pesquisar o termo adolescência, junto aos descritores, apareceram muitos trabalhos com a nomenclatura juventude, como se o sistema da BDTD fizesse relação com esses dois termos durante as pesquisas. Neste levantamento foram encontradas publicações predominantemente nas áreas de psicologia, com vinte e um (21) trabalhos, alternando, mas com menor incidência, para as áreas de saúde e educação, sendo um total de quatro (4) teses e vinte e duas (22) dissertações. A seguir, serão apresentados estudos que indicam interesse e mais proximidade com meu estudo.

Em relação a adolescência e amizade, Costa (2016) em seu estudo referente a qualidade da amizade na percepção de adolescentes que residem em instituições de acolhimento, aponta para características em geral positivas relacionadas as amizades entre os adolescentes, nas quais

as relações de amizade são tidas como auxílio na resolução de conflitos e em relação ao companheirismo entre os adolescentes, nem sempre é tido como saudável e aceitável, como por exemplo quando se refere ao uso de drogas e furtos. Palavras frequentes que apareceram relacionadas a amizade entre os adolescentes no estudo de Costa (2016) foram: conselhos, relação, carinho, conversar, problemas, brincar e resolver.

Sobre adolescência e projetos sociais, Ferro (2014) no seu estudo sobre o papel dos projetos sociais na vida dos adolescentes, revela a pobreza presente no público que estão inseridos no projeto, além dos adolescentes estarem expostos a diversos indicadores de riscos, como a exposição a violência, os conflitos na comunidade e com a família, pouca satisfação com a escola. Referente aos meios protetivos e que contribuem para o bem-estar dos adolescentes, Ferro (2014) identifica o projeto social, a família, a igreja e as amizades, os quais proporcionam suporte emocional e criação de vínculos afetivos, além desses fatores também contribuir para os projetos de vida dos adolescentes. Referente ao projeto social Ferro (2014) também destaca que há uma valorização dos adolescentes na participação do projeto e as atividades mais estimadas são as relacionadas com o lúdico, aos esportes e atividades artísticas, além dos passeios promovidos, com isso, o projeto social aparece como a segunda instituição mais importante para os adolescentes, perdendo apenas para a família. Ferro (2014), também destaca para as relações de afeto e carinho que os adolescentes sentem pelos educadores e colegas do projeto social. Aponta também para amizades que vão além do projeto social, mas atenta para os conflitos que também existem entre os pares no projeto.

Em relação a adolescência, projetos de vida e perspectivas de futuro, Araújo (2018) discorre sobre esse tema com adolescentes participantes de um programa social de popularização da ciência e tecnologia. Através de instrumentos quantitativos e qualitativos, o autor destaca os programas de instituições que proporcionam ações para esse público, colaborando para a composição desses projetos de vida. Nesse contexto da adolescência e juventude, Araújo (2018) afirma que os indivíduos passam por diversas mudanças, portanto obter um projeto de vida torna-se um meio de proteção. O autor também evidencia as muitas incertezas expostas pelos jovens em relação ao futuro, tornando assim uma projeção cada vez mais recente, sem expectativas para um futuro mais distante. Há diversos fatores que acarretam esse pensamento dos jovens com foco em relações de curto e médio prazo, como as instabilidades do país e das condições socioeconômicas e o desenvolvimento e uso de tecnologias, que acontecem com muita rapidez e transformam o mundo.

Portanto, segundo Araújo (2018), os adolescentes planejam-se por no máximo cinco anos à frente, tendo como projetos avançar nos estudos e planos para o trabalho, além de quase

nunca conversarem sobre isso em casa e serem mais cobrados pela escola e pela família a resultados mais imediatos. Inclusive o autor constatou que os adolescentes, em seus projetos de vida, encontram-se ligados à comunidade. Então, quanto mais às instituições envolvem os jovens nesses contextos, mais recebem resultados positivos em relação ao desenvolvimento dos mesmos, em especial na construção de seus projetos de vida, os quais os adolescentes apresentam o desejo de se tornarem pesquisadores e professores na área de tecnologia e continuar no programa social que participam, ou em outros projetos sociais, aumentando assim o desejo de se especializar nos estudos, para que isso aconteça. Essa perspectiva exposta por Araújo (2018) se assemelha ao tema que se objetiva nesta pesquisa atual, sendo a discussão sobre projetos de vida transversal ao que se busca investigar, focalizada nas relações entre juventudes e projetos de vida com jovens participantes de projetos sociais.

Saliente-se ainda que Gobbo (2016), ao observar a ausência de instrumentos quantitativos nacionais, apresenta uma escala para avaliar projetos de vida de adolescentes brasileiros. Tal escala é composta por itens que abrangem o tema das escolhas dos projetos de vida, entre esses, relacionamentos afetivos, estudo, trabalho, aspirações positivas, bens materiais, religião/espiritualidade e sentido da vida. A partir desses itens, foi possível a autora contemplar o que adolescentes de diferentes classes sociais pensam sobre o futuro. Além de constatar o interesse de jovens em discutir sobre os itens, evidenciando a centralidade dos projetos de vida para os jovens.

3.1.5 Estudos atuais (de 2020 a 2022) sobre Amizade e Juventude, Juventude e Projetos Sociais, Juventude e Projeto de vida e Juventude e Perspectivas de Futuro

Como explicado anteriormente, também foram atualizados os estudos de teses e dissertações publicados na BDTD no período que se estende de 2020 até 2022, a implicação desse período se dá devido à prorrogação do tempo de pandemia para a conclusão do mestrado. Os descritores utilizados nesta seção 3.1.6. e a quantidade de trabalhos compilados em cada um foram: três (3) trabalhos de dissertação relacionados apenas a juventude, mas não a amizade e juventude (com os descritores amizade e juventude não houve indicação de trabalhos compilados); juventude e projetos sociais com três (3) trabalhos compilados; juventude e projetos de vida com dez (10) trabalhos compilados; juventude e perspectivas de futuro com apenas (1) trabalho compilado. Neste levantamento foram encontradas publicações predominantemente nas áreas de educação, com dez (10) trabalhos, alternando, mas com menor incidência do que na área educação, para as áreas de psicologia, sociologia, terapia ocupacional,

sendo um total de oito (8) teses e seis (6) dissertações. Portanto, a seguir serão apresentados estudos que indicam interesse e mais proximidade com essas temáticas.

Diante da atualização da pesquisa, exponho em relação a jovens e projetos sociais, o estudo de Gonçalves (2020), que aponta para aspectos como mobilidade urbana reduzida para jovens de projetos sociais em situação de pobreza, moradores de favela, junto a visão social criminosa e desordeira que paira sobre esses jovens, portanto Gonçalves (2020) afirma que o local de moradia diminui o acesso por direitos para esses jovens, limita a cidadania e liberdade de escolha. Também aparece o medo que os adolescentes tem da violência dentro do local onde moram devido à alta criminalidade, mas também o sentimento perpassa para territórios desconhecidos, por medo de sofrer preconceitos por suas origens. Diante disso, as políticas sociais são tidas como importantes, pois mesmo não mudando totalmente a realidade urbana, “ficou claro que possibilitam a ampliação do capital cultural e educacional, o que pode levar a também uma ampliação da mobilidade urbana e quiçá da participação social, posteriormente” (GONÇALVES, 2020 p. 320).

Exponho também relacionado aos projetos de vida e perspectivas de futuro o estudo de Galvão (2020) expressa as vivências de tempo e espaço dos jovens da periferia implicadas na construção de seus projetos de vida, com isso, aponta para as relações imediatas que os jovens mantêm com o futuro, em que aparecem os projetos de vida relacionados a formação e profissionalização e independência e laços afetivos, pois os jovens apontam para a importância da vida profissional e continuação dos estudos e almejam entrar para o ensino superior, mas na busca de antes trabalhar para custear os estudos. Além disso, Galvão (2020) também afirma que as perspectivas de futuro dos jovens perpassam pelas relações de amizade, pois contam com a contribuição de amigos na trajetória e inclusive manter laços de amizade faz parte das perspectivas desses jovens. Fatores que aparecem como sustento para a construção dos projetos de vida dos jovens são a família, amigos e escola, nesta última afirmam a importância do incentivo dos professores.

A atualização das pesquisas, no ponto 3.1.5., reforça os aspectos já apresentados nas temáticas referidas a *juventude* expostas na seção 3.1. deste trabalho. Junto a isso, a inserção do termo *adolescência* nas pesquisas recentes (seção 3.1.4) foi essencial para complementação desse levantamento do estado da arte. Porém, entendo que a pesquisa bibliográfica não para apenas nas teses e dissertações concluídas e publicadas na BDTD, mas ela poderia se ampliar para incluir artigos e livros sobre o tema, e inclusive poderia também se estender para uma literatura internacional, principalmente na América Latina (a qual ainda não foi feita neste momento), procurando por trabalhos que dialogassem com a temática aqui focalizada. Isso não

foi realizado, mas tenho a dimensão da relevância de outras atualizações, para pesquisas futuras complementares ao que foi feito até aqui.

Como exemplo disso, foi publicado recentemente o livro *A geração do quarto: Quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar* (FERREIRA, 2022), com o qual é possível fazer pontes de diálogo. No jornal *Folha-PE*, em uma reportagem na qual o autor do livro (FERREIRA, 2022) fala sobre o motivo pelo qual decidiu realizar a pesquisa, que resultou na publicação do livro, essa necessidade advém do contato com o outro, com pais que, em muitas palestras, perguntavam o que podiam fazer para ajudar seus filhos, que passavam muito tempo dentro nos seus quartos. Ferreira (2022) começou a identificar que algo estava acontecendo e que não era percebido pela escola e nem por outros organismos sociais. Com isso, aborda uma discussão de sofrimento socioemocional de crianças e adolescentes gerada por isolamento, ao se fecharem em mundo micro, como o quarto, e perderem a possibilidade de um contato mais amplo com o coletivo.

Percebi o alerta que há nisso para a importância de projetos sociais, que possibilitem o contato do jovem com um mundo mais coletivo, em contato com pares e sujeitos significativos de seu tempo histórico. Assim entendi, no alerta do autor, ainda que indiretamente, a importância de relações de amizade e de um diálogo com o mundo, mediado por projetos sociais, como via para o autocuidado e o autoconhecimento, minimizando formas de adoecimento emocional. Essa discussão vai verberar no estudo aqui apresentando, quando busco entender o papel das amizades às perspectivas de futuro, e focalizar uma unidade de análise sobre as relações de alteridade do sujeito com o mundo, com o outro, e consigo. Aspectos da metodologia de construção dos dados e suas análises que serão apresentados a seguir (capítulo 4).

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa eminentemente qualitativa, no campo da etnografia, mas considerando-se a construção de dados realizada de modo remoto, não presencial, mediado por tecnologias digitais. Assume-se, assim, um trabalho com características da etnografia virtual, expressão que Polivanov (2013) destaca:

A etnografia é um termo complexo, que pode adquirir acepções diversas dependendo de como é apropriado por determinada área de estudo (como a Antropologia – que a tem como seu método por excelência –, Comunicação, Educação, História, Geografia, Linguística, entre outras) e por determinado pesquisador. [...] interessando-nos mais, no entanto, os modos e debates sobre como aplicá-la a contextos de pesquisa virtuais. (POLIVANOV, 2013, p. 1).

Segundo Santos e Gomes (2013), “dentre as possibilidades das abordagens qualitativas, a etnografia tem despontado, de forma cada vez mais contundente, como um método promissor para os estudos ciberculturais” (SANTOS E GOMES, 2013, p. 3). Sendo assim, na presente pesquisa, considera-se que a etnografia virtual advém da etnografia tradicional, tendo por base discussões provenientes da antropologia, e tem o propósito de analisar interações que acontecem no espaço virtual, na internet, através dos meios digitais. Isto implica que a pesquisa se dará amplamente em contextos de interação virtual, mediados por tecnologias que permitam um acompanhamento remoto, de modo síncrono e assíncrono.

Hine (2004), ao apresentar e discutir a etnografia virtual como método, afirma que nessa realidade de pesquisa o que muda não é somente o fato de tecnologias digitais serem usadas para acesso ao virtual, mas sim a composição de significados que rodeia o uso desses artefatos. Desse modo, a internet pode ser vista, ao mesmo tempo, tanto como um artefato cultural, com possibilidades de usos diversos, como uma cultura, desenvolvida nas relações entre sujeitos que produzem significado e sentido. Segundo Hine (2004), a distinção entre *off-line* e *online* é intensa para os que defendem uma cultura virtual, dessa maneira foram propostos à evolução do ciberespaço para favorecer novos campos da etnografia. Junto a isso, Hine (2004) também traz uma discussão sobre a internet como cultura e artefato cultural:

Internet también puede verse como um artefacto cultural, conformado por procesos sociales de producción y de uso. La metáfora de la tecnología como texto nos ha abierto un camino para explorar las relaciones entre productores y usuarios, que cobran vida en el texto y sus interpretaciones. Internet puede ser vista en sí misma como una cultura, pero los significados y las percepciones que aportan quienes participan en ella pueden adquirir forma según los entornos desde los que provienen, así como de las expectativas que puedan tener. Como apunta Baym (1998) los mundos *online* y *offline* se conectan entre sí de maneras complejas, El espacio en que ocurren las interacciones virtuales se

produce socialmente y, a la vez, se nutre de una tecnología cuya base es también social. (HINE, 2004, p. 53)³.

Sobretudo, Hine (2004) não estabelece entre esses dois conceitos – cultura e artefato – uma relação contraditória, mas os vê de forma que devem ser considerados conjuntamente e explorados em suas dimensões recíprocas, pois, quando se trata de pesquisas na internet, cada um aponta para abordagens metodológicas distintas. Assim, segundo a autora, ambos permitem a utilização de uma abordagem etnográfica, mas posiciona-se que essa visão da internet como cultura deve ser encarada como uma conquista para a tecnologia. Junto a isso, Evans (2010) citado por Polivanov (2013, p. 4) expressa:

A afirmação da internet ser cultura e um artefato cultural é particularmente importante, uma vez que conecta à internet em si e as práticas dos usuários na internet com o método da própria etnografia. Assim como a etnografia é tanto um método como um produto, a internet é tanto um modo de conduzir interações sociais quanto um produto dessas interações. (EVANS, 2010, p. 12 grifo nosso *apud* POLIVANOV, 2013, p. 4).

Assim sendo, considerando a riqueza cultural que os ambientes virtuais vêm ganhando na contemporaneidade, e ainda os limites impostos pela pandemia do coronavírus durante o período da realização da pesquisa (2020 e 2021), os dados foram construídos em ambientes *on-line*, de forma a compreender como adolescentes participantes de um projeto social da periferia do Recife-PE, produzem sentido para suas relações de amizades, em suas perspectivas de futuro. Entendemos que os contextos de ação situados no projeto social em foco são vivenciados no trânsito efetivado por esses sujeitos no virtual, como um *continuum* de suas vivências presenciais.

É pertinente situar o contexto atual de pandemia da COVID-19 em que a pesquisa é realizada e, portanto, as motivações da escolha por ser aplicada de maneira remota, virtualmente, em decorrência das circunstâncias, seguindo orientações de distanciamento social das autoridades sanitárias. Com a pandemia, experimentou-se, nos mais variados contextos de ação cotidiana, uma maior necessidade de uso de tecnologias digitais, para mediações a distância, através de plataformas virtuais, com impactos nas formas de viver e se relacionar em

³ A Internet também pode ser vista como um artefato cultural, composto por processos sociais de produção e uso. A metáfora da tecnologia como texto abriu um caminho para explorarmos as relações entre produtores e usuários, que ganham vida no texto e em suas interpretações. A Internet pode ser vista em si mesma como uma cultura, mas os significados e percepções fornecidos por aqueles que participam dela podem tomar forma de acordo com o ambiente de onde vêm, bem como as expectativas que possam ter. Como aponta Baym (1998), os mundos *online* e *offline* estão conectados entre si de formas complexas, o espaço em que as interações virtuais ocorrem socialmente e ao mesmo tempo. É nutrido por uma tecnologia cuja base também é social. (HINE, 2004, p. 53).

variadas instituições e contextos. Nessa realidade em que muitas pessoas encontram-se isoladas em suas casas, agindo de modo responsável, reforçou-se a necessidade de estarem conectadas, reinventando rotinas de trabalho, acesso à informação e reconfigurando contextos de interações.

Com isso, entende-se que as tecnologias digitais são meios de interação utilizados pelos adolescentes de sociedades informatizadas, uma vez que os participantes estão imersos em uma cultura carregada de artefatos digitais em seu dia a dia, produzindo sentidos para o que ocorre em suas vidas mediadas pelas tecnologias. Portanto, a etnografia virtual favoreceu o processo de realização da pesquisa (de forma remota) e realça, de modo particular, aspectos dos modos de vida contemporâneos.

A familiaridade de adolescentes e jovens com a internet é demonstrada no gráfico a seguir (Figura 1), em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, que analisa a utilização da internet das pessoas por idade e evidencia uma maior predominância de uso entre as pessoas mais jovens.

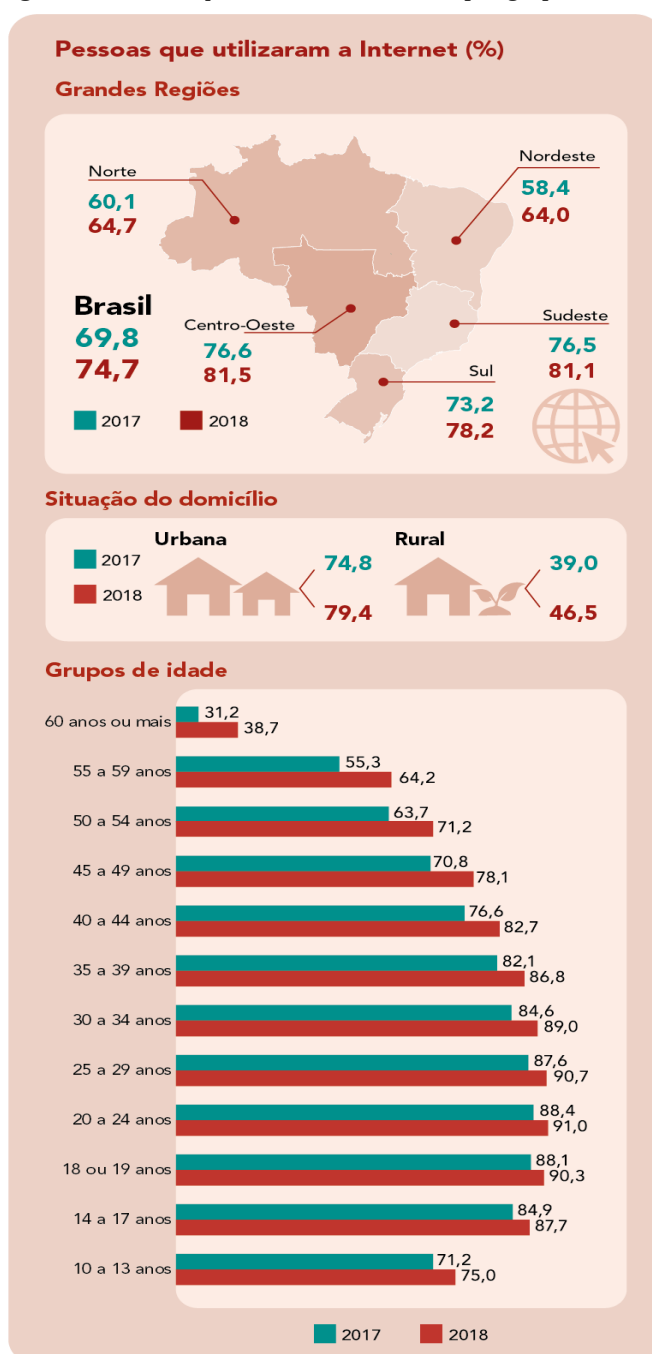
Entende-se, na metodologia realizada na presente pesquisa, que as possibilidades de espaço-tempo são potencializadas e reconfiguradas em contextos virtuais, nas interações mediadas pela internet (artefato) e ocorridas na internet (cultura), tornando necessárias essas reflexões sobre a pesquisa na internet, sua utilização cotidiana e as transformações nos relacionamentos tecidos no espaço-tempo virtual (HINE, 2004).

Além dessas reflexões provocadas por Hine (2004), também Rocha (2005) ajuda a compreender os alcances que uma demarcação etnográfica virtual pode favorecer, quando afirma justamente “que a cibercultura é pautada por temas da sociedade, porque se imiscui nas práticas cotidianas.” (ROCHA,2005, p. 2). Também Augé (1994) citado por Rocha (2005) ao analisar um período transpassado por cibercultura, expõe o conceito de “não-lugar”, descrito “pela desterritorialização que remete justamente ao não pertencimento físico e presencial do lugar.” (ROCHA,2005, p. 6). Portanto, Santo e Gomes (2013) exprimem que o campo de pesquisa não deve ser visto de maneira material e objetiva e sim, primeiramente, instanciado por pessoas que compõem e constituem, de forma virtual e simbólica, suas localidades e delimitações territoriais.

Nesse contexto, Rocha (2005) discute as possibilidades de exploração da pesquisa etnográfica na internet, uma vez que diferentemente da sua execução no meio antropológico inicial, em que era necessário o contato direto com o local de pesquisa, em contraste, na internet “em termos de ciberespaço, pode-se dizer que o mecanismo de mediação se dá por meio da interatividade do usuário frente a interfaces gráficas” (ROCHA,2005, p. 8). Portanto, acredita-se que, em algum nível, o uso das redes digitais nestes tempos, tem impactos nas relações

afetivas e amigáveis em contextos práticos de ação dos adolescentes, como os projetos sociais, e mesmo nas suas perspectivas de futuro, nosso foco neste estudo. É importante salientar que essa ideia apenas tangencia a pesquisa aqui apresentada, pelas transformações perceptíveis nas interações sociais, em decorrência da expansão de novas formas de viver e se relacionar em decorrência do que se pode chamar espaço virtual. Porém, não é objetivo estabelecer as possíveis relações entre a internet e a produção de sentidos sobre amizade.

Figura 1: Pessoas que utilizaram a internet por grupos de idade.



O objetivo geral do trabalho foi compreender como adolescentes participantes de um projeto social da periferia do Recife-PE produzem sentido para as relações de amizade em suas perspectivas de futuro. Além disso, especificamente, buscou-se caracterizar as relações de alteridade nos enunciados de adolescentes de um projeto social; Analisar as redes dialógicas nos enunciados dos adolescentes entre as relações de amizade no projeto social e as perspectivas de futuro. Importante enfatizar que o projeto social continuou realizando ações durante a pandemia do Coronavírus e ocorreu para além de encontros presenciais, em espaços de virtualidade.

É pertinente situar que o contexto atual de pandemia da COVID-19, em que a presente pesquisa foi realizada, trouxe implicações diretas para as motivações de escolha para a construção dos dados, que foram construídos de forma *on-line*, em decorrência das circunstâncias, seguindo orientações de distanciamento social das autoridades sanitárias. Com a pandemia, experimentou-se, nos mais variados contextos de ação cotidiana, uma maior necessidade no uso de tecnologias digitais, para mediações remotas, através de plataformas virtuais, ampliando os impactos da internet nas formas de viver e se relacionar em variadas instituições e contextos. Nessa realidade em que muitas pessoas encontram-se isoladas em suas casas, agindo de modo responsável, reforçou-se a necessidade de estarem conectadas, reinventando rotinas de trabalho, acesso à informação e interações a distância.

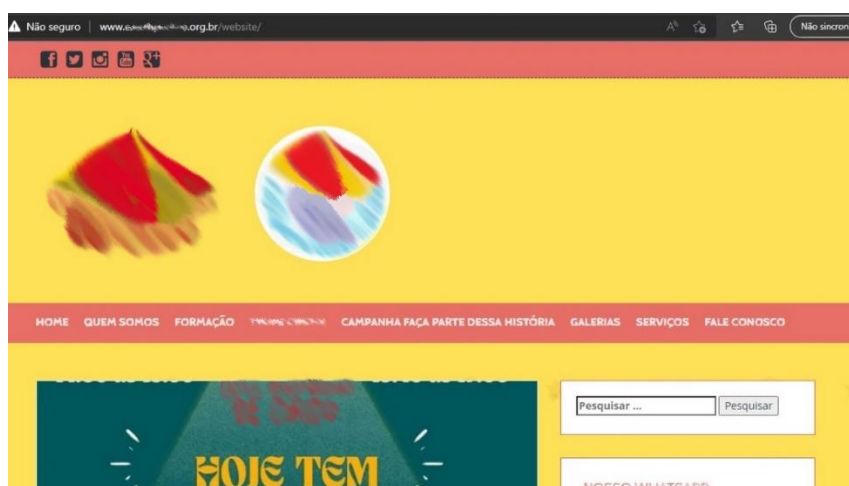
Diante do exposto, o procedimento de construção dos dados, pela etnografia virtual, se deu em três momentos, os quais serão explicitados a seguir, como denominados: imersivo, aproximativo e interativo.

1) Imersivo: No primeiro momento, de imersão virtual, foi realizada a escolha do projeto social a partir das minhas redes de afeto, como pesquisadora deste trabalho em questão, por já haver uma aproximação anterior com projetos sociais, originando-se em algum ponto anterior de minha trajetória. Também é importante salientar que não existe uma definição fechada referente a projeto social neste trabalho, o intuito da escolha é que o projeto social fosse aquele que atua de maneira a amenizar os impactos socioeconômicos que os *adolescentes* e *jovens* de periferias vivenciam. Portanto os contatos foram realizados com os responsáveis do projeto social, por meios eletrônicos e digitais de comunicação, como o site institucional, redes sociais digitais (*instagram*), e-mail, aplicativo do *whatsapp*, telefone e chamada de vídeo através do aplicativo *whatsapp*. Isso incluiu também o contato que tive anteriormente com o projeto social em outra pesquisa no tempo da minha graduação, o qual ao narrar esse fato para o coordenador do projeto, ele me acolheu ainda com mais apreço, gerando uma trama de

lembranças afetivas originadas em mim como pesquisadora. Optei por esse critério de escolha dos projetos sociais, pelo próprio teor das relações afetivas de amizade, e suas redes de significação discutidas neste trabalho.

A imersão virtual desse trabalho iniciou-se no dia 09 de fevereiro de 2021, na qual realizei visitas ao *site* do projeto social (figura 2) e ao *instagram* (figura 3), este último, foi onde encontrei mais informações, e também observei que era a rede social que mais tinha movimentação. Através da *bio* (página logo abaixo da foto do perfil) do *instagram*, consegui o número para contato atualizado (*whatsapp*), tentei ligar, mas ninguém atendia, devido à pandemia (covid-19), os responsáveis não estavam presencialmente todos os dias.

Figura 2: Home Page Site do Projeto Social



Fonte: Site projeto social estudado, (2021).

Link do site não revelado por questões éticas de sigilo da pesquisa.

Então, enviei uma mensagem via *whatsapp* e me responderam informando um e-mail o qual eu poderia entrar em contato com a coordenação do projeto social, entrei em contato através do e-mail, realizando o momento de identificação oficial minha e da pesquisa e prontamente obtive resposta de uma das responsáveis que encaminhou meu e-mail para o coordenador do projeto. Este também me respondeu muito rápido, afirmando a imensa alegria por eu ter retornado o contato ao projeto social, (pois eu relatei no e-mail meu envolvimento com o projeto em outro momento de pesquisa, durante a graduação) no e-mail o coordenador também autorizou inicialmente a realização da pesquisa no projeto social, além de passar o seu contato pessoal (telefone / *whatsapp*) para o desenvolvimento e detalhes da pesquisa, logo em seguida, apresentei para o coordenador, por e-mail, as questões éticas, autorização para pesquisa e publicação de dados, disponíveis na carta de anuência (Apêndice A) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

Figura 3: Página Instagram do Projeto Social

Fonte – Instagram do projeto social estudado (2021).

Chamou atenção a prontidão em que os responsáveis responderam no *instagram*, *whatsapp* e *e-mail*. Enfim, posso testemunhar o quanto todos estavam atentos às redes, acredito que a pandemia (COVID-19) contribuiu para isso. A partir dessa imersão inicial (09 de fevereiro de 2021) as redes sociais e meios de comunicação do projeto social, passei a acompanhar a página do *instagram* e esse acompanhamento durou até 06 de maio de 2021, dia do momento interativo (grupo focal), no qual, selecionei imagens referente as vivências dos adolescentes no projeto social, disponíveis no *instagram* e no *site* institucional do projeto, imagens as quais utilizei no momento do grupo focal, para uma melhor interação com os adolescentes.

Nessas visitas ao *site* institucional e as redes sociais digitais (*instagram*). Pude observar que, o *site* tem informações relacionadas ao histórico do projeto, referente a questões informativas, como: a história do projeto social, o que é o projeto; quem são os profissionais que atuam; as atividades que o projeto social oferece; o público que o projeto atende; galeria de fotos; espaço para entrar em contato com o projeto social. Percebi que o *site* é um meio mais estagnado, para buscar informações mais oficiais sobre o projeto social. Já o *instagram* é um

meio mais dinâmico, onde são realizadas postagens mais atuais, o que está acontecendo no momento. O *instagram* nesse período de imersão virtual em que observei, foram realizadas quase toda semana (principalmente nos finais de semana), lives bem interativas, com atividades realizadas pelos educadores, para que os educandos acompanhassem, durante essas lives, também eram realizadas entrevistas, em que o educador que estava comandando, fazia algumas perguntas, sobre a história pessoal, envolvimento com as artes e a trajetória no projeto social dos demais educadores que iriam realizar a atividade do dia.

Percebi que também participaram das lives, o coordenador e a coordenadora, os quais também trouxeram contribuições de atividades, para os educandos e falaram um pouco sobre a história do projeto social e sobre as dificuldades que o projeto estava vivenciando durante a pandemia da (COVID – 19). Também identifiquei, que o fato do projeto trabalhar com artes, as lives eram sempre muito interativas, divertidas, com muitos elementos das artes inseridos, como leitura de poemas, além de todos os educadores sempre estarem caracterizados em todas as lives. Diariamente a página também era movimentada, com avisos, mensagens de incentivos e movimentação de sorteios.

2) Aproximativo: No segundo momento, de aproximação às interações, o coordenador do projeto social me passou os contatos dos pais ou responsáveis pelos adolescentes mais frequentes no projeto social. Entrei em contato com dez responsáveis através de aplicativo *whatsapp* e consegui contato com nove responsáveis, diante das disponibilidades dos adolescentes e responsáveis. Então, efetivamente participaram da pesquisa, cinco adolescentes. Isso ocorreu no período entre 29 de março 2021 em que o coordenador me passou os contatos dos responsáveis, até o dia 06 de maio de 2021, dia em que foi realizado o grupo focal. Nesse período, eu fiquei sempre em contato por *whatsapp*, com os responsáveis dos adolescentes e com os adolescentes participantes da pesquisa, para apresentação dos acordos éticos da pesquisa, como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B) e uma carta de anuência, para os adolescentes participantes (Apêndice C), na qual os mesmos também foram considerados nesse processo de aceitação para participação da pesquisa. Foram realizados de forma *online*, todos os contatos, combinações e apresentação de autorizações com os responsáveis e adolescentes. Apenas em um único dia, eu me desloquei até a residência dos adolescentes, para levar as autorizações impressas, para assinatura dos responsáveis e adolescentes, esse procedimento foi realizado com muito cuidado, mantendo o distanciamento social, uso de máscara, higienização das mãos, autorizações impressas separadas de forma individual para cada responsável e adolescentes e o mais importante, com consentimento de

todos os responsáveis, para que esse momento fosse possível, devido ao estado de pandemia da COVID-19.

3) Interativo: Assim sendo, no terceiro momento, com interações e promoção de uma situação intersubjetiva, foi realizado o grupo focal, no dia 06 de maio de 2021, com cinco sujeitos, diante da disponibilidade dos adolescentes e responsáveis. O grupo focal com os sujeitos envolvidos no projeto social pesquisado, foi gravado com o consentimento dos responsáveis e adolescentes, teve duração de 01h38min28seg e foi realizado a partir da plataforma on-line Google Meet, a qual os adolescentes se mostraram bem familiarizados.

O grupo focal teve o intuito de compreender como adolescentes participantes de um projeto social da periferia do Recife-PE, significam as amizades em suas perspectivas de futuro. Para isso, o roteiro foi todo planejado de forma a promover interação entre os adolescentes, organizado da seguinte forma: Primeiro Bloco (Apresentação e características pessoais); Segundo bloco (Projeto Social); Terceiro bloco (Amizade); Quarto bloco (Perspectivas de Futuro). Foram utilizados slides como recurso para condução do grupo focal, nos quais, em cada bloco foram apresentadas imagens que remetiam a amizade, vivência dos adolescentes no projeto social e futuro, de forma a indagar os adolescentes e engatar na discussão, além de perguntas com alternativas também para discussão e reflexão.

Tudo isso, com o foco de que os adolescentes interagissem com palavras, atitudes, expressões, de maneira a responder aos objetivos desta pesquisa, nos quais estão inseridos, o projeto social, a amizade e a perspectiva de futuro. Essa escolha para condução do grupo focal fez muita diferença, para que os adolescentes se envolvessem mais na discussão, até mesmo emocionalmente. Como será mais detalhado nas análises e no roteiro (apêndice D).

Para a construção dos dados da pesquisa, neste terceiro momento, foi realizado o recurso de grupo focal, com registros que compõem a observação das interações nos espaços virtuais mobilizados na e pela internet, com os sujeitos participantes. Segundo Gatti (2005), nas pesquisas qualitativas, pode-se constatar que “a técnica do grupo focal vem sendo cada vez mais utilizada.” (p.7), na psicologia social, sendo esta técnica considerada uma das diferentes maneiras de trabalhos com grupos. Gatti (2005) afirma que a escolha dos participantes do grupo focal se dá a partir de alguns critérios, como por exemplo é preciso que os sujeitos tenham pontos em comum para a discussão e interação da proposta central do trabalho: “Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas” (GATTI, 2005, p. 7).

Desta forma, é possível identificar que os participantes dessa pesquisa têm em comum o fato de serem todos adolescentes, participarem do mesmo projeto social e compartilharem da mesma realidade de moradores de bairros periféricos. Com isso, é possível reconhecer nos adolescentes participantes da pesquisa, esta experiência diária com o tema abordado, apontada por Gatti (2005). Além de, no projeto social em que a pesquisa foi realizada, serem promovidos muitos momentos de interação, em que se torna imprescindível à vivência das relações de amizade. Gatti (2005) ao citar Kitzinger (1994), expõe que o grupo focal refere-se a um tipo de atividade coletiva. No caso da pesquisa atual, o grupo focal foi realizado de maneira a debater um conjunto de questões, divididas por blocos.

Ao discorrer sobre o papel do facilitador ou moderador da discussão, Gatti (2005) afirma que é necessário a não diretividade, deve-se ter o cuidado para que o grupo aconteça sem intervenções, afirmações, emissões de opinião que possam interferir diretamente. Porém, não significa que o moderador deve esquivar-se totalmente, pois este, precisa realizar encaminhamentos referente ao tema e ajudar na interação entre os participantes.

É importante ressaltar uma dificuldade encontrada durante esta pesquisa, na realização do grupo focal on-line, pois precisei não só mediar, mas incentivar, fazer um grande esforço para que os adolescentes expusessem suas opiniões, acredito que tanto pela característica do grupo, por serem adolescentes e realmente precisarem de um incentivo maior, mas talvez por restrições do fator remoto, em que as pessoas não estão acostumadas a discorrer uma discussão de uma problemática livremente neste formato, além das limitações tecnológicas, as quais para que um participante falasse o outro precisava desligar o microfone para que todos pudessem entender e para que não houvesse ruídos. Apesar disso, o método do grupo focal foi muito rico em detalhes, pois, pode-se observar muito mais informações com o grupo focal, do que se fosse apenas a técnica da entrevista individual. Sobre isso, Gatti (2005) ao citar Morgan e Krueger (1993) expõe:

A pesquisa com grupos focais tem por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, como, por exemplo, a observação, a entrevista ou questionários. O grupo focal, permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar. (MORGAN e KRUEGER 1993, apud GATTI 2005, p. 9).

Este momento ajudou a entender a maneira de construção das vivências desses adolescentes, por serem pessoas que têm alguns traços em comum e significativos para os objetivos que se buscava. Com isso, permitiu captar diferentes perspectivas sobre a temática,

além de compreender ideias vivenciadas no cotidiano e a maneira como os se influenciaram uns aos outros. No grupo focal realizado na pesquisa atual, surpreendi-me várias vezes com determinadas falas dos adolescentes e tantas vezes, precisei explicar novamente as questões elaboradas de maneira que ficassem mais próximas possíveis para entendimento do grupo, além de elaborar no momento, novos questionamentos a partir da realidade que os participantes apresentavam.

Segundo Gatti (2005), “a atividade no grupo focal deve ser atraente para os participantes, por isso, preservar sua liberdade de adesão é fundamental.” (Gatti, 2005, p. 13). Também vivenciei essa realidade durante a realização do grupo focal, pois percebi que haviam momentos em que alguns participantes não queriam se colocar, por não se sentirem à vontade, ou por não saberem mesmo o que dizer sobre o assunto, dependendo da minha percepção, eu tentava ajudar e desenvolver melhor o tema para saber se era só falta de compreensão do sujeito participante, mas quando percebia que o participante não queria falar por espontânea vontade, eu não insistia tanto, para que não se sentisse recuado, eu buscava sempre respeitar a aderência de cada um ao tema discutido. Pois, Gatti (2005), afirma que se deve escolher o grupo focal como método guiando-se a partir da aderência dos participantes.

O roteiro elaborado como forma de orientar e estimular a discussão deve ser utilizado com flexibilidade, de modo que ajustes durante o decorrer do trabalho podem ser feitos, com abordagem de tópicos não previstos, ou deixando-se de lado esta ou aquela questão do roteiro, em função do processo interativo concretizado. O próprio processo grupal deve ser flexível, embora sem perder de vista os objetivos da pesquisa. (GATTI 2005, p. 17).

Gatti (2005), também fala sobre a dificuldade que se pode encontrar ao fazer um grupo focal com participantes que se conhecem muito, e eu fiz com uma dupla de irmãos e duas primas, porém, pude constatar essa dificuldade com os irmãos durante o grupo focal, percebi que a adolescente ficava um pouco recuada para falar a maioria dos momentos e quando falava se guiava através da resposta do irmão e muitas vezes repetia a mesma resposta, mas também pude perceber o lado positivo, em que o irmão também ajudava ela a compreender alguns questionamentos e por ser mais próximo, ela entendia melhor quando ele explicava. Além da dupla de primas também me surpreenderem nesse sentido, pois, apesar de serem também bem próximas, se sentiram muito à vontade para falar, não as observei recuadas por causa da presença uma da outra, porém a escolha dos participantes se deu, a partir da disponibilidade dos mesmos e dos responsáveis que aceitaram a participação destes na pesquisa.

A partir disso, Gatti (2005), expõe que “as decisões sobre a composição dos grupos, a forma de convite, a motivação e a adesão dos participantes desejados constituem um trabalho bastante delicado” (GATTI 2005, p. 23). Apesar da escolha dos participantes da pesquisa atual se dá a partir da disponibilidade dos mesmos, acredito que fiz uma boa abordagem ao realizar o convite e incentivo entre os adolescentes e os responsáveis, gerando principalmente confiança a ambos, que se mostraram muito disponíveis e a vontade para a participação na pesquisa, mas observei que também existe uma confiança dos participantes e seus responsáveis no projeto social pesquisado, pois, o fato de falar para os responsáveis dos adolescentes participantes da pesquisa, que o coordenador do projeto havia me fornecido os contatos, eu senti que emitii uma maior segurança.

Sobre o local que o grupo focal deve acontecer e o modo de registro das interações, Gatti (2005), sugere que seja um local confortável, em que os participantes se encontrem face a face. Nas orientações para participação do grupo focal, eu sugeri que ficassem em um local da casa silencioso e onde se sentissem mais à vontade e confortável, porém como essa pesquisa atual foi realizada de forma remota, devido às recomendações do ministério da saúde, referente à pandemia da covid (2019), foram encontradas algumas dificuldades na realização. Como por exemplo, a de estar face a face, pois apesar da recomendação dos adolescentes ficarem todo momento com a câmera ligada, muitos desligavam e eu de certa forma, tentei compreendê-los, pois mesmo assim o grupo fluiu, fui entendendo também ao decorrer do grupo focal, que era a forma que se sentiam mais à vontade, às vezes, e eu não queria passar a sensação de força-los ou obrigá-los a estar com a câmera ligada todo tempo, até por conta do contexto remoto, que também se torna um pouco exaustivo.

Além disso, por ser realizado de forma remota, existia o desafio do grupo focal acontecer com a proposta do debate entre os participantes, pois eles sempre ficavam esperando o meu comando antes de responder aos questionamentos, tanto por causa das características do grupo, por serem adolescentes e eu perceber que eles têm mais dificuldade de se expressar sem que tenha algum estímulo, mas percebi também, que a realidade do grupo de forma remota, não ajudava nesse processo de uma maior liberdade de discussão, além de que, para que uma outra pessoa tomasse a fala, era necessário que as outras desligassem os microfones por causa dos ruídos que impediam a compreensão do que estava sendo falado.

Gatti (2005), ainda aborda a importância de perguntar o que os participantes acharam sobre o grupo focal, fiz isso ao final do grupo e as respostas foram positivas, eles expressaram a relevância do momento. Gatti (2005), ainda enfatiza que os participantes do grupo, podem falar livremente em torno da temática proposta, pois todas as opiniões são importantes, não

existe certo, ou errado. Durante o grupo focal, eu fazia questão de enfatizar isso muitas vezes, no início e durante o momento quando percebia a necessidade e deu muito certo, os adolescentes realmente foram se sentindo à vontade para falar o que pensavam.

Junto a isso, surgiram divergências e convergências sobre as temáticas discutidas. O grupo focal também foi acontecendo de forma dinâmica, com uso de imagens para que fossem expressas opiniões e sentimentos. A partir disso, eu trouxe os questionamentos da pesquisa para o grupo focal. Além de apresentar várias opções em uma mesma pergunta, na qual os participantes podiam escolher, existia também a opção de não concordar com o que era exposto e houve os que se sentiram representados e se utilizaram desta opção. O grupo focal foi acontecendo de modo muito interessante e apesar dos desafios da pesquisa remota, acredito que a interação aconteceu.

Nos três momentos do processo analítico são traçadas linhas que configuram uma teia mais ampla nas relações dos adolescentes com seus futuros possíveis, nas dimensões da construção dos dados: i) de uma ampla rede mais geral, que vincula sujeitos a projetos sociais (momento imersivo); ii) passando por uma caracterização que permitiram uma aproximação (aproximativo) aos sujeitos participantes; iii) até chegar às especificidades de processos de interação com sujeitos específicos nessa trama, que permitiu vincular os sentidos produzidos por esses sujeitos às relações de amizades, tecidas a um devir (perspectivas de futuro).

4.1 Participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa cinco adolescentes de um projeto social situado na periferia da cidade do Recife – PE conforme exposto no quadro 1. A escolha do projeto social, bem como dos sujeitos participantes, se deu a partir de uma rede de contatos originada nas minhas relações como pesquisadora, que remeteram a vínculos afetivos relativos à minha história de vida. Os nomes dos participantes apresentados nessa pesquisa são fictícios e fazem relação com personagens do filme de animação “Toy Story 3”. A escolha do filme se deu, a partir da minha identificação com o mesmo e por tratar de amizade na sua trama, o filme se dá com uma passagem de tempo em que um garoto chamado Andy Davys precisa sair de casa para a faculdade e começa o dilema de deixar os brinquedos que marcaram a sua infância, então esses brinquedos ganham vida no filme e vivem aventuras tentando sobreviver ao novo tempo sem o Andy Davis através das relações de amizade que tem uns com os outros, amizade que construíram com o tempo que viveram juntos na casa de Andy, ao final do filme Andy encontra

os seus brinquedos e os dar de presente a uma menina (criança), chamada Bonnie e é como se o ciclo dos brinquedos recomeçasse com uma nova criança.

O fato do filme abordar essa passagem de tempo rumo a faculdade com personagem principal (Andy), também tem a ver com a passagem da infância para a adolescência e as perspectivas de futuro dos adolescentes presentes nesta pesquisa. A escolha dos nomes fictícios dos personagens do filme, para cada participante da pesquisa foi realizada sem nenhuma relação com as características pessoais dos personagens, apenas porque está relacionada as temáticas já citadas e com o intuito de manter sigilo sobre as identidades dos participantes da pesquisa. Os nomes dos personagens utilizados foram, Molly Davis: irmã do personagem principal (Andy Davis); Andy Davis: personagem principal (jovem garoto); Barbie: personagem boneca; Jessie: personagem boneca de rodeio; Bonnie: personagem menina que ganha os brinquedos de Andy.

Quadro 1: Características dos Participantes da Pesquisa

	MOLLY DAVIS	ANDY DAVIS	BARBIE	JESSIE	BONNIE
IDADE	12	15	14	15	13
ANO ESCOLAR	6º Ano	8º Ano	9º Ano	1º Ano (Ensino Médio)	9º Ano
ESCOLA	Pública	Pública	Pública	Pública	Pública
TEMPO QUE PARTICIPA DO PROJETO SOCIAL	1 mês	1 mês	5 anos	1 ano e 9 meses	Acha que vai fazer uns 2 anos (não lembra muito, mas é nessa média)

Fonte: Autoria própria (2022).

Nesta pesquisa, foi realizada a participação e observação, pois como defende Santo e Gomes (2013) “Assim, os procedimentos da etnografia virtual devem primar pela combinação de observação e participação, longo período de engajamento na comunidade estudada que implica em uma interação no ambiente.” (SANTOS E GOMES, 2013, p. 7). Isso ocorreu, porque foi feita uma breve observação, através da exploração na página eletrônica do projeto social pesquisado, para busca de informações necessárias, ou mesmo expressões através de registros (fotos) que dizem respeito aos objetivos que se busca neste estudo, sobre as relações de amizade e perspectivas de futuro dos jovens.

Porém prevalece a forma participativa por parte da pesquisadora, pois foi necessária uma proximidade desde o primeiro momento, já que até mesmo a escolha do projeto social se deu através das minhas relações como pesquisadora. Depois, houve a aproximação com os participantes através de aplicativo *whatsapp* e logo após, a interação mais direta, através do

grupo focal com os participantes da pesquisa. Junto a isso, sobre o tempo de duração da pesquisa etnográfica, Santo e Gomes (2013) afirmam que o pesquisador no percurso precisa discernir o período necessário de envolvimento para compreensão da organização de determinada cultura e não desfocar dos objetivos da pesquisa. Acredito que esse foco ocorreu a todo o momento na pesquisa atual, pois eu sempre voltava aos objetivos.

Além disso, segundo Santos e Gomes (2013) os cientistas das áreas *softs* têm travado um embate para transitar em meio ao enquadramento do método quantitativo para o qualitativo. Perante isso, Bradley (1993), citado por Santos e Gomes (2013, p. 2) “sugere que os pesquisadores qualitativistas procurem conferir a credibilidade da fonte e do material analisado; primam pela fidelidade na transcrição do material; e busquem posteriormente a confirmação dos dados analisados.” Realmente eu prezei por essa fidelidade na transcrição do grupo focal, busquei não perder os detalhes, pois para mim, que tive a grande satisfação de participar desse momento, cada detalhe faz diferença para a realização de uma boa análise.

Destacam-se, nos três momentos, a importância e o cuidado sobre as questões éticas como identificação, autorização para pesquisa e publicação de dados, contemplando esses aspectos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, mesmo em se tratando de pesquisa realizada com orientação etnográfica virtual. Porém, como explicitado, em cada momento, na presente essa pesquisa, todas essas autorizações necessárias para realização e publicação foram realizadas. Nessa direção, acredita-se que o rigor e o cuidado metodológico proferido em pesquisas qualitativas enaltecem os resultados dos trabalhos assim organizados.

Foi utilizado, como método de análise, a Análise Dialógica do Discurso, que tem como enfoque a análise de produção discursivas produzidas nas mais variadas esferas de atividade humana (ROHLING, 2014 pág. 45). Essa análise é baseada nos estudos do Círculo de Bakhtin, e envolve conceitos como, enunciado, sujeito, dialogismo, discurso e gêneros do discurso. O discurso é a própria língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística. “O estudo do discurso verbal implica um olhar para as relações dialógicas” (ROHLING, 2014 pág. 45. BAKHTIN, 2008 [1963]: 209).

Segundo Rohling (2014), é preciso que as relações se materializem e saiam *de lógicas para dialógicas*. Ao se tornarem concretas na voz de diferentes sujeitos, as relações se concretizam e saem do campo da língua e entram no campo do discurso (enunciado). O pensamento bakhtiniano expressa a importância da compreensão do discurso do outro e também relaciona o discurso ao diálogo, que é a base da sua teoria dialógica da linguagem. Se todo discurso nasce de um diálogo, a orientação dialógica passa a ser um fenômeno próprio a todo discurso.

Beth Brait (2006), pesquisadora brasileira que defende a constituição de uma teoria e metodologia para análise de discurso na perspectiva dialógica, afirma que não há realmente uma metodologia formalizada por Bakhtin, os conceitos bakhtinianos já existentes é que têm norteado os estudos da linguagem de cunho histórico e social. Assim, não há uma definição fechada do que é a análise/teoria dialógica do discurso e um fechamento seria contraditório aos termos da própria teoria, para quem os enunciados são elos em uma cadeia dialógica ininterrupta. O próprio pesquisador, nesse sentido, pressupõe alcances e responde aos enunciados que analisa, sendo ativo e autor do processo dialógico em foco, tanto quanto os participantes.

Rohling (2014) afirma que o pesquisador realiza dois movimentos, o de aproximação do campo de pesquisa e o de distanciamento. O primeiro para conhecer e o segundo para refletir sobre os enunciados que concretizam o discurso. Nesse sentido, o pesquisador adentra no âmbito do discurso e, em meio às muitas vozes, realiza um distanciamento para analisar. Também sob o olhar de Bakhtin, a autora afirma que o pesquisador, a partir das suas experiências, vivências e estudos é quem determina a análise do objeto. Junto a isso, a análise dialógica do discurso é sempre mediada através da linguagem, que constrói sentido nas relações dialógicas. É importante tomar a língua no seu aspecto histórico e concreto, pois não se tem acesso a uma realidade em si, mas a um meio discursivo e limitado a uma determinada interação discursiva, que se materializa nos enunciados.

Logo, trata-se de uma análise aberta, e não pode ser tomada como uma técnica engessada, mas sim um meio para constituição e investigação dos dados. A regularização desses dados é que orientam o diálogo. Tomada como uma análise aberta, a pesquisa não é, nunca, neutra, pois toda pesquisa acaba por assumir posições morais, axiológicas, imersas que estão em ideologias, sendo a pesquisa também um ato político, no qual o pesquisador emerge a partir de suas realidades de enfoque de estudo.

Com isso, o pensamento bakhtiniano permite entender o pesquisador com um olhar diferenciado, implicado nas relações intersubjetivas, nos discursos e até na forma de enxergar a vida. Além disso, “Não é possível dizer exatamente o que diz Bakhtin, e sim extrair uma forma de pensar acompanhada por uma teoria significada pelo leitor a fim de construir novas compreensões” (ROHLING, 2014 p. 58). Isso ocorre porque, ao se encontrar com as teorias bakhtinianas, nenhum pesquisador chega vazio, mas já tem um lugar único na existência, permeado de outros discursos e imerso em uma multiplicidade de vozes sociais, que antecede quem pesquisa, bem como antecipam o objeto pesquisado.

Alinhada a uma convergência metodológica com a abordagem histórico-cultural, para quem a relação entre sentidos e significados torna-se fundamental, o pensamento vigostikiano traz o conceito de sentido, também tido como um recurso de análise nas pesquisas em psicologia. Essa visão de linguagem, como constitutiva dos sujeitos, e da necessária contextualização da palavra, a cada momento em que é lançada, emitida por sujeitos únicos, com uma história e um lugar na existência, guarda inteira relação com o conceito de enunciado bakhtiniano, que será base para as análises de minha pesquisa.

Segundo Toassa (2020), o pensamento vigostikiano faz uma análise progressiva para tentar entender o sentido da vida humana, de forma totalizada que explique o sentido real de algo. Os sujeitos tornam-se humanos a partir de contextos sociais carregados de significados compartilhados, mas o sentido atribuído às palavras é eminentemente singular, dependendo da história única de cada sujeito e do momento específico em que cada palavra é pronunciada. Os significados carregam estabilidade, são compartilhados por um coletivo, enquanto os sentidos são únicos e perpassados de subjetividade.

Barros et al. (2009) mostram que o pensamento vigostikiano escolhe o significado da palavra como unidade de análise da relação entre pensamento e linguagem. Por estar nesse meio, o significado da palavra contém as propriedades do todo o qual a análise é realizada. O significado da palavra, do ponto de vista psicológico, pode ser conceito ou generalização, mas seu sentido envolve aspectos situacionais do sujeito que enuncia.

Em suma, tanto Barros et al. (2009), como Toassa (2020), analisam o pensamento vigostikiano sobre a relação entre significado e sentido, no qual o sentido de uma palavra é tudo que ela desperta psicologicamente. Dessa forma, o pensamento vigostikiano aponta que o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida e complexa, com variadas zonas de estabilidade. Já o significado é só uma dessas zonas do sentido que a palavra obtém no contexto de um discurso, o qual também pode se caracterizar como uma zona mais estável, regular.

No caso da presente pesquisa, o método analítico é perfeitamente convergente com a abordagem histórico-cultural vigotskiana, em psicologia, advindo de uma base sócio-interacionista, nos estudos da linguística. Ampara-se, como já apresentado, na teoria dialógica do discurso, segundo a qual cada enunciado é um modo mais puro e sensível de interação social, podendo, na relação eu-outro, ser preenchido por diferentes sentidos, pontos de vista e ideologias (BAKHTIN, 1997, 1998, 2003; BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2009).

Tanto em Vigotski, quanto em Bakhtin, o sujeito constitui-se na e pela linguagem, na relação com outros sujeitos, sendo a palavra materializada pelos motivos ou pelas necessidades

enunciativas concretas. Dessa forma, é na linguagem que o eu encontra-se com o outro, deixando sua marca no discurso.

Pretende-se, com esse embasamento de base histórico-cultural e sociointeracionista, convergente com a abordagem de desenvolvimento humano assumida neste trabalho, compreender os discursos criados durante o grupo focal em análise, considerando as interações verbais, o movimento discursivo das enunciações no que tange ao movimento dos sujeitos consigo mesmo (eu-comigo), com os outros (eu-outro) e com o mundo (eu-mundo).

Os trabalhos do círculo de Bakhtin (BRAIT, 2000; FARACO, 2003) não oferecem um modelo analítico único, de modo que essa perspectiva serve nesta pesquisa para elaborar um modelo analítico próprio, ainda que orientado pelas diretrizes da Análise Dialógica do Discurso (ADD) de diversas ordens, como as propostas nos trabalhos Medina (2014). Desse modo, é importante enfatizar que o método analítico aqui utilizado genuinamente se relaciona com outros trabalhos de teor dialógico amparados no círculo de Bakhtin, mas segue sua própria organização criativa em relação ao método.

A organização das categorias analíticas dá-se considerando a questão da alteridade, central na discussão bakhtiana, ao categorizarmos os discursos dos adolescentes participantes e seus enunciados produzidos durante o GF em relação a si mesmo, aos outros e ao mundo.

Explicando mais detalhadamente, organizei um modelo analítico para tratar os enunciados dos participantes a partir de três relações de alteridade: na relação *eu-comigo*, estão aqueles elos na cadeia comunicativa em que os sujeitos tomam por base seus próprios sentimentos, emoções ou outros aspectos de si mesmo no discurso; enunciados da relação *eu-outro* são aqueles em que os sujeitos implicam suas interações com outros sujeitos específicos, como amigos, familiares ou professores, por exemplo; e enunciados categorizados na relação de alteridade *eu-mundo* são aqueles cujas vozes sociais presentes relacionam-se a questões sociais mais amplas e cotidianas, trazendo ao discurso elementos da sociedade, características de determinada condição social ou até artefatos culturais de seu tempo. Do desdobramento das categorias encontradas para cada relação do sujeito com a alteridade (eu-comigo, eu-outro e eu-mundo), busquei os sentidos que se sobressaem como vozes sociais e a polifonia das relações de amizades e perspectivas de futuro entre esses sujeitos do estudo.

5 ANÁLISE E RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentadas as análises e seus resultados. Especificamente, tais análises incidiram sobre as transcrições dos enunciados e das trocas discursivas que emergiram do momento interativo (realização do grupo focal). Na ocasião do grupo focal, fiz uma breve auto apresentação de maneira descontraída, na intenção dos adolescentes participantes se sentirem mais à vontade possível, e assim expliquei sobre a pesquisa e como se daria o momento que iríamos vivenciar.

Nesta pesquisa, o grupo focal foi organizado de maneira a debater um conjunto de questões divididas em quatro blocos. São esses: **5.1 Apresentação e Características pessoais; 5.2 Projeto Social; 5.3 Amizade; 5.4 Perspectivas de Futuro**. Esses blocos serão aqui expostos e analisados nesta ordem, através de quadros que apresentam categorias discursivas que aparecem entre os participantes, os quais trazem vozes carregadas de sentido ligadas aos objetivos da pesquisa. Busca-se responder: como adolescentes participantes de um projeto social da periferia do Recife-PE produzem sentido para as amizades em suas perspectivas de futuro. E ainda, mais especificamente: Caracterizar as relações de alteridade nos enunciados de adolescentes de um projeto social; analisar as redes dialógicas nos enunciados dos adolescentes entre as relações de amizade no projeto social e as perspectivas de futuro.

5.1 Apresentação e Características pessoais

Este bloco nos permite conhecer e entender melhor a realidade social e pessoal dos cinco participantes da pesquisa, aproximando-se de marcas históricas que afetam seus desenvolvimentos, condições e situações, como: idade; bairro; tempo de moradia; ano escolar; escola, trabalho, com quem mora; tempo de projeto social. A organização dessas marcas nos sujeitos da pesquisa segue no quadro 2 abaixo:

Quadro 2:Apresentação e Características Pessoais dos Participantes da Pesquisa.

	MOLLY DAVIS	ANDY DAVIS	BARBIE	JESSIE	BONNIE
IDADE	12	15	14	15	13
BAIRRO	A	A	A	A	B
TEMPO DE MORADIA	Desde 1 ano de idade	Desde 1 ano de idade	Desde que nasceu	Desde que nasceu	Desde que nasceu
ANO ESCOLAR	6° Ano	8° Ano	9° Ano	1° Ano (Ensino Médio)	9° Ano
ESCOLA	Pública	Pública	Pública	Pública	Pública
TRABALHO	Não	Não	Não	Não	Não

COM QUEM MORA	Tia	Tia	Mãe	Mãe e Irmãos	Mãe, Padrasto, Tio e Avô
TEMPO QUE PARTICIPA DO PROJETO SOCIAL	1 mês	1 mês	5 anos	1 ano e 9 meses	Acha que vai fazer uns 2 anos (não lembra muito, mas é nessa média)

Fonte: Autoria própria (2022).

A partir da caracterização organizada na tabela, percebe-se que os participantes têm perfis muito parecidos, quando se trata de idade, que são muito próximas, por ter sido um critério da pesquisa; local de moradia (apenas Bonnie mora em um local diferente, inclusive bem distante do projeto social, mas os outros quatro participantes moram no mesmo bairro); tempo de moradia (os irmãos, Molly Davis e Andy Davis, foram morar no bairro com um ano de idade e os outros três participantes moram no local desde que nasceram, ou seja, todos moram lá desde sempre); todos os participantes ainda estão no período escolar que variam conforme o quadro acima, mas são muito aproximados, Barbie e Bonnie estão no mesmo ano escolar (9º ano) e Jessie está no ensino médio. Todos também estudam em escola pública e ninguém trabalha ainda. Molly Davis e Andy Davis (os irmãos), moram com a tia e os outros três moram com a mãe (Barbie mora só com a mãe, Jessie com a mãe e irmãos e Bonnie com a mãe, padrasto, tio e avô); O tempo de participação do projeto varia entre os participantes, Molly Davis e Andy Davis (os irmãos) participam a 1 mês, Barbie participa a 5 anos, Jessie participa a 1 ano e 9 meses e Bonnie acha que vai fazer uns dois anos (afirma não lembrar muito, mas diz ser nessa média). Um ponto que pode ser relacionado com o estudo de Miranda (2018) é a predominância da participação das adolescentes mulheres na pesquisa, que foram maioria, e se colocaram com mais propriedade, muitas vezes, do que o único adolescente que participou.

Apesar da relação eu-mundo ser aparentemente próxima, as questões que perpassam cada sujeito em sua singularidade acabam por apresentar marcas discursivas também únicas. Deixei por último uma das informações obtidas neste bloco, na qual os participantes ao serem indagados (Você gosta de morar nesse bairro?), foi evidenciada como resposta a esse enunciado, na relação de alteridade eu-mundo, a categoria discursiva “violência”, que permeia certa voz social sobre as condições de existência no bairro em que se situa o projeto social em foco, como mostra o quadro 3 abaixo:

Quadro 3: Apresentação e Características pessoais dos Participantes da Pesquisa.

Relação de alteridade	Categoria discursiva	Enunciado
Eu-mundo	Violência (1)	“Mais ou menos, pois está muito perigoso, muito assalto, ninguém está podendo mais ficar até tarde na rua”.

Fonte: Autoria própria (2022).

Tratando-se de um bloco que buscou características sociais e pessoais dos participantes, não seria de se impressionar que aparecesse a categoria “violência”, uma vez que se trata de adolescentes moradores de periferias. Porém, a Barbie é a única participante que cita essa categoria, durante todo o grupo focal, os outros participantes não desenvolveram respostas longas para essa indagação, apenas disseram que "sim" gostam de morar no bairro. Todavia, mesmo que os outros participantes não tenham citado violência, achei indispensável categorizar, pois além de ser uma realidade presente na vida de tantos habitantes de periferia, quatro dos participantes moram no mesmo bairro no qual houve esse relato, então acredito que também se deparam com a violência.

Além disso, a partir da resposta da Barbie, também perguntei se antes as pessoas ficavam na rua, e ela respondeu: “sempre não, porque sempre foi assim, mas agora está pior”. Purgato (2015) afirma que os jovens em diversos cenários periféricos, reclamam da violência e uso de drogas muito presentes nessas localidades. É viável a preocupação da Barbie referente a violência presente no bairro, pois segundo Flaeschen (2019) a violência é uma das maiores causas das mortes de crianças, adolescentes e jovens no Brasil e dentre as causas de violência, aparecem o estupro, na qual as maiores vítimas são do sexo feminino. Além de Pernambuco ser um dos estados mais perigosos para os jovens (LACERDA, 2021).

5.1 Projeto social

Figura 4: Adolescentes no Projeto Social

Fonte – Instagram do projeto social estudado (2022).

Neste bloco, buscou-se compreender a visão dos jovens em relação ao projeto social e como acontecem as relações e interações entre os que fazem parte do projeto. Inicialmente foi exposta uma imagem (figura 4) dos adolescentes no projeto social, no qual os mesmos deveriam expressar os sentimentos que foram surgindo ao ver a imagem, e em seguida foram feitas algumas indagações para a discussão intencionada no bloco, como: *Vocês gostam de fazer parte do projeto social?* / *Escrevam dois pontos positivos e negativos do projeto social*/ *Como se dá às relações de vocês com os educadores?* / *Como vocês conheceram o Projeto Social?* / *Vocês já participaram de algum projeto social antes?* / *Existe mais algum, ou alguns projetos sociais no bairro que vocês conheçam ou já ouviram falar?* As discussões que foram surgindo a partir das respostas a esses enunciados propostos, estão expostas como categorias de vozes sociais no quadro 4 abaixo:

Quadro 4: Projeto Social.

Relação de alteridade	Categoria discursiva	Enunciado
Eu-comigo	Sentimentos/Emoção (3)	“Sinto alegria”. “Saudade”. “porque moro longe e tenho que pegar ônibus para ir ao projeto e morro de preguiça”.
Eu-comigo	Pertencimento (3)	“É mais de um sentimento, eu já estou lá vai fazer 5 anos, eu sinto já um amor pelas pessoas de lá, sinto

		saudade também de lá ne, que eu era acostumada a ir direto e sinto um carinho imenso por eles”.
Eu-outro	Conexão / Interação (12)	“Uma coisa que eu gosto muito de lá, é a conexão que eles têm com a gente, tipo, a gente conversa sobre tipo, tudo”. “...eu gosto dessa conexão com eles, professores no geral eu conheço todos, agora os que ficam lá em cima e tal, eu não conheço tanto (se refere ao pessoal da coordenação)”. "Um ponto negativo é ter que lidar com a saída dos professores, tem professor que a gente fica muito apegado...aí a gente fica um bom tempo triste”. "Uma coisa que podia melhorar, mas eu sei que não tem como, é alguns dos professores antigos voltarem”. “...fazer amizade, porque lá tem muita gente”. “Eu conheci porque um dos professores é irmão da amiga da minha mãe, aí ele falou pra minha mãe e ela quis me inscrever”.
Eu-mundo	Passatempo (1)	“...é um bom passatempo pra você sair um pouco da sua rotina...”

Fonte: Autoria própria (2022).

Neste bloco do grupo focal, todos os participantes também afirmam gostar de fazer parte do projeto social e aparecem alguns sentimentos referentes aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade eu-comigo, gerando a categoria discursiva “sentimentos” como a alegria e a saudade, a primeira relacionada ao sentimento que tem do projeto social e a segunda, relacionada ao tempo que se ficou longe do projeto social durante a pandemia da covid-19, também sobre isso, uma participante abre um parêntese, Bonnie, a única que mora em um bairro mais distante e afirma gostar de fazer parte do projeto social, porém sente preguiça de ir ao projeto, porque mora longe, a Bonnie cita muitas vezes a distância durante todo o momento do grupo focal e sempre que fala, coloca um tom de desmotivação, levando assim, à uma reflexão, se a distância pode ser um fator geográfico de dificuldade para uma melhor vivência no projeto social.

Também referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade eu-comigo, aparece a categoria discursiva “pertencimento”, que vem ligada a afeto, como amor e carinho pelo projeto e as pessoas que lá se encontram, em relação a isso Barbie é uma participante que

me chama atenção, pois é a que está a mais tempo no projeto social (há 5 anos) e já se sente parte, pertencente ao projeto, fala de todos que fazem parte do projeto com muito afeição, inclusive durante todo o grupo focal a Barbie é a que mais faz questão de falar sobre o projeto social e os acontecimentos que o permeiam, no decorrer desse trabalho serão encontradas mais de uma fala da participante para exemplificar categorias e fatos ocorridos.

A Barbie transmite uma grande emoção quando fala do projeto social, conhece bem o ambiente e a vivência e é possível notar o seu sentimento de pertença a esse lugar que é o projeto social e as pessoas que dele fazem parte. Sobre isso, Maffesoli (1998) a partir do conceito de “tribos” (maneira em que os grupos sociais se movimentam, sempre se renovando), defende que a identificação com um grupo pode substituir o individualismo, a esta aproximação com grupos, Maffesoli (1998) chama de comunidade emocional, a qual, para acontecer, são necessárias emoções em comum. Maffesoli (1998) também afirma que há uma necessidade de pertença ao grupo, na qual a partir desta, se constrói o laço social, junto ao compartilhamento das emoções e sensações. Segundo Maffesoli, essa dependência de agrupamento, seja físico ou virtual, é característica da contemporaneidade, o que faz surgir a fluidez devido à massificação social e variedade de tribos.

Aparece também, referente aos enunciados nesse bloco, na relação de alteridade eu-outro, a categoria “conexão/interação”, que diz respeito a relação educadores e adolescentes, na qual os adolescentes citam que existe uma conexão com os educadores e a interação é perceptível, quando os adolescentes falam que existem momentos para conversas, discussões e os mesmos estão sempre sendo estimulados a falar e se expressar e se sentem à vontade para tal, pois têm abertura para isso. Citam os educadores como aqueles que levam temas relevantes da sociedade para discussão no projeto social, inclusive acontecimentos atuais. Esta categoria também se refere tanto a maneira que os adolescentes conhecem e chegam até o projeto social, através dos vínculos afetivos, como amigos, familiares, pessoas que estudam na mesma escola e também fazem parte do projeto, muitas vezes pessoas do próprio bairro que compartilham de vivências parecidas. Sobre isso, Vigentin (2016) e Caldas (2017) em seus estudos também apontam para a maneira de atração dos jovens para os projetos sociais por redes de afeto e amizade.

Quanto também esta categoria se refere a busca dos adolescentes em construir vínculos relacionados a amizade no projeto social, uma vez que por ser um lugar que tem muitas pessoas, enxergam, muitas possibilidades de se relacionar, porém um fato questionável, é se realmente os adolescentes referem-se à construção de relações de amizades ou apenas a vínculos de convivência e interação. Contudo, Vigentin (2016) afirma que a participação juvenil se dá por

diversos sentidos, um destes é pelo local que os jovens convivem se constituir como um espaço de amizades. Vigentin (2016) ainda diz que entre os significados de participação para os jovens em um determinado âmbito, está o fato da construção de amizades.

Nessa categoria também é colocado o quão os adolescentes se sentem felizes de estar reunidos com os colegas e educadores e o carinho, paciência e estímulo que os educadores oferecem para os adolescentes. Quem está no projeto social a mais tempo, sente mais fortemente esse vínculo, a saída dos educadores é um ponto de sofrimento para os adolescentes que demonstram se apegar bastante e sentir muita falta, citam até o desejo de que alguns educadores que já saíram, voltassem para o projeto social. Porém, os adolescentes expressam ter mais contato com os educadores e menos contato com as pessoas da coordenação no projeto social.

Outra categoria que chamou atenção referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade eu-mundo, foi o sentido de ir ao projeto social como um “passatempo”, categoria essa que pode ser interpretada de forma que o projeto social não seja mais uma obrigação, mas algo prazeroso, um bom passatempo e momento de relaxamento, junto a isso, Latarri (2016), também afirma que o melhor passatempo para os jovens de periferia no bairro em que moram é estar na presença dos amigos, portanto essa categoria também pode ser relacionada aos vínculos afetivos que junto a vivência do projeto social torna-se um ótima maneira de se deleitar.

5.3 Amizade

Figura 5: Amigos.



Fonte: Google (2022).

Neste bloco, buscou-se entender os sentidos e como se dão as relações de amizade dos adolescentes no projeto social. Para isso, o bloco iniciou-se com a imagem de amigos (figura 5), na qual os estudantes foram indagados do que sentiram ou o que veio à mente ao vê-la, com isso, surgiram palavras já relacionadas ao sentido da amizade, como: felicidade, carinho e fraternização. Abordamos também o exposto em forma de categorias discursivas no quadro abaixo, a partir das respostas às indagações a seguir, realizadas para a discussão intencionada nesse bloco: *O que é amizade para vocês? / O que é importante para vocês em uma relação de amizade? / Vocês têm amigos no projeto social? / Vocês acham bom fazer amigos no projeto social? / Tem alguém, ou mais de uma pessoa que vocês sejam mais próximos no projeto? / Como os amigos no projeto social podem ajudar vocês? / Como é construir amizades no projeto social? / As relações de amizade que vocês fazem no projeto social: Duram muito tempo; Acabam rápido? / Os amigos que vocês fazem no projeto social vão além do projeto? / Vocês mantêm contato com seus amigos do projeto social através da internet; redes sociais; plataformas digitais? Como é esse contato? / Vocês acham que as suas amizades do projeto social te ajudam a permanecer e a não desistir, não apenas do projeto, mas também de outras coisas na sua vida? / Durante o período de quarentena da Covid-19 a comunicação virtual tem impactado nas suas relações de amizade na escola pernambucana de circo?* As discussões que foram surgindo a partir das respostas a esses enunciados propostos, estão expostas como categorias de vozes sociais no quadro 5 abaixo:

Quadro 5: Amizade.

Relação de alteridade	Categoria discursiva	Enunciado
Eu-outro	Colaboração (2)	“Amizade pra mim é quando eu sei que posso contar com a pessoa sempre que eu precisar, tipo, ela sempre tá do meu lado”. “Eu tenho uma amiga que eu fico feliz por ela tá feliz e quando eu to triste ela vai e tenta me ajudar e divide as tristezas dela comigo também”.
Eu-outro	Projeto Social como marco afetivo (1)	“Então, é porque assim, minha melhor amiga, eu conheci lá do projeto, sendo que ela não é mais do projeto. Ela não é mais de lá”.
Eu-outro	Confiança (7)	“Acho que independente de tudo é uma pessoa que eu posso confiar né, uma pessoa que eu possa contar algum segredo, sei lá, dar conselho”.

		“Eu acho que todo mundo é confiança né, porque não dá pra ser amigo de alguém sem confiar”.
Eu-outro	Laço familiar (3)	“Tem amizade que a gente nem considera tanto como amigo, mas sim como um irmão ou uma irmã que não é de sangue, mas que Deus colocou na nossa vida”. “Amizade pra mim é tipo, quando você tem um laço muito forte com a pessoa, que você é familiarizada com ela, porém você não é de sangue”.
Eu-comigo	Sentimento (6)	“Sinto felicidade” “alegria” “Não sinto nada”
Eu-outro	Incentivo (2)	“Porque tem gente que é muito próxima e a gente já se abre muito, que fica lá, não menina, fica aqui ainda, não desiste do projeto, não desiste disso e aí depende da pessoa né”.
Eu-outro	Convivência (3)	“Porque assim, é difícil fazer amizade por causa do povo, porque nem sempre todo mundo quer fazer amizade, mas fácil pelo projeto, porque no projeto sempre fazem duplas, aí com isso a pessoa faz amizade”.
Eu-mundo	Distância (2)	“Teve amigos que eu fiz lá que também eram da minha escola, e tem uns que moram perto também, aí sempre via, mas outros não, como Bunnie mesmo, Bunnie mora longe, aí tem outras pessoas também lá que moram longe”.

Fonte: Autoria própria (2022).

Pode-se dizer que as categorias deste bloco aparecem de forma a responder sobre o sentido da amizade para os adolescentes participantes desta pesquisa, referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade, eu-outro, na categoria “colaboração”, a amizade é quando se pode contar com alguém quando precisar e também é posta como aquela em que ajuda a dividir as alegrias e tristezas, sobre isso, Miranda (2018) ainda aponta para o sentido da solidariedade nas relações de amizade, sendo os amigos aqueles que se ajudam mutuamente e com quem se pode contar. Também expressa Pontes (2018) ao se remeter ao significado do termo *amizade* como uma necessidade de complementaridade necessária para a condição humana: “Seja como for, o termo parece remeter a uma necessidade de sobrevivência da espécie, onde tais interesses demonstram um senso comum de cooperação mútua, de

coletividade” (PONTES 2018, p.57). Portanto, a amizade acontece em um processo de mão dupla, uma colaboração em que se compartilha a vida um com o outro.

Em relação a amizade, os participantes também expressam nesse bloco de forma relevante as suas opiniões, de maneira a afirmar que não consideram ter muitas amizades, além de aparecer fatores como as decepções nas amizades, quebra de laços de amizade, ainda aparece nesta pesquisa a amizade como algo passageiro, que não vai durar para sempre. Estes fatores estão relacionados à modernidade líquida, conceito abordado por Bauman (2001), no qual o autor expressa como uma característica da sociedade contemporânea em que tudo se desfaz.

Além de também ser um dado apontado por Miranda (2018), a quebra da amizade por eventos que podem ocorrer durante a vida, sobre isso, Miranda (2018) também possibilita a reflexão sobre a amizade como um “movimento constante, tal qual a vida” (MIRANDA, 2018, p.172). Contudo, a “Amizade em movimento, não como uma relação descartável e sim como liberdade para ser amigo ou amiga. Movimentar-se ao encontro de novas amigas e amigos com liberdade”. (MIRANDA, 2018, p.172). Sobre isso, Amaral (2015), também expressa que os jovens buscam as liberdades nos vínculos de amizades que podem ser rompidos mais facilmente e essa liberdade é positiva no sentido em que os jovens podem transitar facilmente por outros espaços além de viver e alargar as interações de sociabilidade. Junto a isso, a amizade é colocada nesta pesquisa como uma completude, na qual as pessoas que vivem sozinhas não podem ser consideradas como totalmente felizes, precisam de amigos para se sentirem completas.

Referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade, eu-outro, na categoria, “Projeto social e marco afetivo”, um fato interessante é que todos afirmaram ter amigos no projeto social, independente do tempo que já faziam parte do projeto, se era muito ou pouco tempo. Por exemplo, a participante, Bunnie, afirma que conheceu a sua melhor amiga no projeto social, ela não está mais lá, mas o vínculo ainda permanece. Podemos ver aqui uma relação de amizade mais duradoura e que foi além do projeto social. Latarri (2016) diz que essas relações são atribuídas ao espaço e sentidos sociais que há nele, as amizades estão ligadas às proximidades de valores e crenças que gera um pertencimento nos jovens, se associando a práticas culturais. Ainda afirma Bianchi (2014) que uma das características de grupos de periferia é as relações de amizades serem traçadas a partir do sentimento de pertencimento ao local onde vivem esses jovens.

Porém em contradição a isso, ao serem indagados se as relações de amizade vão além do projeto social e se os participantes mantêm contato com os amigos. Os participantes afirmam ter pouco contato com amigos do projeto, fora do projeto social, tanto antes da pandemia, como

durante e quando mantêm contato, se comunicam mais pelas redes sociais, Whatzapp e Instagram, apesar de aparecer o uso das redes sociais para comunicação dos adolescentes, assim como afirma Lima (2014), para alguns jovens, as redes sociais figuram mais como ferramentas de entretenimento do que meio de firmar relações e isso fica perceptível entre esses adolescentes participantes da pesquisa, uma vez que não se importam tanto em usar as redes sociais para estreitar as relações. Portanto, os vínculos de amizade acontecem dentro do projeto social, mas não vão muito além do projeto, e se vão, os vínculos me parecem rasos. Sobre isso, Bauman (2015) fala sobre os laços de relação na contemporaneidade que tendem a ser mais fluidos e expressa essa questão ao falar sobre a modernidade líquida que se dá em contraponto com a ordem e durabilidade.

Também é exposto pelos participantes da pesquisa, que pode haver proximidade entre várias pessoas no projeto social, mas sempre haverá a preferência por uma pessoa, para estreitar mais os laços de amizade. Acontece também dos participantes do projeto social já terem vínculos de amizade antes mesmo de entrar no projeto social e que se fortalecem ainda mais no projeto, como exemplo das participantes Barbie e Jessie que são primas e afirmam também ser amigas, mas antes existiam muitos conflitos entre elas, muitas brigas e depois que começaram a conviver no projeto social, estão ainda mais próximas e os conflitos acabaram, de modo que pode levar a refletir que o projeto e talvez a maneira que se conduz a convivência pode ajudar a melhorar os conflitos nas relações.

A proximidade para construção de amizades no projeto social também acontece a partir da participação nas atividades propostas pelos educadores, como na formação de grupos em que os adolescentes se aproximam mais uns dos outros, na qual pode resultar em relações de amizade. Apesar disso, não é tão fácil assim construir relações de amizade no projeto social, depende muito do momento, às vezes é mais fácil e às vezes não, para isso os participantes apresentam a complexidade das pessoas, há pessoas que são mais abertas a fazer amizades e outras não, mas colocam como uma facilidade para as relações de amizade acontecer, os momentos de interação que o projeto social proporciona.

Além disso, laços de amizade também são desfeitos com facilidade no projeto social, por falta de tolerâncias das pessoas referente a personalidade da outra. Sobre isso, Bauman (2015), expõe que as relações com os jovens na contemporaneidade seguem esse viés de fluidez e por isso se torna compreensível essa mudança rápida com os grupos em que se relacionam, o autor ainda afirma que esse movimento fluido da juventude contemporânea tem relação com a identidade, pois os indivíduos na tentativa de encaixar-se nos grupos para se relacionar, experimentam as diversas identidades que encontram.

Schwertner (2010) ainda afirma que os jovens demonstram uma busca por pouco ou nenhum compromisso nas relações de amizade, e essa mesma regra é atribuída à facilidade de iniciar uma amizade na juventude e na mesma proporção descartá-la, pois os jovens são mais destemidos no manejo dessas relações, uma vez que estão iniciando-as muitas vezes e não há muitas histórias de decepções anteriores. Porém, Barbosa (2007) aponta que este movimento instável nas relações, é uma característica dos jovens, isso acarreta com que os jovens vivam mais o presente, pois esse tempo passa a ser mais importante que o passado e futuro. Com isso, os vínculos de amizade também são colocados nesta pesquisa como mais duradouro conforme a convivência mais frequentes com as pessoas, se tem mais a oportunidade de ver e conviver sempre no projeto social.

Ainda sobre a amizade, referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade, eu-outro, surge a categoria “confiança”, a qual aparece de forma unânime entre os participantes que colocam essa qualidade como um fator necessário em uma relação de amizade. Sobre isso, Amaral (2015) afirma que os jovens formam suas relações de amizade a partir de semelhanças e por compartilhar o mesmo local de vivência, mas principalmente, se reconhecem em suas similaridades e constroem laços de confiança, compromisso e cuidado uns com os outros. É interessante, além de todos falarem sobre a confiança e concordar uns com os outros, é como se eles também tivessem se identificado entre si no momento do grupo focal, consigo ver isso a partir da fala da participante Barbie, já exposta nesta categoria no quadro acima, na qual ela tenta explicar o porquê acha que todo mundo fala confiança, então percebo aí a importância desse momento do grupo focal, pois se fosse uma entrevista individual, os participantes podiam até falar a mesma coisa, mas eles não iam ter acesso e se identificar com as respostas uns dos outros.

Esse momento foi importante até para eles se identificarem e saber que pensam da mesma maneira referente a confiança na amizade. Essa necessidade de confiança que os adolescentes têm pode ser explicada por Bauman (2001) quando afirma que as relações sociais dos jovens são afetadas pela diminuição dos aspectos morais, sociais e políticos, com isso surgem sujeitos inseguros e individualistas, o que se torna prejudicial às relações de sociabilidade. Nessa direção, os jovens se transformam conforme grupos que os perpassam, de forma a gerar um sentimento de instabilidade e insegurança, processo no qual Bauman (2001) chama de identidade fluida.

Além disso, referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade, eu-outro, surge a categoria, “laço familiar”, que aparece quando os adolescentes fazem uma comparação dos laços de amizade, com os laços familiares, como que para ser um elo de amizade forte,

precisa ser comparado a um laço sanguíneo. Confirmam esses dados os estudos de Latarri (2016); Amaral (2015) e Schwertner (2010), pois dessa forma a amizade tem sentido de laços mais fortes, essas relações trata-se também do sentido de pertencimento, viver juntos as dificuldades, alegrias, lealdade e proteção uns com os outros (LATARRI, 2016). Também como forma de estreitar os vínculos, são os laços de amizade transformados em laços fraternos de confiança e segurança, como na família, que dificilmente são rompidos (AMARAL, 2015). Do mesmo modo, essa semelhança se dá por medo do diferente, então se procura aproximar cada vez mais de indivíduos já presentes ao meio familiar (SCHWERTNER, 2010).

Ainda referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade, eu-comigo, na categoria, “sentimento”, a qual cada um foi dizendo o que sentia ao ver duas imagens, uma sobre amizade (figura 5), no início do bloco e outra imagem, de participantes no projeto social que fazem parte (figura 4), na qual havia apenas uma das participantes da pesquisa na imagem. A partir da exposição dessas duas imagens, surgiram as palavras, felicidade, carinho, fraternização. Porém, junto a essas, surgiu também um sentimento de dois participantes que chamou atenção, “não sinto nada”, disse a Jessie ao ver a primeira imagem e o Andy Davis ao ver a segunda imagem.

Uma observação importante a se destacar, é que esses dois participantes que expressaram não sentir nada ao ver as imagens, são os que têm menos tempo de projeto social. Como já dito, uma das participantes da pesquisa estava na imagem que continha os participantes do projeto social, que inclusive se emocionou bastante ao ver a imagem, “Quer que eu chore?” falou a Barbie muito emocionada. Nesse momento, demos uma pequena pausa e eu também me emocionei por vê-la emocionada. Em seguida, disse que ela podia chorar, não havia problema. Ficou bem evidente que não foi apenas o fato da Barbie se ver na imagem que a deixou emocionada, mas também o fato de não estar ocorrendo momentos como aqueles, com todos juntos de forma presencial, devido a pandemia da COVID-19. Era uma emoção de saudade.

Aparece também mais uma questão relevante, na qual é o momento em que se entrelaçam amizade e perspectiva de futuro, pois, ao serem questionados se havia amizades no projeto social que os ajudavam a não desistir, referente a esse enunciado, na relação de alteridade, eu-outro, surge a categoria discursiva “incentivo”, como o exemplo da participante Barbie que responde como quem se identificou de cara com a pergunta: “Com certeza, com certeza”. O fato de haver amizades que incentivam a permanecer no projeto social e que também ajudam em outras áreas da vida é tido como positivo para que os adolescentes continuem suas trajetórias e não desanimem em relação às perspectivas futuras que trazem. O incentivo também aparece na forma de ânimo, uma vez que, quando os adolescentes chegam desanimados e

encontram com os amigos no projeto social, se animam e se sentem mais felizes. Amaral (2015), afirma que esse apoio entre os jovens torna-se essencial e os impulsionam coletivamente.

Mais uma vez referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade, eu-comigo, a categoria “Dificuldade de expressão” aparece e mostra a dificuldade dos adolescentes de desenvolver um raciocínio, mas também em contrapartida de outros que conseguem desenvolver muito bem, como é o exemplo da participante Bonnie que faz reflexões muito relevantes durante a discussão, exponho aqui, uma fala da participante no momento em que apresento algumas frases sobre amizade e peço para que escolham as que mais se identificam e deem as suas opiniões do que acham das frases, então a Bonnie escolhe a seguinte frase, **“A verdadeira amizade dura uma eternidade”** e em seguida expressa:

Bonnie: “Então, me chamou atenção, mas eu não concordo (fala em tom de riso e contradição), porque assim, ao meu ver, nada é eterno. E assim, só porque aquela coisa é muito importante, não quer dizer que tem que durar pra sempre”.

Achei uma reflexão bem desenvolvida, principalmente pela contradição que ela faz inicialmente, todos os outros participantes seguem a orientação de apenas escolher as frases e falar o porquê se identificavam, já a Bonnie, faz a escolha da frase e afirma ter chamado a atenção dela, não porque ela se identificou, mas justamente por ela não concordar com o que estava escrito e em seguida explicar o motivo o qual não concorda de forma que mostra que ela realmente refletiu sobre o assunto.

A Bonnie foge a orientação do momento em que as frases foram apresentadas, faz uma contradição e traz uma reflexão. Percebi a adolescente muito à vontade para fazer isso, ela entendeu bem as minhas orientações desde o início do grupo focal, uma vez que eu deixei claro que os participantes podiam concordar ou discordar a qualquer momento do que seria apresentado. Portanto, ao passo que haviam adolescentes participantes da pesquisa que sentiam dificuldade de desenvolver a discussão, outros assim como a Bonnie e a Barbie desenvolviam muito bem, isso pode apontar para um dado de que não são todos os adolescentes que têm discussões rasas, mas que isso pode ter muito haver com o contexto de vida.

Referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade eu-outro, a categoria “convivência” aponta para como o projeto social promove a convivência entre os adolescentes, através de atividades em grupos, a partir da intervenção dos educadores do projeto, como pode ser exemplificado na fala da participante Barbie: “Assim, eu tenho amigas que é aquela resenha, briga, volta a se falar, briga, volta a se falar, porque os professores não deixam a gente ficar um brigado com o outro, sempre fica lá, voltem a se falar, eles não obrigam, mas também é chato ver que tem gente lá que não se gosta, tipo isso”.

Além disso, o projeto social também aparece como um ambiente que proporciona com que as amizades sejam agradáveis para a distração, para esquecer os problemas e também a amizade como algo positivo que ajuda as pessoas a adquirirem uma melhor comunicação umas com as outras através da convivência. Dessa forma, fica perceptível que há uma preocupação do projeto social para que vínculos sejam construídos através da convivência que é incentivada, tanto para que a construção desses vínculos aconteçam, como para que os vínculos já existentes se mantenham. Chama atenção outra fala da participante Barbie: “era melhor, mais engraçado quando tava todo mundo junto mesmo, podendo se abraçar, era a maior folia, do que tá essa distância (fala com voz um pouco triste) e hoje é diferente”. Essa fala, mostra a importância da convivência no projeto social, que acontece mais facilmente de forma presencial e o quanto durante a pandemia da COVID-19 isso se perdeu.

Também, referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade, eu-mundo, aparece a categoria, “Distância” referente a localidade geográfica de moradia, se perto ou distante do projeto social, dessa vez essa realidade é exposta conforme a dificuldade que os adolescentes apresentam de manter contato com pessoas que participam do projeto, mas moram mais distante, quando existe a possibilidade de se encontrar mais vezes no bairro no qual o projeto está localizado, é mais fácil manter relações mais duradouras de amizade, Schwertner (2010) ao falar de contextos de interação, afirma que o bairro também aparece como o lugar que concentra as relações de amizades entre os jovens e Barbosa (2007) também afirma que um dos motivadores para os jovens envolverem-se com seus pares na escola é quando moram próximos, no mesmo bairro.

Dessa forma os vínculos são colocados como mais duradouros, conforme se convive mais com as pessoas. Também sobre isso, Latarri (2016) afirma que, para os jovens, amizade e companheirismo é algo importante dentro do bairro, há uma preocupação em zelar pelos amigos. Entretanto, segundo a autora, essa lealdade se dá entre os pares que se identificam, pois também existem as relações com demais pessoas que não são tão próximas, porém com as pessoas menos próximas os jovens mantêm diálogo, mas não muito demorados e não da mesma forma que com os mais próximos.

Uma curiosidade que surgiu nesse bloco durante o grupo focal e eu perguntei aos participantes, é se havia mais alguém entre eles que eram amigos próximos e, nesse grupo de participantes da entrevista, ninguém era amigo próximo. Como relatado, esses participantes se falavam no projeto social no dia a dia, pois afirmam que lá todos se falam e mantêm contato. Só as participantes Barbie e Jessie são mais próximas, porque são primas, mas também não sei se há um vínculo considerado de amizade entre elas. Pelo que fui entendendo, é como se

tivessem mais contato porque é imprescindível, por serem primas e as mães das duas serem próximas. Latarri (2016); Amaral (2015) e Schwertner (2010) trazem essa comparação da amizade com os laços familiares no sentido da busca por laços mais fortes, porém, Schwertner (2010) expõe que apesar da proximidade da amizade com os laços familiares, os jovens apontam também para a liberdade da relação de amizade, contrária a obrigatoriedade que há nas relações familiares.

5.4. Perspectiva de Futuro

Figura 6: Futuro.



Fonte: Google (2022).

Nesse Bloco (o qual iniciou com a imagem provocativa da figura 6) os participantes expuseram as suas perspectivas de futuro, a partir de indagações para a discussão intencionada nesse bloco: *Vocês acham que algo mudou em suas vidas depois que vocês começaram a participar da escola pernambucana de circo? / Vocês acham que algo ainda pode mudar na vida de vocês através da escola pernambucana de circo? / Vocês têm sonhos e expectativas para a vida? O que vocês esperam ou desejam fazer? / Vocês acham que a escola pernambucana de circo pode ajudar a realizar os seus sonhos e expectativas de vida? / O período de quarentena da Covid-19 tem impactado nos seus sonhos e nas suas perspectivas de futuro?* Indagações estas que envolvem diálogos sobre as vivências no projeto social, estão expostas como categorias de vozes sociais no quadro 6 abaixo:

Quadro 6: Perspectivas de Futuro.

Relação de alteridade	Categoria discursiva	Enunciado
Eu-mundo	Estabilidade (2)	“Eu acho que não mudou”
Eu-mundo	Transformação (3)	“Mudou, querendo ou não era uma responsabilidade a mais, não podia se atrasar, tem um compromisso ali com eles”.
Eu-outro	Pensamento crítico (2)	“... porque, pelo menos antes quando Flor ⁴ (educadora) tava, ela trazia uns assuntos de muita coisa de política, notícia, esses negócio assim que acontecia”.
Eu-mundo	Circunstância (4)	“Sim né, tudo muda, nada vai ser pra sempre, nem tudo vai ser a mesma coisa, sempre vai ta mudando”. “Então, não importa se seja bom ou ruim, mas uma hora as coisas vão mudar”.
Eu-mundo	Desesperança (6)	“...geralmente, eu não tento criar tanta expectativa pra alguma coisa”.
Eu-comigo	Segurança (2)	“Eu tento não criar muita expectativa, mas eu quero que a minha vida seja tranquila e num emprego que eu goste, que eu esteja confortável”.
Eu-mundo e Eu-outro	Condições sociais (2)	“Tipo, eu tento não criar muita expectativa, nem pensar muito no meu futuro, mas querendo ou não eu penso né, aí quero tipo, a minha faculdade”.
Eu-comigo	Dúvida (3)	“ é, assim né, eu não sei explicar bem o que eu quero, eu não sei ainda”. “ Eu ainda não sei, eu não penso muita coisa ainda”.
Eu-mundo	Possibilidade (1)	“... se você não sabe o que você quer, então tudo é uma possibilidade”.

⁴ Flor é um nome fictício dado à educadora.

Eu-comigo	Desânimo (3)	“...porque eu, assim, eu não tenho ainda nem um sonho, nenhuma perspectiva do que eu quero fazer, porém me dá um desânimo porque pelo que eu tô vendo, eu não tô tendo muita oportunidade pra saber o que eu quero, porque tá tudo fechado e eu não tenho como saber o que eu quero fazer, alguma coisa assim em casa, mas não é a mesma coisa”.
-----------	--------------	--

Fonte: Autoria própria (2022).

Referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade, eu-mundo, nas categorias discursivas “Estabilidade” e “Transformação”, os participantes trouxeram suas visões se algo mudou em sua vida a partir do projeto social. Molly Davis e Andy Davis afirmaram que não mudou, em uma ideia de que tudo permanece estável. Esses dois participantes são os que estavam a menos tempo no projeto social. Percebo os dois um pouco desanimados ao falar que não houve mudanças e, embora não haja uma inferência precisa, em mim ressoa também como reflexo da falta de esperança. Porém, todos os outros participantes apontaram mudanças e transformações em suas vidas, a partir da vivência no projeto social, como a consciência de responsabilidade e compromisso que adquiriram nas atividades provocadas.

Além de proporcionar também aos adolescentes um olhar mais atento e de reflexão referente às questões sociais, como assuntos cotidianos que envolvem política, que os educadores trazem para discussão no projeto social. Nos enunciados desse bloco, isso está organizado como advindo da relação de alteridade eu-outro, na categoria “Pensamento crítico”.

Surge também, referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade eu-mundo, a categoria discursiva “circunstância”, na qual os adolescentes, ao serem indagados se esperam que algo ainda pode mudar na vida deles, através do projeto social, expõem que algo vai mudar, mas não necessariamente a partir de algum impacto que o projeto social possa causar. Atribuem as mudanças a outros fatos circunstanciais da vida, porque é comum que as coisas mudem “naturalmente”.

Ainda referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade eu-mundo, a categoria discursiva “desesperança” advém de enunciados em que os adolescentes participantes trazem marcas em seus discursos de que evitam criar sonhos e expectativas para uma vida futura. É como uma espécie de desânimo e falta de esperança, como se não acreditassem que algo de bom pudesse acontecer e não valesse a pena fazer planos futuros. Assim, preferem viver

o tempo presente, sem pensar demais no futuro. Oliveira (2015) afirma que isso ocorre, porque esses jovens trazem em comum a incerteza em projetos longos, desejam mais imediatismo na dignidade em serviços básicos, como educação, saúde e transportes de qualidade do que grandes profissões e patamares na vida. Todavia seguem a lógica de valorizar mais o que está ao alcance do que descobrir o que virá.

Porém, mesmo sem pretensão de pensar no futuro, ainda assim esperam algo, como “segurança”, categoria discursiva que surge, referente aos enunciados desse bloco. Andy Davis deseja ter segurança financeira e trabalhar no que gosta, busca, com isso, tranquilidade na sua vida futura, uma vida estável. Sobre isso, Silva (2016) constata interesses juvenis mais voltados à vida profissional, nesse contexto da adolescência e juventude, Araújo (2019) afirma que os indivíduos passam por diversas mudanças, portanto obter um projeto de vida torna-se um meio de proteção.

É como se fosse inevitável pensar no futuro devido à cobrança social e à urgência que o jovem-adolescente de periferia tem em relação a suas necessidades socioeconômicas, surgindo assim a categoria discursiva “condições sociais”, referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade, eu-mundo. Sobre isso, a participante Jessie afirma evitar pensar no futuro, mas diz acabar pensando, como se fosse uma necessidade ou uma cobrança social, até mesmo devido ao fato de estar no período escolar do ensino médio. Por isso, Farias (2018) expõe que os jovens têm uma visão minimizada referente à condução presente na sociedade, que os leva muitas vezes à frustração em seus projetos de vida.

Contudo também na relação de alteridade eu-outro, Jessie expressa o desejo de fazer faculdade de psicologia e a motivação dela para isso vem do exemplo que ela tem dos educadores do projeto social. Jessie deseja ajudar as pessoas assim como esses profissionais ajudam no projeto, desse modo fica perceptível uma identificação com os educadores e o projeto social como um meio que auxilia para pensar no futuro. Oliveira (2015), também apresenta o trabalho entre os jovens, como essencial nos projetos de vida, porém, deparando-se com possibilidades restritas nesse âmbito, escolhem profissões que consideram como mais próximas possíveis da realidade em que vivem, uma vez que a sociedade contribui constantemente nessa condução, não oferecendo muitas saídas de oportunidades.

Referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade eu-comigo, surge a categoria discursiva “dúvida”, na qual as adolescentes Barbie e Molly Davis afirmam ainda não saber o que querem do futuro. Esse espaço para a dúvida é importante, pois diante de tantos processos que os adolescentes precisam viver frente à transição para a fase adulta, como desenvolvimento biológico, psicológico e social, o processo das escolhas futuras acabam se

tornando mais uma exigência e a dúvida torna-se como esse espaço para a reflexão. Araújo (2019) também evidencia as muitas incertezas expostas pelos jovens em relação ao futuro, tornando assim uma projeção cada vez mais recente, sem expectativas para um futuro mais distante.

Junto a isso, referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade eu-mundo, surge a categoria discursiva, “possibilidades”, na qual a participante Bunnie expressa: “...se você não sabe o que você quer, tudo é uma possibilidade”. Diante disso, a dúvida traz consigo possibilidades, portanto nesse contexto, a dúvida é tida como positiva e que pode gerar uma amplitude de possibilidades futuras. No entanto, parece haver uma entrega a esse futuro, sem planejamento ou projeto. O que pode ser relacionado às visões de Bauman (2003) e Maffesoli (1998) sobre a pós-modernidade e uma caracterização sobre processos que caracterizariam as juventudes vivenciadas nesta contemporaneidade, diante das necessidades de envolvimento social.

Além disso, referente aos enunciados desse bloco, na relação de alteridade eu-comigo, surge a categoria discursiva “desânimo”, que se refere ao período de quarentena da covid-19, vivenciado durante a realização do GF. Diante do impacto que essa calamidade trouxe aos sonhos e perspectivas de futuro dos adolescentes, estes apontam o desânimo diante do cenário vivido, por não enxergar oportunidades possíveis; desânimo de um tempo em que não se podia fazer nada, a não ser ficar em isolamento em casa. No entanto, os participantes expressam, durante todo esse bloco, que o motivo do desânimo vai além da pandemia e, antes mesmo do quadro de isolamento social e medidas de segurança para conter a pandemia, já havia a falta de perspectiva. A fatalidade da pandemia da covid-19 agravou, no entanto, as circunstâncias de forma a gerar ainda mais incertezas. Araújo (2019) afirma que há diversos fatores que acarretam esse pensamento dos jovens com foco em relações de curto e médio prazo, como as instabilidades do país e das condições socioeconômicas e o desenvolvimento e uso de tecnologias, que acontecem com muita rapidez e transformam o mundo.

5.5 Dialogando com cada bloco

Diante da análise dialógica do discurso, em cada bloco, no tocante aos resultados, o bloco **Projeto Social** fez emergir as categorias discursivas: sentimento, pertencimento, distância, conexão/interação, passatempo e vínculos; de forma a abarcar a discussão obtida pelos adolescentes participantes da pesquisa, referente as suas impressões sobre o projeto social, nas quais os adolescentes expressam as suas emoções, o quanto se sentem pertencentes a

realidade de vivência do projeto social, além do fator geográfico como a distância que pode influenciar no estímulo para uma melhor participação no projeto social. Junto a isso, a conexão e interação com os educadores é tido como algo positivo que incita a reflexões dos acontecimentos externos, mas também demonstra a relação de afeto dos adolescentes com os educadores que acaba levando a um apego que traz um sofrimento maior com a saída dos educadores.

Além disso, o projeto social nesse processo também é visto como um passatempo, como uma distração boa que leva a sair da rotina e esquecer os problemas vividos em outros ambientes e o projeto social ajuda a amenizar as vivências mais difíceis da vida e trazer uma leveza para os adolescentes. Com isso aparecem também os vínculos como meios de compartilhamento de informações que conduzem os adolescentes a fazer parte do projeto social e também o desejo dos adolescentes em construir vínculos visando amizades no projeto social.

Junto a isso, apresento os sentidos produzidos no bloco **Amizade** por esses adolescentes participantes do projeto social, a partir das relações de alteridade, eu-comigo, eu-outro e eu-mundo e as categorias discursivas: colaboração, projeto social como marco afetivo, confiança, laço familiar, sentimento, incentivo, convivência e distância. A amizade para os adolescentes desta pesquisa tem o sentido de colaboração, como uma via em que os dois lados se beneficiam e se ajudam mutuamente dividindo os sentimentos e podendo contar com o outro sempre que for necessário.

Tanto o projeto social é apontado pelos adolescentes como um marco para construções de relações duradouras de amizade que vão além do projeto social, como também os adolescentes se contradizem, ao afirmar que as amizades que têm no projeto social ficam apenas restritas ao espaço do projeto social e não se relacionam além disso, hora dizem que se comunicam com os amigos por redes sociais fora do projeto e hora que as relações não vão além do projeto.

Também é essencial para os adolescentes que na relação de amizade encontrem a confiança no outro, a quem possa ser trocado confidências e conselhos sem preocupação ou desconfiança. Ainda é enfatizado que não é possível ter uma relação de amizade, sem confiança. Dessa forma, esse fator é posto pelos adolescentes como uma prevenção a traições e possíveis decepções nas relações de amizade, as quais também já foram vivenciadas. Isso pode ser relacionado ao termo “comunidade”, descrito por Bauman (2003), que refere-se a sentimentos bons, como proteção, aconchego, em que as pessoas se ajudam, assemelhando-se, às “tribos” de Maffesoli (1998), as quais se referem ao que as pessoas sentem falta e que é necessário que aconteça para estar seguro e despreocupado.

Outro sentido dado pelos adolescentes é a relação de amizade comparada ao laço familiar, quando os laços de amizade são fortes a ponto de comparar a pessoa como um membro da família. Ao mesmo tempo em que os adolescentes expressam seus sentimentos em relação a amizade, em outros momentos, como da apresentação de algumas imagens sobre amizade durante o GF, dizem não sentir nada, mais uma contradição que aparece durante esse bloco. A amizade também aparece como sentido de incentivo para que os adolescentes não desistam do projeto social, de modo que também se cruzam nesse momento as perspectivas futuras junto à amizade, pois o fato de ajudar a não desistir, impacta em outras áreas da vida, inclusive com as perspectivas de futuro.

Para os adolescentes a amizade também acontece a partir da convivência no projeto social, pois mesmo quando é difícil criar vínculos e as pessoas são mais fechadas a se relacionar, o projeto proporciona momentos em grupos nos quais as relações começam a se estreitar e podem se tornar uma amizade. Sobre isso, Maffesoli (1998), fala sobre o ponto de vista e contextos vividos das pessoas que são originados a partir de grupos sociais. Maffesoli (1998) aponta para a interação como “declínio do individualismo” e a movimentação que acontece em ambiente de comunicação, que permitem um dinamismo nas interações. Outra situação que pode desproporcionar a relação de amizade no projeto social é a distância em que os participantes residem do mesmo, pois dessa forma, fica mais difícil ter contato fora do projeto social e estreitar os laços de amizade.

Em relação às **Perspectivas de futuro** dos adolescentes encontradas nesta pesquisa, a partir das relações de alteridade eu-comigo, eu-outro e eu-mundo surgiram as seguintes categorias discursivas: estabilidade, transformação, discussão, circunstância, desesperança, segurança, condições sociais, dúvida, possibilidade e desânimo. Os participantes apontam estabilidade e transformação a partir da participação no projeto social, de forma que a vida permanece estável, mas também há transformações em relação a adquirir responsabilidade e compromisso a partir da vivência no projeto. Além dos educadores do projeto provocarem discussões que levam os participantes a refletir sobre os acontecimentos recentes atuais que ocorrem no mundo.

Os adolescentes também apontam para uma mudança de vida a partir das circunstâncias naturais, porque expõem que tudo muda naturalmente, mas não acreditam que o projeto social venha a proporcionar grandes efeitos de mudança. Também é apresentada uma desesperança na qual aparece a falta de perspectiva de futuro, a qual os adolescentes evitam criar perspectivas. Apesar disso, aparece ainda uma busca por segurança no futuro, tranquilidade e realização na vida profissional de forma a ter uma vida confortável. Observo que os adolescentes entram em

contradição quando não querem criar perspectivas de futuro e falam sobre as mesmas em seguida, porém é possível compreender que pensam nas perspectivas de futuro apenas porque precisam, como se houvesse uma obrigação social em que as condições socioeconômicas as quais estão expostos levam à necessidade de pensar nessas perspectivas.

Apesar disso, também é apresentada a dúvida de não saber ainda o que querem do futuro e essa dúvida é posta como uma abertura para possibilidades, pois se ainda não está fechado o que se quer do futuro, se tem mais possibilidades para pensar. Contudo a realidade vivenciada durante a pandemia da Covid-19 trouxe desânimo, provavelmente o motivo que despontou para que os adolescentes evitassem pensar no futuro de forma que tudo parecia muito incerto neste momento de calamidade do país. Porém, Maffesoli (2014), tem a concepção de que o aumento da solidão e isolamento é uma característica da pós-modernidade decadente, portanto o comportamento antissocial não se dá por consequência do desenvolvimento tecnológico, ao contrário, este tende a fortalecer ainda mais as relações. Além disso, o autor também fala que nas jovens gerações da pós-modernidade há uma tendência em acomodar-se ao mundo e menos vontade de querer mudar o mundo.

No tocante ao exposto, foi observado que os adolescentes participantes desta pesquisa constroem vínculos através da interação no projeto social, portanto o projeto ajuda nesse processo de construção das relações de amizade, estimulando a vivência em grupos nas quais os educadores são os principais contribuintes na construção desses vínculos, pois promovem o hábito da convivência, através de momentos de reflexões em grupo. Além desses educadores serem um estímulo com o exemplo profissional que leva os adolescentes a desejar seguir os mesmos passos e ajudar as pessoas da mesma forma que os educadores fazem. Os adolescentes também demonstram o desejo e a oportunidade que têm de construir vínculos no projeto social e o projeto social da mesma forma se torna um marco afetivo, onde fazem amizade para além do projeto.

Os participantes dessa pesquisa também expressam que a colaboração um com o outro na amizade é algo importante, há uma ligação disso com a colaboração em grupos que são chamados a ter no projeto social. Assim como a confiança na qual expressam ser essencial em uma amizade e a segurança que os adolescentes esperam nas perspectivas de futuro, podem estar conectadas, pois das duas maneiras buscam uma segurança nos dois aspectos, tanto para o futuro, como nas relações de amizade. Bauman (2003) também fala sobre a busca por segurança no mundo atual e traz o termo “comunidade” associado a algo bom, à sensação de abrigo e proteção, na qual as pessoas podem contar umas com as outras. Dessa forma confirma também a relevância da colaboração já citada acima. Além disso, os adolescentes nesta pesquisa

apontam para o incentivo uns para com os outros na relação de amizade que se vincula às perspectivas de futuro, pois ajuda a não desistir do projeto e mesmo que de forma não intencional, é um exercício para não desistir de outras perspectivas de vida.

Algo também que pode ser comparado é o fato dos adolescentes evitarem criar perspectivas para o futuro, mas mesmo assim falarem sobre essas perspectivas, assim também demonstram um certo desânimo em fazer amizades, mas falam sobre as relações de amizade que constroem e às vezes vão até além do projeto social, talvez o que aconteça é um desânimo e falta de esperança com as pessoas da mesma forma que se desesperam em criar perspectivas futuras, talvez não queiram criar perspectivas com nada. Desacreditados com a vida e a amizade, até esperam algo, mas não criam muitas expectativas por medo de se decepcionar com o futuro e com as pessoas.

Assim como não acreditam que o projeto social possa proporcionar tanta transformação em suas vidas, também não acreditam que as amizades construídas no projeto possam ir muito além. Porém, Barbosa (2007) aponta que este movimento instável nas relações, é uma característica dos jovens, isso acarreta com que os jovens vivam mais o presente, pois esse tempo passa a ser mais importante que o passado e futuro. Uma vez que Caldas (2017) explícita a respeito dos jovens que tem refletido em relação a um futuro próximo, como por exemplo, terminar os estudos e trabalhar, e não pensam muitas vezes em um futuro distante, característico de jovens que residem em periferias urbanas. Fazer faculdade e construir a profissão que deseja, geralmente não passa de um sonho distante para esses jovens.

Porém, apesar dos adolescentes participantes desta pesquisa não apontarem sempre de forma direta os fatores da amizade que se entrelaçam com suas perspectivas de futuro, a mesma está ligada a influência do grupo social em que frequentam, como nos exemplos e ações dos educadores e dos adolescentes que se encontram no projeto social, os quais constroem vínculos. Erikson (1972) a partir da teoria Psicossocial também afirma que o ambiente contribui para a personalidade das pessoas, por isso muitas características do indivíduo, dependem do contexto em que vivem (FERREIRA E FARIAS, 2010). Além de Pontes (2018), também afirmar ser exatamente os interesses comuns que fazem com que aconteça um reencontro ou um novo encontro nas relações de afeto e amizade. No caso da pesquisa atual, o contexto em que se encontram inseridos é o projeto social.

De uma forma geral, foi possível verificar que, nas relações de alteridade, a categoria *eu-comigo* foi encontrada seis vezes nas análises, *eu-outro* nove vezes e *eu-mundo* oito vezes. Interpreto que isso implica que em seus discursos houve uma tendência a destacarem as relações mais voltadas para a interação com o outro, o que pode ter conexão com a dinâmica dos afetos

e o lugar desses outros, nas relações de amizade. Claro que mais do que o quantitativo que esses números implicam, é importante mencionar aspectos qualitativos nessas relações com os pares a serem destacados, como fiz nas análises de cada seção. De todo modo, não surpreende ter encontrado mais ênfase na relação *eu-outro*, dado que, na adolescência, a atividade guia é a comunicação íntima e pessoal.

Da abordagem histórico-cultural, o fundamento de que somos constituídos socialmente ajuda a entender que a categoria *eu-comigo* é um reflexo interno do que é apropriado pelo sujeito, nas interações e nos contextos sociais em que vive. Então, destaco que aspectos das dúvidas que têm em relação ao futuro, dos sentimentos positivos e das emoções ambivalente associadas ao projeto social e ao futuro, bem como às pessoas com as quais se relacionam, advém do coletivo, e não brotam internamente, independente das circunstâncias históricas, pois são frutos que têm origem no social.

Um destaque pode ser dado aos enunciados caracterizados como “pertencimento”, que é uma relação do sujeito consigo mesmo (*eu-comigo*), porém totalmente atrelada às relações *eu-outro* e *eu-mundo*. O adolescente, para desenvolver um senso de pertencimento ao projeto social, precisa ter conexões com o lugar e os significados compartilhados ali, atribuindo sentido ao contexto compartilhado coletivamente. A mediação de educadores, que aparece nos enunciados como favorecedora de reflexões críticas sobre o próprio tempo e para olhar as questões políticas, favorece, sem dúvida, um olhar sobre o futuro a partir da realidade. Logo investir nessas relações de amizade em contextos coletivos pode minimizar alguns processos discursivos que apareceram nos enunciados analisados, e que não ajudaria os adolescentes a olharem para seus futuros de modo mais propositivo, como: violência, desânimo, desesperança.

Percebo, nesse jogo dialógico entre *eu-outro-mundo*, a necessidade de políticas públicas, com investimentos em projetos sociais, e que colocassem os adolescentes e jovens em contato afetivo com pares, com sujeitos de seu tempo, em vínculos que favorecessem o autoconhecimento, o autocuidado, a amorosidade, que são vínculos que poderiam salvar de um adoecimento psíquico. Digo isso dialogando com o que aponta o estudo de Ferreira (2002), sobre uma geração que sofre. As relações de amizade são potentes para a transformação desses sujeitos, principalmente se atreladas a coletivos mais amplos, com alcances sobre o que se passa globalmente, com as devidas conexões locais.

A realização do grupo focal foi um momento muito significativo para a pesquisa. Ao final do encontro, agradei aos participantes por terem aceitado a proposta de participar e pedi para que falassem sobre suas impressões sobre o processo, de forma a realizar uma avaliação de todo esse momento interativo. Então os adolescentes participantes expressaram ter gostado,

achado uma proposta legal e diferente do que já tinham vivido, por ser uma interação de forma on-line. Também observei, como pesquisadora e mediadora do GF, que apenas no início os participantes estavam mais retraídos, mas logo todos se sentiram à vontade para se expressar, também houve alguns desafios como interferências na conexão de internet. Mas no geral foi um espaço dialógico muito interessante. Considero que, apesar dos desafios que a pesquisa on-line trouxe, foi um momento interativo muito rico, agradável e gratificante, que permitiu a emergência de enunciações para respostas às questões de pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender como adolescentes participantes de um projeto social da periferia do Recife-PE produzem sentido para as amizades em suas perspectivas de futuro. Para isso, busquei problematizar os termos *adolescência e juventude* de forma a compreender esses sujeitos e trazer teorias relacionadas a estes termos, sabendo que não são postos nesta pesquisa como sinônimos. São indivíduos que perpassam contextos sociais semelhantes, em condições históricas que envolvem um momento transitório em relação à vida adulta.

A partir da Análise Dialógica do Discurso, da discussão bakhtiana da alteridade nos enunciados, e da Abordagem Histórico-Cultural, de constituição social do desenvolvimento humano, tomando de pano de fundo as teorias sociológicas sobre juventudes, os enunciados dos adolescentes da pesquisa foram categorizados. Alguns resultados são relevantes para a condição histórica em que se encontram esses sujeitos, como a questão da violência, presente nas situações da periferia, e vivências singulares de onde os adolescentes residem.

Percebe-se uma relação de pertencimento com o projeto social que participam, relacionado ao afeto e à necessidade de agrupamento. Verificou-se também uma valorização da conexão e interação com os educadores do projeto social, os quais os adolescentes enfatizam a importância dessa relação de troca e aprendizado, de forma a surgir um vínculo de apego, a ponto de desejarem a volta de educadores que já não fazem parte mais do projeto.

Além disso, pode-se inferir a importância dos vínculos que os adolescentes desejam adquirir no projeto social, ao conceberem o projeto como lugar para se concretizar essa oportunidade, e assim projetam no futuro a possibilidade de novos vínculos. Percebe-se que há vínculos afetivos já existentes, os quais levaram os adolescentes a conhecer e fazer parte do projeto social. Essa relação tem impactos no processo de autoconhecimento e autocuidado, fundamental pelo vínculo de amorosidade, que tem potencial para minimizar adoecimentos socioemocionais, típicos de uma geração.

Ainda se evidenciou a amizade entre os adolescentes e a colaboração como sentido de amizade no projeto social. Enfatizam que colaboram uns com os outros em uma relação, se ajudando mutuamente, e junto a isso aparece também o sentido de amizade relacionado à ideia de confiança e esta é posta como um critério forte para se aprofundar em uma relação de amizade. Com isso também é apontada a amizade como motivação entre os adolescentes para que não desistam, mesmo em momentos mais difíceis que vivenciam no projeto social. Este

incentivo também pode ajudar em outras áreas da vida, como na auto estima para não desistir de outros projetos futuros, uma vez que já houve a experiência de receber apoio nesta área.

Uma rede dialógica interessante para refletirmos sobre as perspectivas de vida desses participantes diz respeito a uma desesperança em relação ao futuro. Nos enunciados, percebeu-se que têm evitado criar expectativas e, na busca por uma vida mais tranquila e estável, aparece o desejo de segurança para o futuro. Contraditoriamente, por mais que os adolescentes evitem fazer planos para o futuro, se deparam com as condições sociais que os impelem a pensar, porém ainda estão envoltos em dúvidas relacionadas ao que desejam para o futuro. O desânimo, que muitas vezes assola as situações dos adolescentes em foco, desmobiliza-os a pensarem em um tempo futuro. A dúvida pode ser vista como positiva, pois não antecipa um encerramento de questões e um desfecho rápido, podendo abrir-se á mais possibilidades e tempo para discernimento. No entanto, quando as dúvidas levam à estagnação e a uma falta de planejamento para o que está por vir, há uma entrega ao futuro, não tomando a autoria de seus passos.

Diante do exposto, a partir desta pesquisa, posso pensar em abarcar outras investigações mais aprofundadas para entender melhor questões que ainda não foram respondidas: por que os adolescentes se apegam tanto a alguns educadores e qual o papel destes em suas escolhas? Como decorrem os vínculos afetivos em casa, com a família, e suas relações com as amigas nos projetos sociais? Além dessas perguntas, pode haver continuidade do estudo, alargando as observações com olhares para outros contextos também de vivência dos adolescentes, fora do projeto social, aumentando assim a rede de afeto.

A pesquisa apresentada me despertou a curiosidade de saber, no jogo de alteridade, sobre o olhar dos educadores para com os adolescentes, uma vez que estes falam de vínculos afetivos e exaltam alguns educadores de forma enfática, durante o grupo focal. Isso me pareceu que os educadores desse projeto social trazem para os adolescentes uma riqueza de reflexões sobre o mundo, suas atualidades e o que nele está acontecendo. Explorar esses aspectos políticos da relação com os educadores pode ampliar a pesquisa para um diálogo com políticas públicas para a juventude, tema que não foi suficientemente estudado nas pesquisas sobre amizade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcio de Freitas do. **Jovens de periferia e a arte de construir a si mesmo: experiências de amizade, dança e morte**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, RS, 2015.

ARAUJO, Murilo Fernandes de. **Projeto de vida de adolescentes participantes de um programa social de popularização de Ciência & Tecnologia**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2018.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: **Questões de literatura e de estética**: BERNADINI, Aurora F. et al. 4 ed. São Paulo: UNESP-UCITEC, 1998. p. 397-428.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARBOSA, Daniele de Souza. **Tamo junto e misturado!: estudo sobre a sociabilidade de jovens alunos em uma escola pública**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BARROS, et al. O CONCEITO DE “SENTIDO” EM VYGOTSKY: CONSIDERAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA. **Psicologia e Sociedade**, p. 174-181, mar. 2009. Disponível em: <http://<https://www.scielo.br/j/psoc/a/khM5xdjJcJdmJX9rDkwJrKD/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

BARBOSA, Daniele de PERES E BARB. **Tamo junto e misturado!/: estudo sobre a sociabilidade de jovens alunos em uma escola pública**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**, 9ª Edição, Austral: Paidós, 2015

BIANCHI, Eduardo. **Comunicação e juventude no Morro da Mangueira : o espaço da Comunidade da Candelária**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, faculdade de Comunicação Social, Rio de Janeiro, 2013.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceito-chaves** / Beth Brait, (org.).- 5. Ed., 6ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020.

BRAIT, Beth. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Gragoatá**, v. 11, n. 20, 30 jun. 2006.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BRASIL. Lei no 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 05 ago. 2013. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm#art48>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Escola Aberta**. Brasília, MEC, 2010 Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/16739-programa-escola-aberta>> Acesso em: 13 jul. 2022

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **O ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – ECA**. Brasília, DF: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 13 jul. 2022. Disponível em:

<<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/o-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente#:~:text=O%20Estatuto%20da%20Crian%C3%A7a%20e%20do%20Adolescente%2C%20Lei,por%20parte%20da%20fam%C3%ADlia%2C%20sociedade%20e%20do%20Estado>>. Acesso em: 14 jul. 2022

BRASIL. Secretaria de Governo. **02.08.2013 - Presidenta Dilma sanciona Estatuto da Juventude nesta segunda-feira (5/8)**. Brasília, DF: Secretaria de Governo, 29 ago. 2014.

Disponível em: <<https://www.gov.br/secretariadegoverno/pt-br/assuntos/noticias/noticias-em-acervo/2013/08/02-08-2013-presidenta-dilma-sanciona-estatuto-da-juventude-nesta-segunda-feira-5-8>> Acesso em: 13 jul. 2022

BOCK, A.M.B. A adolescência como construção social: estudos sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, vol. II, n. I, p. 63-76, jan/jun 2007. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pee/a/LJkJzRzQ5YgbmhcnkKzVq3x/?format=pdf>> Acesso em: 06 jun. 2021

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. **ZYGMUNT BAUMAN: DA JUVENTUDE SÓLIDA PARA A JUVENTUDE LÍQUIDA** Goiás, 2014. vol. 4, n. 8, p. 224-244. Disponível em:

<<https://core.ac.uk/download/pdf/270152048.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2021.

CALDAS, Carolina Drumond Porto Carreiro. **Sentidos e significados da participação em projetos sociais de lazer para a juventude do aglomerado da Serra**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

CALIXTO, Douglas. **Se a existência perdura, é que os homens preferem-na à morte**.

Revistas Eletrônicas Pucrs. [S.I] 2015. Disponível em:

<<https://ptdocz.com/doc/1131089/maffesoli--michel.-o-tempo-das-tribos.-rio-de-janeiro--fo>>. Acesso em: 10 de set. 2020.

CASTRO, Elisa Guaraná de.; MACEDO, Severine Carmem. **Estatuto da Criança e Adolescente e Estatuto da Juventude: interfaces, complementariedade, desafios e diferenças**. Rio de Janeiro, 2019, Rev. Direito Práx vol. 10, n. 2, p. 1214-1238. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rdp/a/KJQwwTJWtWgskWqmSRPDpwy/?format=pdf&lang=pt>>

Acesso em: 15 ago. 2021.

COSTA, Amanda Cristina Ribeiro da. **RELAÇÕES DE AMIZADE DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO**. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento). Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. Acerca do ritornelo. In: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4, p. 115-170. São Paulo: Editora 34, 1997.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski**. Campinas, 2004, Cad. Cedes vol. 24, n. 62, p. 64-81, Campi./2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 08 jun. 2021.

DIAS, Fabiana. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA). **Educa mais brasil**, 2020. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-eca>>. Acesso em: 13 jul. 2022

FARACO, C. A (2003). **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições.

FARIAS. Degiane da Silva. **JUVENTUDE, ESCOLARIZAÇÃO E PROJETO DE VIDA: Representações Sociais dos Jovens de Bragança/Amazônia Paraense**. Tese. (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, 2018.

FERREIRA, Hugo. A geração do quarto: livro discute a saúde mental de crianças e adolescentes. **FOLHA PE**: 10 maio 2022. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/cultura/a-geracao-do-quarto-livro-discute-a-saude-mental-de-criancas-e/226222/>>. Acesso em: 14 jul. 2022

FERREIRA, Tereza Helena Schoen; FARIAS, Maria Aznar. **Adolescência através dos Séculos**. Brasília, vol. 26, n2, abr. / jun. 2010.

FERRO, Elaine Gomes. **O PAPEL DOS PROJETOS SOCIAIS NA VIDA DE ADOLESCENTES EM CONTEXTOS POTENCIAIS DE RISCO E PROCESSOS DE RESILIÊNCIA**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014. Acesso em: 10 jul. 2022.

FLAESCHEN, Hara. Sobre a violência contra crianças, adolescentes e jovens brasileiros. **ABRASCO**, 27 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/posicionamentos-oficiais-abrasco/sobre-a-violencia-contra-criancas-adolescentes-e-jovens-brasileiros/40061/>>. Acesso em: 24 jun. de 2022.

GALLO, Dalvimar. Amigos pela fé. **Anjos de Resgate**, [S.I] 2000. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/anjos-de-resgate/amigos-pela-fe.html>> Acesso em: 21 out. 2020.

GATTI, Bernardete **Angelina**. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Série: pesquisa em educação, v.10, Brasília/DF, 2005. p. 7-41.

GALVÃO, Ayla Arapiraca. **ONDE ESTÁ O FUTURO? PROJETOS DE VIDA DE JOVENS DA PERIFERIA A PARTIR DAS SUAS VIVÊNCIAS DE TEMPO E ESPAÇO**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

GOBBO, Jessica Particelli. **Construção da escala de Projetos de Vida para Adolescentes (EPVA)**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2016.

GOMES, Maria Aparecida Gonçalves, **A dimensão afetiva e a felicidade nos projetos de vida de jovens: um estudo na perspectiva da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

GONÇALVES, Monica Villaça. **A MOBILIDADE URBANA DE JOVENS EM PROJETOS SOCIAIS DO COMPLEXO DO ALEMÃO, NO RIO DE JANEIRO, E**

SUAS RELAÇÕES COM A TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL. Tese (Terapia Ocupacional). Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2020.

HINE, Cristine. **Etnografia virtual.** Barcelona: Ed. UOC, 2004.

LACERDA, Victor. Pernambuco é o estado mais perigoso para jovens, aponta relatório.

ALMA PRETA, 19 de ago. de 2020. Disponível em:

<<https://almapreta.com/sessao/cotidiano/pernambuco-e-o-estado-mais-perigoso-para-ser-jovem-aponta-relatorio>>. Acesso em: 24 de jun. de 2022.

LAGE, Manoela Martins. **Experiências subjetivas e perspectivas de futuro: a juventude do Centro Cultural Cartola – RJ.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social).

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

LATARRI, Maria Conceição Grassano. **A rapaziada do Mundo Novo: amizade, rivalidades e produção de diferenças.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

LIMA, Francisco Silva de. **Amizades e sociabilidades escolares no Facebook: um estudo sobre a conversação online entre jovens moradores da zona rural de Pelotas.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2014.

MAFFESOLI, M. **O Tempo das Tribos - O declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAFFESOLI, Michel. Retrato de uma juventude. [Entrevista concedida a] Juliana Sayuri.

Jornal O Estado de S. Paulo, São Paulo, 17 mai. 2015. Disponível em:

<<http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/531466-retrato-de-uma-juventude6>>. Acesso em: 15 de nov. 2020.

MARINHO, Luciana Lobo. **Juventudes em movimento.** Fortaleza, 1ed. p. 34-69, 371-390, Rec./ 2017.

MEIRELES, Cecília. **Recado aos amigos distantes**, [S.I] 1951. Disponível em:

<<https://www.culturagenial.com/maiores-poemas-amizade-literatura-brasileira-portuguesa/>>. Acesso em: 21 de out. 2020.

MIRANDA, Emília Bezerra de. **NARRATIVAS DE AMIZADE ENTRE JOVENS MULHERES: experimentações em território afetado pelo programa de aceleração do crescimento**. Tese (Doutorado em psicologia). Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Recife, 2018.

MIRANDA, Humberto da Silva. DE MENOR À JOVEM-ADOLESCENTE: (RE) PENSANDO A LEGISLAÇÃO INFANTO-JUVENIL NO BRASIL. In: SILVA, Tarcísio Augusto Alves da. (Org.). **As juventudes e seus diferente sujeitos**. Recife, 2017, 1.ed. p. 120-135.

OLIVEIRA, Antonia Aleksandra Mendes. **Na Terra da Luz: “O sol nasce para todos, mas a sombra é para poucos!” Projetos de vida e campos de possibilidades dos jovens das classes populares**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

PEREIRA, Angelina Pandita. **Adolescência e juventude: contribuições e desafios de escritos soviéticos para a análise da realidade brasileira**. Minas Gerais, 2019, Obutchénie: R. de Didat. e Psic. Pedag./Uberlândia, vol.3, n.3, p.1-25, MG. /2019.

PERES, Flavia; BARBOS, Ezequiel. Jovens do campo e projetos de vida: reflexões da psicologia histórico-cultural. In: SILVA, Tarcísio Augusto Alves da. **As juventudes e seus diferente sujeitos**. Recife, 2017, 1.ed. p. 21-41, Rec./ 2017.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet. In: **Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0346-1.pdf>> Acesso em: 16 fev. 2021

PONTES, Célio Rodrigues de Lima. **Coletivos culturais no Recife: uma cartografia da amizade**. Recife, Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades) - Universidade Federal Rural de Pernambuco / Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2018.

ROCHA, P. J.; MONTARDO, S. P. **Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. E-Compós**, 2005, v. 4, 11. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e>> Acesso em: 16 fev. 2021

ROHLING, Nívea. **A PESQUISA QUALITATIVA E ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: CAMINHOS POSSÍVEIS**. 3º Congresso Ibero-americano em Investigação Qualitativa, Espanha, p. 44-60, jul. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7561/62512014>> Acesso em: 20 jun. 2022

ROLNIK, S. (Org.). **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Santos, Flávia Martins dos; Gomes, Suely Henrique de Aquino. **Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura**¹. Art. Eixo 1 – Educação, Processos de Aprendizagem e Cognição, VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, Paraná 2013.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. **Laços de amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital**. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, faculdade de Educação, Porto Alegre, RS, 2010.

SILVA, Débora Linhares da. **Projetos de vida e estima de lugar: um estudo com jovens adolescentes de escolas públicas de Fortaleza/CE**. Dissertação (mestrado em psicologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

TOASSA, Gisele. **UM ESTUDO SOBRE O CONCEITO DE SENTIDO E A ANÁLISE SEMÂNTICA DA CONSCIÊNCIA EM L. S. VIGOTSK**. 4º Congresso Internacional sobre a Teoria Histórico-Cultural: Significado e Sentido na Educação para a Humanização, Goiânia/GO v.40, n. 111, p.176-184, maio./ago. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/x9LpVSgvMpCHMs9k6QjB8Ss/?lang=pt>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

VIGENTIN, Rafael. **Experiências e sentidos da participação juvenil na contemporaneidade: Um estudo do Levante Popular da Juventude na cidade de Sorocaba-SP**. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, 2016.

VILLAS, Sara. **Formas de sociabilidade entre alunos de uma Escola de Ensino Técnico/Médio**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Autorização para Pesquisa (Pedido de Carta de Anuência)**PEDIDO DE CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA**

Ao Projeto Social.

Ao Coordenador.

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada Perspectivas de Futuro de Adolescentes Participantes de um Projeto Social: Compreendendo os Sentidos das Amizades, pela aluna de mestrado Thialy Thaís da Silva, sob orientação da Profa. Dra. Flávia Mendes de Andrade e Peres, com os seguintes objetivos: compreender como adolescentes participantes de um projeto social da periferia do Recife-PE produzem sentido para as amizades em suas perspectivas de futuro; Caracterizar as relações de alteridade nos enunciados de adolescentes de um projeto social; Analisar as redes dialógicas nos enunciados dos adolescentes entre as relações de amizade no projeto social e as perspectivas de futuro. Necessitamos, portanto, da sua colaboração para entrarmos em contato com os adolescentes participantes do projeto social acima mencionado, para construção de dados da pesquisa. Os dados serão obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas mediadas pela pesquisadora, na plataforma de videoconferência do google <https://meet.google.com/> com sala para o encontro síncrono gerada para fins da pesquisa, um dia antes da entrevista, com 24 horas de antecedência, em acordo prévio e com consentimento dos participantes, e seus responsáveis, assegurados por um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Esclarecemos ainda que os adolescentes participantes nessa pesquisa terão suas identidades preservadas por questões éticas e reitero que a finalidade do trabalho é estritamente científica assegurando a proteção e segurança dos dados coletados.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta coordenação, solicitamos uma carta de anuência, especificando a autorização para darmos início à pesquisa. Agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários (contato: 99287-5346/ thaisthialy@gmail.com).

Recife, 01 de Março de 2021.



Pesquisador(a) Responsável pelo Projeto
Thialy Thaís da Silva

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARTICIPANTES DA PESQUISA

Pesquisa: Perspectivas de Futuro de Adolescentes Participantes de um Projeto Social: Compreendendo os Sentidos das Amizades

Responsável: Thialy Thaís da Silva (contato: 99287-5346/ thaisthialy@gmail.com)

Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

Apresentação e procedimentos:

Esta pesquisa pretende compreender os sentidos das amizades vivenciadas por jovens participantes de um projeto social e as relações com suas perspectivas de futuro. Nossos objetivos são:

Objetivo Geral

- Compreender como adolescentes participantes de um projeto social da periferia do Recife-PE produzem sentido para as amizades em suas perspectivas de futuro.

Objetivos Específicos

- Caracterizar as relações de alteridade nos enunciados de adolescentes de um projeto social;
- Analisar as redes dialógicas nos enunciados dos adolescentes entre as relações de amizade no projeto social e as perspectivas de futuro.

Os jovens serão entrevistados em grupo, com outros participantes da pesquisa, de maneira interativa, por videoconferência, em horário previamente acordado com a pesquisadora, de modo a respeitar as demandas de tempo dos participantes. Caso seja necessário, pode haver, após a entrevista em grupo, uma entrevista individual, conduzida pela pesquisadora, novamente em comum acordo para definição de horários.

Riscos e benefícios:

O benefício esperado com esta pesquisa é que os resultados possam fornecer informações importantes para o projeto social, acerca das interações socioafetivas e possíveis trajetórias de vida dos jovens. Para minimizar riscos psicológicos aos jovens que participarem da pesquisa, oferecemos suporte de acolhimento socioemocional, escuta acolhedora e encaminhamento profissional, caso venha a surgir a necessidade para/com algum participante durante a pesquisa.

Compromissos:

A pesquisadora se compromete a estar sempre disponível para esclarecer dúvidas sobre os procedimentos da pesquisa (contato: 99287-5346/ thaisthialy@gmail.com). Os dados obtidos nas entrevistas serão utilizados para fins exclusivos de pesquisa, servindo apenas para exemplificar as análises e os aspectos importantes acerca do

tema, em produções escritas ou apresentações em eventos de cunho científico, acadêmico e profissional. A identificação dos participantes da pesquisa será mantida sob sigilo. A participação na pesquisa não implicará absolutamente nenhum custo, nem recompensa financeira para os participantes, que poderão retirar este consentimento em qualquer momento da investigação, sem qualquer penalização.

Consentimento:

Eu, _____, responsável pelo(a) jovem _____, fui devidamente apresentado (a) às informações acima e, após lê-las e compreendê-las, decidi que autorizo sua participação na pesquisa.

Recife, ____ de _____ de 2021.

Responsável pelo(a) jovem participante

Responsável pela pesquisa

APÊNDICE C – Carta de Anuência para os Adolescentes

CARTA DE ANUÊNCIA PARA PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA

Aos adolescentes do projeto social.

Solicitamos participação dos adolescentes do projeto social, na realização da pesquisa intitulada *Perspectivas de Futuro de Adolescentes Participantes de um Projeto Social: Compreendendo os Sentidos das Amizades*, a ser realizada através de videoconferência, pela aluna de mestrado Thialy Thaís da Silva, sob orientação da Profa. Dra. Flávia Mendes de Andrade e Peres, com os seguintes objetivos: compreender como adolescentes participantes de um projeto social da periferia do Recife-PE produzem sentido para as amizades em suas perspectivas de futuro; Caracterizar as relações de alteridade nos enunciados de adolescentes de um projeto social; Analisar as redes dialógicas nos enunciados dos adolescentes entre as relações de amizade no projeto social e as perspectivas de futuro. Precisamos, portanto, da sua colaboração para construção de dados da pesquisa. Os dados serão obtidos por meio de entrevista em grupo mediadas pela pesquisadora, na plataforma de videoconferência do google <https://meet.google.com/> com sala para o encontro síncrono gerada para fins da pesquisa, um dia antes da entrevista, com 24 horas de antecedência, em acordo prévio e com consentimento dos participantes, e seus responsáveis, assegurados por um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Esclarecemos ainda que os adolescentes participantes nessa pesquisa terão suas identidades preservadas por questões éticas e reitero que a finalidade do trabalho é estritamente científica assegurando a proteção e segurança dos dados coletados.

Na certeza de contarmos com a sua colaboração, solicitamos a sua participação, para darmos início à pesquisa. Agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários (contato: 99287-5346/ thaisthialy@gmail.com).

Consentimento:

Eu, _____,

fui devidamente apresentado (a) às informações acima e, após lê-las e compreendê-las, decido que desejo participar da pesquisa.

Recife, ____ de _____ de 2021.

Participante

Responsável pela pesquisa

APÊNDICE D – Roteiro Grupo Focal *on-line*

Todas as imagens e as perguntas que possuem alternativas neste roteiro, foram expostas para os participantes em slides no dia da realização do grupo focal.

Olá, sou Thialy (me apresento brevemente, explico sobre a pesquisa e como se dará a entrevista e em seguida continuo).

Primeiro Bloco (Apresentação e características pessoais)

1. Qual a sua idade?
2. Qual o seu Bairro?
3. Há quanto tempo mora nesse Bairro?
4. Você gosta de morar nesse bairro?
5. Com quem você mora?
6. Você ainda está em período escolar?
7. Se sim, qual ano escolar você está cursando?
8. Que tipo de escola você estuda?
9. Você Trabalha?

Segundo bloco (Projeto Social)

Adolescentes no Projeto Social



Fonte – Instagram (2022).

Foi exposta em slide esta imagem dos adolescentes no projeto social e perguntado aos participantes, como se sentem ao ver a imagem.

10. Vocês gostam de fazer parte do projeto social?
11. Escrevam dois pontos positivos e negativos do projeto social:
- Oficinas
Amigos
Educadores
Funcionários
Lanches
Outros: _____
12. Como se dá as relações de vocês com os educadores, funcionários, colaboradores, voluntários, do projeto social?
13. Como vocês conheceram o projeto social?
14. Como foi o acesso de vocês ao projeto social?
- Fácil
Difícil
Burocrático
15. Vocês já participaram de algum projeto social antes deste que participam atualmente?
16. Existe mais algum, ou alguns projetos sociais no bairro, que vocês conheçam ou já ouviram falar?
17. Existe algum projeto social que vocês gostariam de participar, além deste que participam atualmente? Qual?

Terceiro bloco (Amizade)

Amigos de mãos dadas



Fonte – Google (2022).

Foi exposta em slide para os participantes esta imagem de amigos de mãos dadas e perguntado o que sentem ou o que vem à mente ao ver a imagem.

18. O que é amizade para vocês?
19. O que é importante para vocês em uma relação de amizade?

Neste momento, foi exposta novamente em slide na imagem dos adolescentes no projeto social

Adolescentes no Projeto Social



Fonte – Instagram (2022).

20. Vocês têm amigos no projeto social?
21. Vocês acham bom fazer amigos no projeto social?
22. Tem alguém, ou mais de uma pessoa que vocês sejam mais próximos no projeto social?
23. Os amigos no projeto social podem ajudar vocês a:
 - Fazer os dias serem melhores
 - Te fazer mais feliz
 - Ter com quem compartilhar os momentos
 - Não desistir de ir ao projeto
 - Em nada, pois não tenho amigos no projeto
 - Outro: _____
24. Como é construir amizades no projeto social?
 - Fácil (Porque?)
 - Difícil (Porque?)
 - Outro: _____
25. As relações de amizade que vocês fazem no projeto social:
 - Duram muito tempo
 - Acabam rápido
 - Não sei, eu não tenho amigos no projeto
26. Os amigos que vocês fazem no projeto social vão além do projeto?

27. Vocês mantêm contato com seus amigos do projeto social através da internet/ redes sociais / plataformas digitais? Como é esse contato?
28. Vocês acham que as suas amizades do projeto social te ajudam a permanecer e a não desistir, não apenas do projeto, mas também de outras coisas na sua vida?

Pessoas se comunicando de forma virtual



Fonte: Google (2022).

Neste momento foi exposta em slide a imagem de pessoas se comunicando virtualmente.

29. Durante o período de quarentena da COVID-19 a comunicação virtual tem impactado nas suas relações de amizade no projeto social?

Quarto bloco (Perspectivas de Futuro)

Imagem de futuro



Fonte: Google (2022).

Neste momento foi exposta em slide uma imagem sobre futuro.

30. Vocês acham que algo mudou em suas vidas depois que vocês começaram a participar do projeto social?
31. Vocês acham que algo ainda pode mudar na vida de vocês através do projeto social?

32. Vocês têm sonhos e expectativas para a vida? O que vocês esperam ou desejam fazer?
33. Vocês acham que do projeto social pode ajudar a realizar os seus sonhos e expectativas de vida?
34. O período de quarentena da COVID-19 tem impactado nos seus sonhos e nas suas perspectivas de futuro?

Sim, pois sinto desanimo

Não, continuo com os mesmos sonhos e perspectivas

Um pouco, mas continuo com meus sonhos e perspectivas

Eu não tenho sonhos, nem perspectivas